



Ler e ESCREVER

Livro de Textos do Aluno



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO



Livro de Textos do Aluno

3ª Edição

*Se este livro for perdido
E por acaso for achado
Para ser bem conhecido
Leva meu nome assinado*

Governo do Estado de São Paulo

Governador
José Serra

Vice-Governador
Alberto Goldman

Secretário da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário-Adjunto
Guilherme Bueno de Camargo

Chefe de Gabinete
Fernando Padula

Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas
Valéria de Souza

Coordenador de Ensino da Região Metropolitana
da Grande São Paulo
José Benedito de Oliveira

Coordenador de Ensino do Interior
Rubens Antônio Mandetta de Souza

Presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Educação
Fábio Bonini Simões de Lima

Diretora de Projetos Especiais da FDE
Claudia Rosenberg Aratangy

Coordenadora do Programa Ler e Escrever
Iara Gloria Areias Prado

Esta obra é uma adaptação de “Alfabetização: livro do aluno”, volumes I a III, publicada pela Fundescola/Secretaria de Ensino Fundamental/MEC em 2000 para o Projeto Nordeste.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239L

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.

Ler e escrever: livro de textos do aluno / Secretaria da Educação,
Fundação para o Desenvolvimento da Educação; seleção dos textos,
Claudia Rosenberg Aratangy. 3. ed. São Paulo : FDE, 2010.
192 p. : il.

Adaptação de “Alfabetização: livro do aluno”, volumes I a III, publicado
pela Fundescola/Secretaria de Ensino Fundamental/MEC em 2000 para o
Projeto Nordeste.

Documento em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

1. Literatura infantil 2. Ensino fundamental 3. Leitura 4. Atividade
pedagógica 5. Programa Ler e Escrever 6. São Paulo I. Título. II. Fundação
para o Desenvolvimento da Educação. III. Aratangy, Claudia Rosenberg.

CDU: 82-93

Querido aluno, querida aluna

Este livro foi feito especialmente para você. São textos variados: canções para você cantar, adivinhas para você descobrir a resposta, decorar e depois perguntar aos seus amigos, poemas para você recitar, parlendas para você brincar, quadrinhas para você se divertir, histórias para você se emocionar, receitas para você cozinhar... e muitos outros, que não só vão ajudar você a aprender a ler, mas também vão deixar você cada vez mais sabido(a)!

Alguns destes textos você poderá ler sozinho(a) mesmo que ainda esteja começando a aprender a ler; outros você irá ler com a ajuda de sua professora ou de seu professor; outros, ainda, serão lidos por sua professora ou professor, mas você poderá acompanhar a leitura.

O livro é seu e você deverá cuidar bem dele para que possa usá-lo não só este ano, mas nos próximos também. **Você pode levá-lo para casa** para ler com seus familiares, para mostrar para outros amigos ou, simplesmente, para se divertir, cantar, se emocionar, brincar, cozinhar, aprender...

Divirta-se e aproveite!

Equipe do Programa Ler e Escrever

Sumário

1ª Parte – Textos para ler em voz alta, se emocionar ou se divertir 9

Parlendas	10
Trava-línguas	14
Adivinhas	17
Cantigas de roda	20
Canções	31
Poemas	34
Quadrinhas	44

2ª Parte – Histórias para rir, chorar, se divertir e se assombrar 53

Contos	54
Irmãos Grimm	
O Príncipe-rã ou Henrique de Ferro	54
A Bela Adormecida	57
João e Maria	61
Branca de Neve	65
Rumpelstichen	69
O Gato de Botas	72
Rapunzel	76
Cinderela	79
Os Sete Corvos	85
Chapeuzinho Vermelho	88
Charles Perrault	
Chapeuzinho Vermelho	92
O Pequeno Polegar	94
Hans Christian Andersen	
O Soldadinho de Chumbo	98
O Patinho Feio	102
O Rouxinol do Imperador	106
As Roupas Novas do Imperador	110
Ítalo Calvino	
Joãozinho-sem-medo	114
As mil e uma noites	
Ali Babá e os Quarenta Ladrões	116
Contos brasileiros	
O Bicho Manjaléu	124
O Macaco e o Rabo (1)	128
O Macaco e o Rabo (2)	129
A Onça, o Macaco e o Boneco de Cera	131

Fábulas	137
O Ratinho, o Gato e o Galo	137
O Corvo e o Jarro	138
A Gansa dos Ovos de Ouro	138
O Cão e o Osso	138
O Vento e o Sol	139
O Leão e o Ratinho	139
A Rã e o Touro	140
O Galo e a Raposa	140
A Raposa e as Uvas	140
O Galo e a Pérola	141
A Formiga e a Pomba	141
O Leão e o Javali	142
O Lobo e o Cão	142
Lendas e mitos	143
Oxóssi	143
Maria Pamonha	145
Como a Noite Apareceu	147
Pandora	149
Narciso	150
3ª Parte – Textos para estudar, conhecer a vida de pessoas interessantes, saber como jogar ou cozinhar	153
Textos de divulgação científica	154
Borboleta-de-praia	154
Galo-de-campina	155
Pelo da gata pode ter mais cor que o do macho	155
Desmatamento	155
Lixo orgânico e inorgânico	156
Quando os animais mentem	156
O Cruzeiro do Sul	157
Borboletas urbanas	158
Nem cobra nem minhoca	159
O Pantanal	161
Costumes pantaneiros	162
Diversidade	164
Gigante entre as araras	166
Textos instrucionais	167
Receitas	167
Doces	
1. Pamonha do Norte	167
2. Bolinhos de Tapioca	168
3. Broas de Fubá	168
4. Cocadas de Ovos	169
5. Arroz-doce	169

Salgados	
1. Batata frita	170
2. Bolinhos de Arroz	170
3. Macarrão ao Alho e Óleo	171
Jogos e brincadeiras	172
1. Queimada	172
2. Pique-bandeira	173
3. Vassourobol	174
4. Bola ao centro	175
5. Guerra das bolas	175
6. Carimbo	176
7. Quem toca mais ganha	177
8. Alerta	178
9. Beisebol de chute, ou rebatida	178
10. Câmbio	179
11. Taco ou Bétis	179
12. Dois toques (futebol)	180
13. Ataque e defesa (futebol)	181
14. Controle (futebol)	181
15. Rebatida e drible (futebol)	182
16. Cinco corta (vôlei)	182
17. Vinte e um (vôlei)	183
18. Cabra-cega	183
19. Coelhinho sai da toca	184
20. Pega-pegas corrente	184
21. Mãe da rua	185
22. Nunca três	185
23. Fugiu fugiu	186
Jogos de cartas para crianças	186
1. Bum!	186
2. Anote o bum!	187
3. A batalha	188
4. Trinta e um	188
Biografias	189
Dom Pedro I	189
Cecília Meireles	190
Gonçalves Dias	190
Santos Dumont	190





1ª Parte – Textos para ler em voz alta, se emocionar ou se divertir

Esta é a primeira parte de seu livro de textos. Aqui você vai encontrar **parlendas, trava-línguas, adivinhas, cantigas de roda, canções, poemas e quadrinhas**.

As **adivinhas**, as **cantigas de roda**, as **parlendas**, as **quadrinhas** e os **trava-línguas** são textos da tradição oral brasileira — isso quer dizer que foram feitos para ser falados. A maioria deles é de domínio público, ou seja, não se sabe quem os inventou: foram simplesmente passados de boca a boca, das pessoas mais velhas para as mais novas. Você deve conhecer textos desse tipo, mesmo que não seja os que estão aqui; lembre-se daqueles que são contados pelas pessoas do lugar em que você vive.

As **canções** escolhidas para este livro, de diferentes épocas e estilos musicais, são as que ficaram conhecidas por muitos brasileiros. Você pode aproveitar as canções que já sabe e gosta e também escrevê-las e cantá-las.

Os **poemas** são textos parecidos com as canções, só que não são musicados. Alguns dos que estão aqui foram feitos especialmente para crianças. Repare que os poemas, assim como as quadrinhas e os trava-línguas, “brincam” com os sons das palavras e com o seu significado.

Estes textos são para você ler, reler, cantar, brincar, declamar, adivinhar e se divertir.

Bom proveito!

CADÊ O TOUCINHO QUE ESTAVA
AQUI?
O GATO COMEU
CADÊ O GATO?
FOI PRO MATO
CADÊ O MATO?
O FOGO QUEIMOU
CADÊ O FOGO?
A ÁGUA APAGOU
CADÊ A ÁGUA?
O BOI BEBEU
CADÊ O BOI?
FOI CARREGAR TRIGO
CADÊ O TRIGO?
A GALINHA ESPALHOU
CADÊ A GALINHA?
FOI BOTAR OVO
CADÊ O OVO?
O PADRE BEBEU
CADÊ O PADRE?
FOI REZAR MISSA.
CADÊ A MISSA?
ACABOU!

CABRA CEGA DE ONDE VEIO?
VIM DO PANDÓ
QUE TROUXESTE PRA MIM?
PÃO-DE-LÓ
ME DÊ UM PEDACINHO?
NÃO DÁ PRA MIM
QUANTO MAIS PRA TUA AVÓ.







TRAVA-LÍNGUAS

O RATO E A ROSA RITA

O RATO ROEU A ROUPA DO REI DE ROMA,
O RATO ROEU A ROUPA DO REI DA RÚSSIA,
O RATO ROEU A ROUPA DO RODOVALHO...
O RATO A ROER ROÍÁ.
E A ROSA RITA RAMALHO
DO RATO A ROER SE RIA.

A RATA

A RATA ROEU A ROLHA
DA GARRAFA DA RAINHA.

PINTOR PORTUGUÊS

PAULO PEREIRA PINTO PEIXOTO,
POBRE PINTOR PORTUGUÊS,
PINTA PERFEITAMENTE
PORTAS, PAREDES E PIAS,
POR PARCO PREÇO, PATRÃO.

PEDRO

SE O PEDRO É PRETO,
O PEITO DO PEDRO É PRETO
E O PEITO DO PÉ DO PEDRO É PRETO.

GATO

GATO ESCONDIDO
COM RABO DE FORA
TÁ MAIS ESCONDIDO
QUE RABO ESCONDIDO
COM GATO DE FORA.

RETRETA

QUANDO TOCA A RETRETA
NA PRAÇA REPLETA
SE CALA O TROMBONE
SE TOCA A TROMBETA.

TATU

— ALÔ, O TATU TAÍ?
— NÃO, O TATU NUM TÁ.
MAS A MULHER DO TATU TANDO,
É O MESMO QUE O TATU TÁ.

TIGRES TRISTES

TRÊS PRATOS
DE TRIGO
PARA TRÊS TIGRES
TRISTES.

PARDAL PARDO

— PARDAL PARDO, POR QUE PALRAS?
— PALRO SEMPRE E PALRAREI,
PORQUE SOU O PARDAL PARDO,
O PALRADOR D'EL-REI.

O SAPO NO SACO

OLHA O SAPO DENTRO DO SACO,
O SACO COM O SAPO DENTRO,
O SAPO BATENDO PAPO
E O PAPO SOLTANDO VENTO.

SABIÁ

VOCÊ SABIA
QUE O SÁBIO SABIÁ
SABIA ASSOBIAR?

TEMPO

O TEMPO PERGUNTOU PRO TEMPO
QUANTO TEMPO O TEMPO TEM.
O TEMPO RESPONDEU PRO TEMPO
QUE O TEMPO TEM TANTO TEMPO
QUANTO TEMPO O TEMPO TEM.

O VELHO

POR AQUELA SERRA ACIMA
VAI UM VELHO SECO E PECO.
— Ô, SEU VELHO SECO E PECO!
ESTE CEPO SECO É SEU?

ZÉ É

ZÉ É
CATIBIRIBÉ
SEJA MATUTÉ
DE FIRIFIFÉ.

PINTO

O PINTO PIA,
A PIPA PINGA.
PINGA A PIPA,
O PINTO PIA.
PIPA PINGA.
QUANTO MAIS
O PINTO PIA,
MAIS A PIPA PINGA.

NINHO DE MAFAGAFOS

NUM NINHO DE MAFAGAFOS
HÁ CINCO MAFAGAFINHOS.
QUEM OS DESMAFAGAFIZAR,
BOM DESMAFAGAFIZADOR SERÁ.

A PIA PERTO DO PINTO

O PINTO PERTO DA PIA.
TANTO MAIS A PIA PINGA,
MAIS O PINTO PIA...
A PIA PINGA,
O PINTO PIA,
PIA PINTO.
O PINTO PERTO DA PIA,
A PIA PERTO DO PINTO.

PATO PACO

PATO PACO
OU PACO PATO
PACATO
PATACO ATACA
PAGOU O PATO.
POBRE PATO PACO
OU PACO PATO?

.....

A BABÁ BOA BEBEU
O LEITE DO BEBÊ.
FAROFA FEITA
COM MUITA FARINHA FOFA
FAZ UMA FOFOCA FEIA.

.....

O BISPO DE CONSTANTINOPLA
QUER SE DESCONSTANTINOPOLIZAR.
QUEM CONSEGUIR
DESCONSTANTINOPOLIZAR
O BISPO DE CONSTANTINOPLA
BOM DESCONSTANTINOPOLIZADOR
SERÁ.

.....

UMA FOLHA VERDOLENGA
QUEM DESVERDOLENGAR
BOM DESVERDOLENGADOR SERÁ.
EU, COMO DESVERDOLENGUEI
BOM DESVERDOLENGADOR SEREI.





ADIVINHAS

O QUE É, O QUE É...

1. Por que é que o boi sobe o morro?
2. Tem casa, mas mora em cima?
3. Tem cabeça, tem dente, tem barba, não é bicho e não é gente?
4. Tem boca, tem língua, mas não fala?
5. Cai em pé e corre deitado?
6. Tem chapéu, mas não tem cabeça,
Tem boca, mas não fala,
Tem asa, mas não voa,
Tem bico, mas não belisca?
7. Está no meio do ovo?
8. Falta numa casa para formar um casal?
9. Quem é que nasce no rio, vive no rio e morre no rio, mas não está sempre molhado?
10. O que é que corre em volta do pasto inteiro sem se mexer?
11. O que é que enche a casa, mas não enche a mão?
12. Pode ser grande ou pequeno, mas tem sempre a dimensão de um pé?
13. O que é que nunca passa e sempre está na frente?
14. Qual a formiga que sem a primeira sílaba vira fruta?
15. O que é que nunca volta, embora nunca tenha ido?
16. O que é que sempre se conta e raramente se desconta?
17. O que é que pode ser de ferro, de gelo, de chocolate e de água ao mesmo tempo?
18. O que é que não é de carne, nem de osso, mas se enche de carne viva para aguentar as espetadelas?
19. O que é: o ferreiro faz, o cavalo usa, no jardim é flor, na comida é tempero, mas no rosto é marca?
20. O que é que pode passar diante do sol sem fazer sombra?
21. Onde se encontra o centro de gravidade?

Respostas
1. Porque não pode passar por baixo. 2. Botão. 3. Alho. 4. Sapato. 5. Chuva. 6. Bule. 7. A letra V. 8. A letra L. 9. O caríoca. 10. A cerca. 11. Botão. 12. Sapato. 13. O futuro. 14. Saúva. 15. O passado. 16. Idade. 17. Barra. 18. Dedal. 19. Cravo. 20. O vento. 21. Na letra I.



44. O que é que quanto mais cresce, mais baixo fica?

45. O que é que tem mais de quarenta cabeças e não pode pensar?

46. Dois irmãos irmanados
Um se come cru, outro assado
Quem são?

47. Altas varandas
Formosas janelas
Que abrem e fecham
Sem ninguém tocar nelas

48. Eu me chamo cama
Nela ninguém se deita
Só leão se ajeita
Quem sou?

49. Ele morre queimado
Ela morre cantando

ADIVINHAÇÕES EM VERSINHOS

50. Vamos ver se me responde se é possível descobrir: o que é bem fácil de entrar, mas difícil de sair?

51. O que é, o que é mesmo?
Quero ver se vai saber,
Que está bem na sua frente,
Mas você não pode ver?

52. O que será, o que será?
Que me preocupa tanto...
Viaja por todo o mundo
Mas fica sempre em seu canto?

53. Onde será que você,
Mesmo sem ser banqueiro,
Mesmo sem ser milionário,
Pode sempre achar dinheiro?

54. Todo mundo precisa,
Todo mundo pede,
Todo mundo dá,
Mas ninguém segue?

55. O que está fora você joga fora.
Cozinha o que está dentro
E come o que está fora
Depois, o que está dentro você
joga fora...

56. Responda se for capaz,
Sem ficar atrapalhado:
Nosso rei Pedro Segundo,
Onde é que foi coroado?

57. Bicho manso e saltador,
Gosta de ir aos pinotes,
Levando, cheio de amor,
Dentro da bolsa os filhotes.

58. Com dez patas vai de lado,
Constelação tem seu nome,
Não tem pescoço e é caçado
Porque é gostoso e se come.

44. Rabo de cavalo. 45. Caixa de fôstros. 46. Caju e castanha. 47. Olhos. 48. Camaleão. 49. Cigarro e cigarra. 50. Alho no espremedor. 51. O futuro. 52. Selo. 53. No dicionário. 54. Conselho. 55. Espiga de milho. 56. Na cabeça. 57. Canguru. 58. Caranguejo.

Respostas





BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU

O bá-bé-bi-bó-bu
Vamos todos aprender,
soletrando o bê-á-bá.
na cartilha do ABC. [bis]

O M é uma letra que se
escreve no ABC.
Maria, você não sabe
como eu gosto de você. [bis]

A BARATA

A barata diz que tem
sete saias de filó.
É mentira da barata,
ela tem é uma só.

Ah! Ah! Ah!
Oh! Oh! Oh!
Ela tem é uma só.

A barata diz que tem
sete saias de balão.
É mentira, ela não tem
nem dinheiro pro sabão.

Ah! Ah! Ah!
Oh! Oh! Oh!
Nem dinheiro pro sabão.

A barata diz que tem
um sapato de fivela.
É mentira da barata,
o sapato é da mãe dela.

Ah! Ah! Ah!
Oh! Oh! Oh!
O sapato é da mãe dela.

CACHORRINHO

Cachorrinho está latindo
lá no fundo do quintal.
Cala a boca, cachorrinho!
Deixa o meu benzinho entrar.

Ô, tindô, lelê!
Ô, tindô, lelê, lalá!
Ô, tindô, lelê!
Não sou eu que caio lá.

CARROCINHA

A carrocinha pegou
três cachorros de uma vez [bis]
Tra-la-la-lá
Que gente é essa?
Tra-la-la-lá [bis]
Que gente má!

BALAIO

Eu queria ser balaio, sinhá!
Balaio eu queria ser...
Pra andar dependurado
na cintura de você.

Balaio, meu bem, balaio, sinhá,
balaio do coração...
Moça que não tem balaio, sinhá,
bota a costura no chão.

Eu mandei fazer balaio
pra guardar meu algodão
Balaio saiu pequeno,
não quero balaio, não.

Balaio, meu bem [repete]



PERIQUITO MARACANÃ

Periquito Maracanã
cadê a sua laiá [bis]
Faz um ano, faz dois anos
que eu não vejo ela passar.

Ora vai fechando,
ora vai fechando,
ora vai fechando até fechar.

Ora vai afastando,
ora vai afastando,
ora vai afastando até afastar.

Ora vai pulando,
ora vai pulando,
ora vai pulando até parar.
Vai correndo
até parar.

GUABIRABA

Quebra-quebra guabiraba,
quero ver quebrar
Quebra lá que eu quebro cá,
quero ver quebrar.

MARCHA, SOLDADO

Marcha, soldado,
cabeça de papel!
Quem não marchar direito
vai preso pro quartel.

Marcha, soldado,
cabeça de papelão!
Se não marchar direito,
cai na ponta do facão.

A POMBA NO LAÇO

A pombinha voou, voou
caiu no laço se embaraçou [bis]
Ai me dá um abraço
que eu desembaraço
Essa pombinha [bis]
que caiu no laço.

TERESINHA DE JESUS

Teresinha de Jesus
de uma queda foi ao chão.
Acudiram três cavalheiros,
todos três chapéu na mão

O primeiro foi seu pai;
o segundo, seu irmão;
o terceiro foi aquele
a quem Teresa deu a mão.
Da laranja quero um gomo,
do limão quero um pedaço,
da morena mais bonita
quero um beijo e um abraço.

POMBINHA

Pombinha, quando tu fores,
Escreve pelo caminho.
Se não achares papel,
nas asas do passarinho.

Do bico faz um tinteiro.
Da língua, pena dourada.
Dos dentes, letra miúda.
Dos olhos, carta fechada.

A pombinha voou, voou [bis]
Ela foi-se embora e me deixou.

CAI, CAI, BALÃO

Cai, cai, balão!
Cai, cai, balão,
aqui na minha mão!
Não cai não, não cai não,
não cai não!
Cai na rua do sabão!

GIROFLÊ

Fui passear no jardim celeste
Giroflê, giroflá
Fui passear no jardim celeste
para te encontrar.

Se encontrasse com o rei
Giroflê, giroflá
Se encontrasse com o rei
para te encontrar.
Eu faria reverência
Giroflê, giroflá
Eu faria reverência
para te encontrar.
Se encontrasse com a rainha
Giroflê, giroflá
Se encontrasse com a rainha
para te encontrar.

Eu faria um cumprimento
Giroflê, giroflá
Eu faria um cumprimento
para te encontrar.

Se encontrasse com um soldado,
eu batia continência.
Se encontrasse com o diabo,
eu fazia o sinal-da-cruz.

MEU CHAPÉU

O meu chapéu tem três pontas,
tem três pontas o meu chapéu.
Se não tivesse três pontas,
não seria o meu chapéu.

A CANOA VIROU

A canoa virou,
pois deixaram ela virar.
Foi por causa de (Fulana),
que não soube remar.

Se eu fosse um peixinho
e soubesse nadar,
eu tirava (Fulana)
do fundo do mar.

Airi pra cá,
airi pra lá,
(Fulana) é bela
e quer casar.

SAPO CURURU

Sapo cururu
da beira do rio,
quando o sapo canta,
oh, maninha,
é que está com frio!

A mulher do sapo
deve estar lá dentro,
fazendo rendinha,
oh, maninha,
para o casamento!





CARNEIRINHO, CARNEIRÃO

Carneirinho, carneirão,
neirão, neirão
Olhai pro céu, olhai pro chão,
pro chão, pro chão
Manda o rei, nosso senhor,
senhor, senhor,
para todos se levantarem.
[sentarem, ajoelharem etc.]

FUI NO MAR

Fui no mar buscar laranja,
coisa que o mar não tem.
Voltei toda molhadinha
das ondas que vão e vêm.

Fui no mar da vida um dia,
fui buscar amor também.
O amor que eu queria,
ai, meu Deus, no mar não tem!

Nas ondas fui embalada
até que à praia voltei
sozinha, triste e molhada
das lágrimas que chorei!

TRÊS, TRÊS PASSARÁ

Três, três passará,
derradeiro ficará.
Bom vaqueiro, bom vaqueiro,
dá licença d'eu passar
com meus filhos pequeninos
para acabar de criar.

CAMINHO DA ROÇA

No caminho da roça
tem maracujá,
mas não tem maduro
pra meu bem chupar.

Dona Mariquinha, olê [bis]
Dona Mariquinha, olá

MACHADINHA

Ai, ai, ai, minha machadinha!
Ai, ai, ai, minha machadinha!
Quem te pôs a mão
sabendo que és minha? [bis]

Se és minha,
eu também sou tua. [bis]
Pula, machadinha,
pro meio da rua. [bis]

No meio da rua
não hei de ficar. [bis]

Porque tenho (Fulana)
para ser meu par. [bis]

PEIXE VIVO

Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria [bis]

Como poderei viver [bis]
sem a tua, sem a tua
sem a tua companhia? [bis]

POBRE E RICA

Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, marré, marré.

Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré-de-si.

Eu sou rica, rica, rica
de marré, marré, marré.

Eu sou rica, rica, rica
de marré-de-si.

Quero uma de vossas filhas
de marré, marré, marré

Quero uma de vossas filhas
de marré-de-si.

Escolha a que quiseses
de marré, marré, marré.

Escolha a que quiseses
de marré-de-si.

Eu quero a (Fulana)
de marré, marré, marré.

Eu quero a (Fulana)
de marré-de-si.

Que ofício darás a ela
de marré, marré, marré?

Que ofício darás a ela
de marré-de-si?

Dou ofício de costureira
de marré, marré, marré.

Dou ofício de costureira
de marré-de-si.

Esse ofício (não) me agrada
de marré, marré, marré.

Esse ofício (não) me agrada,
de marré-de-si.

FUI AO TORORÓ

Fui ao Tororó
beber água e não achei.
Encontrei bela morena
que no Tororó deixei.

Aproveita, minha gente,
que uma noite não é nada.
Quem não dormir agora
dormirá de madrugada.

Ó, dona (Fulana),
ó, (Fulanazinha),
entrarás na roda
ou ficarás sozinha.

Sozinha eu não fico,
nem hei de ficar,
porque tenho (Fulana)
para ser meu par.

Deita aqui no meu colinho,
deita aqui no colo meu,
e depois não vá dizer
que você se arrependeu.

Eu passei por uma porta,
seu cachorro me mordeu.
Não foi nada, não foi nada,
quem sentiu a dor fui eu.

MINEIRA DE MINAS

Eu sou mineira de Minas,
mineira de Minas Gerais.
Eu sou carioca da gema,
carioca da gema do ovo.
Rebola-bola
você diz que dá, que dá.
Você diz que dá na bola,
mas na bola você não dá.





PINTINHO

Meu pintinho amarelinho,
cata aqui na minha mão,
na minha mão.
Quando quer comer bichinho,
com seu pezinho
ele cisca o chão.
Ele bate as asas,
ele faz piu-piu,
mas tem muito medo do gavião.
[bis]

SAMBA LELÊ

Samba Lelê tá doente,
tá com a cabeça quebrada.
Samba Lelê precisava
é de umas boas lambadas.

Samba, samba, samba, Lelê!
Pisa na barra da saia, Lalá!

Ó, morena bonita,
onde é que você mora?
Moro na rua da praia,
digo adeus e vou embora.

Samba, samba, samba, Lelê!
Pisa na barra da saia, Lalá!

SÃO JOÃO

São João-da-ra-rão
Tem uma gaita-ra-rai-ta
Quando toca-ra-ro-ca
Bate nela
Todos os anjos-ra-ran-jos
Tocam gaita-ra-rai-ta
Tocam tan-ta-ra-tan-to
Aqui na Terra.

MESTRE ANDRÉ

Foi na loja do mestre André
que eu comprei um pianinho
Plim, plim, plim, um pianinho
Ai olé, ai olé!
Foi na loja do mestre André.

Foi na loja do mestre André
que eu comprei um violão.
Dão, dão, dão, um violão
Plim, plim, plim, um pianinho
Ai olé, ai olé!
Foi na loja do mestre André.

Foi na loja do mestre André
que eu comprei uma flautinha.
Fla, fla, fla, uma flautinha.
Dão, dão, dão, um violão,
Plim, plim, plim, um pianinho.
Ai olé, ai olé!
Foi na loja do mestre André.

AS FLORES

Somos as flores mais perfumadas
que beijam todos os beija-flores.
Somos as flores cheias
de fragrâncias,
que representam o
jardim da infância.

Eu sou a rosa mais perfumada,
que beija todos os beija-flores.
Eu sou a rosa cheia de fragrância
que representa o jardim de infância.

[Eu sou o lírio, o cravo...]

MEU GALINHO

Há três noites que eu não durmo,
ó-lá-lá!
pois perdi o meu galinho,
ó-lá-lá!
Coitadinho, ó-lá-lá!
Pobrezinho, ó-lá-lá!
Eu perdi lá no jardim.

Ele é branco e amarelo,
ó-lá-lá!
Tem a crista vermelhinha,
ó-lá-lá!
Bate as asas, ó-lá-lá!
Abre o bico, ó-lá-lá!
E faz qui-ri-qui-qui

Já rodei em Mato Grosso, ó-lá-lá,
Amazonas e Pará, ó-lá-lá!
Encontrei, ó-lá-lá!
meu galinho, ó-lá-lá!
no sertão do Ceará!

PIRULITO

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu.

Ora, palma, palma, palma!
Ora, pé, pé, pé!
Ora roda, roda, roda!
Caranguejo peixe é.

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu
Que importa a você que eu bata,
se eu bato no que é meu?

A LINDA ROSA JUVENIL

A linda rosa juvenil,
juvenil, juvenil
A linda rosa juvenil,
juvenil
Vivia alegre no solar,
no solar, no solar
Vivia alegre no solar, no solar.
Mas uma feiticeira má,
muito má, muito má
Mas uma feiticeira má,
muito má
Adormeceu a rosa assim,
bem assim, bem assim
Adormeceu a rosa assim,
bem assim.
O tempo correu a passar,
a passar, a passar
O tempo correu a passar,
a passar.
O mato cresceu ao redor,
ao redor, ao redor
O mato cresceu ao redor,
ao redor.
Um dia veio um belo rei,
belo rei, belo rei
Um dia veio um belo rei,
belo rei.
E despertou a rosa assim,
bem assim, bem assim,
E despertou a rosa assim,
bem assim.
Lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá.





PIÃO

(Fulana) não é capaz [bis]
de jogar o pião no chão, oi
lá vai, lá vai, lá vai, oi [bis]
lá vai o pião no chão, oi

DOIS PASSARINHOS

Por esta rua, dominé,
passeou meu bem, dominé.
Não foi por mim, dominé,
foi por alguém, dominé.
Dois passarinhos, dominé,
caíram no laço, dominé.
Não foi por mim, dominé,
foi por alguém, dominé.

Dá um beijinho, dominé,
dá um abraço, dominé,
dá outro beijo, dominé,
dá outro abraço, dominé,
escolha um, dominé,
para seu par, dominé.

ALFACE JÁ ACABOU

Alface já acabou [bis]
a chuva quebrou-lhe o galho
rebola chuchu, rebola chuchu [bis]
rebola senão eu caio.

NA BAHIA TEM

Na Bahia tem, tem, tem, tem
na Bahia tem, oh!, maninha,
coco de vintém.

Na Bahia tem, vou mandar
buscar
máquina de costura, oh!,
maninha,
ferro de engomar.

SENHORA DONA SANCHA

Senhora dona Sancha,
coberta de ouro e prata,
descubra o teu rosto,
queremos ver tua cara.

Que anjos são esses
que andam por aí
de noite e de dia,
Pai-Nosso e Ave-Maria.

Somos filhos de um rei,
netos da rainha.
Senhor rei mandou dizer
que escolhesse uma pedrinha.

O CRAVO E A ROSA

O cravo brigou com a rosa
debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
e a rosa despedaçada.

O cravo ficou doente,
a rosa foi visitar.
O cravo teve um desmaio
e a rosa pôs-se a chorar.

DE ABÓBORA FAZ MELÃO

De abóbora faz melão,
de melão, faz melancia [bis]
Faz doce, sinhá!
Faz doce, sinhá!
Faz doce, sinhá Maria!

Quem quiser aprender a dançar
vá na casa do seu Juquinha [bis]
Ele pula, ele roda,
Ele faz requebradinha.

CANÇÕES

AS PASTORINHAS

Noel Rosa e João de Barro

A estrela d'alva
No céu desponta
E a lua anda tonta
Com tamanho esplendor

E as pastorinhas
Pra consolo da lua
Vão cantando na rua
Lindos versos de amor

Linda pastora
Morena da cor de Madalena
Tu não tens pena
De mim que vivo tonto
Com o teu olhar

Linda criança
Tu não me saís da lembrança
Meu coração não se cansa
De sempre, sempre te amar



SAMBA DO ARNESTO

Adoniran Barbosa

O Arnesto nos convidô
Prum samba
Ele mora no Brás
Nóis fumo e
Num encontremo ninguém
Nóis vortemo cuma baita
Duma reiva
Da outra vez
Nóis num vai mais

Nóis num semo tatu!

Notro dia
Encontremo com o Arnesto
Que pediu descurpa
Mais nós num aceitemos
Isso num se faiz, Arnesto
Nóis num si importa
Mais você divia
Ter ponhado um recado
Na porta. Ansim:
Óia turma, num deu
Pra esperá
Aduvido que isso num
Faz mar,
E num tem importância
De outra vez
Nóis te carça a cara.





GAROTA DE IPANEMA

Vinícius de Moraes e Tom Jobim

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela menina
Que vem e que passa
Num doce balanço, a caminho do mar.
Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda
Que eu já vi passar.

Ah, porque estou tão sozinho
Ah, porque tudo é tão triste
Ah, a beleza que existe
A beleza que não é só minha
Que também passa sozinha.
Ah, se ela soubesse
Que quando ela passa
O mundo inteirinho se enche de graça
E fica mais lindo
Por causa do amor.

BANHO DE LUA

Versão de Fred Jorge

Tomo banho de lua
Fico branca como a neve
Se o luar é meu amigo
Censurar ninguém se atreve
É tão bom sonhar contigo
Oh! Luar tão cândido.
Sob um banho de luar
Numa noite de esplendor
Sinto a força da magia
Da magia do amor
É tão bom sonhar contigo
Oh! Luar tão cândido
Tin tin tin
Raio de lua
Tin tin tin
Bailando vem ao mundo,
Oh! Lua!
A cândida lua vem



Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Até mesmo a asa-branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse: “Adeus, Rosinha,
Guarda contigo meu coração”.

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro
Não chore não, viu?
Que eu voltarei, viu?
Meu coração!

Domínio público

Eu não sou daqui
Marinheiro só
Eu não tenho amor
Marinheiro só
Eu sou da Bahia
Marinheiro só
De São Salvador
Marinheiro só
Lá vem, lá vem
Marinheiro só
Como ele vem faceiro
Marinheiro só
Todo de branco
Marinheiro só
Com seu bonezinho
Marinheiro só
Ó, marinheiro, marinheiro
Marinheiro só
Quem te ensinou a nadar
Marinheiro só
Ou foi o tombo do navio
Marinheiro só
Ou foi o balanço do mar
Marinheiro só





POEMAS

MANUEL BANDEIRA

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar
debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos, mais
limpinhos
Ele não se importava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas
ternurinhas...
— O meu porquinho-da-índia foi
minha primeira namorada.

O BICHO

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um
homem.

TEMA E VARIAÇÕES

Sonhei ter sonhado
Que havia sonhado.

Em sonho lembrei-me
De um sonho passado:
O de ter sonhado
Que estava sonhando.

Sonhei ter sonhado...
Ter sonhado o quê?
Que havia sonhado
Estar com você
Estar? Ter estado.
Que é tempo passado.

Um sonho presente
Um dia sonhei.
Chorei de repente,
Pois vi, despertado,
Que tinha sonhado.

ANDORINHA

Andorinha lá fora está dizendo:
— Passei o dia à toa, à toa!

Andorinha, andorinha, minha
cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa.

TREM DE FERRO

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria, que foi isto,
maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
Da ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...

Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

NAMORADOS

O rapaz chegou-se para junto da
moça e disse:
— Antônio, ainda não me
acostumei com seu corpo, com a
sua cara.
A moça olhou de lado e esperou.
— Você não sabe quando a gente
é criança e de repente vê uma
lagarta listrada?
A moça se lembrava:
— A gente fica olhando...
A meninice brincou de novo nos
olhos dela.
O rapaz prosseguiu com muita
doçura:
— Antônio, você parece uma
lagarta listrada.
A moça arregalou os olhos, fez
exclamações.
O rapaz concluiu:
— Antônio, você é engraçada!
Você parece louca.





VINÍCIUS DE MORAES

O ELEFANTINHO

Onde vais, elefantinho
Correndo pelo caminho
Assim tão desconsolado?
Andas perdido, bichinho
Espetaste o pé no espinho
Que sentes, pobre coitado?
— Ah! estou com um medo
danado
Encontrei um passarinho!

A PORTA

Eu sou feita de madeira.
Madeira, matéria morta.
Mas não há coisa no mundo
Mais viva do que uma porta.

Eu abro devagarinho
Pra passar o menininho
Eu abro bem com cuidado
Pra passar o namorado
Eu abro bem prazenteira
Pra passar a cozinheira
Eu abro de supetão
Pra passar o capitão.

Só não abro pra essa gente
Que diz (a mim bem me
importa...)

Que se uma pessoa é burra
É burra como uma porta.
Eu sou muito inteligente!
Eu fecho a frente da casa
Fecho a frente do quartel
Fecho tudo neste mundo
Só vivo aberta no céu.

A CASA

Era uma casa
 Muito engraçada
 Não tinha teto
 Não tinha nada
 Ninguém podia
 Entrar nela não
 Porque na casa
 Não tinha chão
 Ninguém podia
 Dormir na rede
 Porque na casa
 Não tinha parede
 Ninguém podia
 fazer pipi
 Porque penico não tinha ali.
 Mas era feita com muito esmero na
 Rua dos Bobos
 número zero.

AS BORBOLETAS

Brancas
 Azuis
 Amarelas
 E pretas
 Brincam
 Na paz
 As belas
 Borboletas
 Borboletas brancas
 São alegres e francas.
 Borboletas azuis
 Gostam muito de luz.
 As amarelinhas
 São tão bonitinhas!
 E as pretas, então...
 Oh, que escuridão!

O PATO

Lá vem o pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o pato
Para ver o que é que há.

O pato pateta
Pintou o caneco
Surrou a galinha
Bateu no marreco
Pulou do poleiro
No pé do cavalo
Levou um coice
Criou um galo
Comeu um pedaço de jenipapo
Ficou engasgado
Com dor no papo
Caiu no poço
Quebrou a tigela
Tantas fez o moço
Que foi pra panela.

O RELÓGIO

Passa tempo, tic-tac
Tic-tac, passa hora
Chega logo, tic-tac
Tic-tac, e vai embora
Passa tempo
Bem depressa
Não atrasa
Não demora
Que já estou
Muito cansado
Já perdi
Toda a alegria
De fazer
Meu tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Tic-tac





CECÍLIA MEIRELES

ENCHENTE

Chama o Alexandre!
Chama!

Olha a chuva que chega!
É a enchente.
Olha o chão que foge com a chuva...
Olha a chuva que encharca a gente.
Põe a chave na fechadura.
Fecha a porta por causa da chuva,
olha a rua como se enche!

Enquanto chove, bota a chaleira
no fogo: olha a chama! olha a chispa!
Olha a chuva nos feixes de lenha!

Vamos tomar chá, pois a chuva
é tanta que nem de galocha
se pode andar na rua cheia!

Chama o Alexandre!
Chama!

O ECO

O menino pergunta ao eco
onde é que ele se esconde.
Mas o eco só responde: "Onde?
Onde?"

O menino também lhe pede:
"Eco, vem passear comigo!"

Mas não sabe se o eco é amigo
ou inimigo.

Pois só lhe ouve dizer:
"Migo!"



OU ISTO OU AQUILO

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois
lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro
o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

A LÍNGUA DO NHEM

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa da velhinha,
resmungando sozinha:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia
no canto da cozinha,
escutando a velhinha,
principiou também
a miar nessa língua.
E se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha,
de cá, de lá, de além,
e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia,
nem falar com ninguém,
ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O CHÃO E O PÃO

O chão.
O grão.
O grão no chão.

O pão.
O pão e a mão.
A mão no pão.

O pão na mão.
O pão no chão?
Não.

TANTA TINTA

Ah! Menina tonta,
Toda suja de tinta
mal o sol desponta!

(Sentou-se na ponte,
muito desatenta...
E agora se espanta:
Quem é que a ponte pinta
com tanta tinta?...)
A ponte aponta
e se desponta.
A tontinha tenta
limpar a tinta,
ponto por ponto
e pinta por pinta...

Ah! a menina tonta!
Não viu a tinta da ponte!





CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse
acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio
do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

CIDADEZINHA QUALQUER

Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras.
Pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.

PATRIMÔNIO

Duas riquezas: Minas
e o vocábulo.

Ir de uma a outra, recolhendo
o fubá, o ferro, o substantivo, o som.

Numa, descansar de outra. Palavras
assumem código mineral.
Minérios musicalizam-se em vogais.
Pastor sentir-se: reses encantadas.

O BOI

Ó solidão do boi no campo,
ó solidão do homem na rua!
Entre carros, trens, telefones,
entre gritos, o ermo profundo.

Ó solidão do boi no campo,
ó milhões sofrendo sem praga!
Se há noite ou sol, é indiferente,
a escuridão rompe com o dia.

Ó solidão do boi no campo,
homens torcendo-se calados!
A cidade é inexplicável
e as casas não têm sentido algum.

Ó solidão do boi no campo,
O navio-fantasma passa
em silêncio na rua cheia.
Se uma tempestade de amor caísse!
As mãos unidas, a vida salva...
Mas o tempo é firme. O boi é só.
No campo imenso a torre de petróleo.

QUADRILHA

João amava Teresa que amava
Raimundo
que amava Maria que amava
Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos,
Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre,
Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou
com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

INFÂNCIA

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentado cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz
que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e
nunca se esqueceu —
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um
mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson
Crusoé.

MÁRIO QUINTANA

O POEMA

Um poema como um gole d'água
bebido no escuro.
Como um pobre animal palpitando
ferido.
Como pequenina moeda de prata
perdida para sempre
na floresta noturna.
Um poema sem outra angústia que
a sua misteriosa
condição de poema.
Triste.
Solitário
Único.
Ferido de mortal beleza.

CIDADEZINHA CHEIA DE GRAÇA

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na
praça...
Sua igreja de uma torre só...

Nuvens que venham. Nuvens e asas,
Não param nunca, nem um
segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o
mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...





POEMA TRANSITÓRIO

Eu que nasci na Era da Fumaça.
- trenzinho
vagaroso com vagarosas
paradas
em cada estaçãozinha pobre
para comprar
pastéis
pés-de-moleque
sonhos
- principalmente sonhos!
Porque as moças da cidade vinham
olhar o trem passar
Elas suspirando maravilhosas viagens
e a gente com um desejo súbito de
ali ficar morando
sempre.
Nisto,
o apito da locomotiva
e o trem se afastando
e o trem arquejando
é preciso partir
é preciso chegar
é preciso partir
é preciso chegar
Ah, como esta vida é urgente!
No entanto
eu gostava era mesmo de partir
E até hoje quando acaso embarco
para alguma parte
acomodo-me no meu lugar
fecho os olhos e sonho.
Viajar, viajar
mas para parte nenhuma
Viajar indefinidamente
como uma nave espacial perdida
entre as estrelas.

CANÇÃO DE INVERNO

Pinhão quentinho!
Quentinho pinhão!
E tu bem juntinho
Do meu coração...

O PATO TIRA RETRATO

O pato ganhou sapato.
Foi logo tirar retrato.
O macaco retratista
era mesmo um grande artista.
Disse ao pato: "Não se mexa
Para depois não ter queixa".
E o pato, duro e sem graça
Como se fosse de massa!
"Olhe pra cá direitinho:
Vai sair um passarinho".
O passarinho saiu,
bicho assim nunca se viu.
Com três penas no topete
e no rabo apenas sete.



GONÇALVES DIAS

NÃO ME DEIXES!

Debruçada nas águas dum regato
A flor dizia em vão
À corrente, onde bela se mirava:
“Ai, não me deixes, não!”

“Comigo fica ou leva-me contigo
Dos mares à amplidão;
Límpido ou turvo, te amarei
constante;
Mas não me deixes, não!”

E a corrente passava, novas águas
Após as outras vão;
E a flor sempre a dizer curva na
fonte:
“Ai, não me deixes, não!”

E das águas que fogem incessantes
À eterna sucessão
Dizia sempre a flor, e sempre
embalde:
“Ai, não me deixes, não!”

Por fim desfalecida e a cor
murchada,
Quase a lambar o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que não a deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-a do seu torrão;
A afundar-se dizia a pobrezinha:
“Não me deixaste, não!”

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
nossas várzeas têm mais flores,
nossos bosques têm mais vida,
nossa vida, mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.



Lua de prata
presa em cetim
Brilhas tão linda
longe de mim...

Eu chupei uma laranja,
as sementes deitei fora.
Da casca fiz um barquinho:
— Meu amor, vamos embora!
Coração de pedra dura
como pedra de amolar.
O ferro no fogo abrandar,
tu não queres abrandar.
Eu vou fazer um relógio
de um galhinho de poejo
para contar os minutos
do tempo que não te vejo.

Não tenho medo do homem,
nem do ronco que ele tem.
O besouro também ronca.
Vai se ver, não é ninguém.

Eu queria ter agora
um cavalinho de vento
para dar um galopinho
na estrada do pensamento.

O castelo pegou fogo,
São Francisco deu sinal.
Acode, acode, acode
a bandeira nacional.

Se a tarde cair triste
com ar de que vai chover,
Não te esqueças de meus olhos
Que choram por não te ver.

Tenho fome, tenho sede,
Mas não é de pão nem vinho;
Tenho fome de um abraço,
Tenho sede de um beijinho.

Roseira, dá-me uma rosa;
Craveiro, dá-me um botão;
Menina, dá-me um abraço,
que eu te dou meu coração.

A Matriz deu meia-noite,
o Rosário bateu duas.
Já está chegando a hora
do meu bem sair à rua.

Menina, casa comigo,
Que eu sou bom trabalhador;
Com chuva não vou na roça,
Com sol eu também não vou.

Todo o mundo se admira
Da macaca fazer renda.
Eu já vi uma perua
Ser caixeira duma venda.





Escuta tapete de ouro
conta um segredo pra mim
Que tamanho é o tesouro
que te faz brilhar assim?

.....

Mamãe é uma rosa
Que papai escolheu
Eu sou o botão
que a rosa deu.

.....

Eu sou pequeninha
Do tamanho de um botão
Carrego papai no bolso
E mamãe no coração.

.....

Vou mandar um recadinho
À menina mais bonita
A que tem trança comprida
Amarrada com uma fita.

.....

Sete mais sete são catorze
Três vezes sete, vinte e um
Tenho sete namorados
Não me caso com nenhum.

.....

Minha mãe tem sua cama
Eu tenho meu cortinado
Minha mãe tem seu marido
Eu tenho meu namorado.

.....

Eu não vou em sua casa
Pra você não ir na minha
Você tem a boca grande
Vai comer minha galinha.

Você me chamou de feio
Sou feio, mas sou dengoso
Também o tempero é feio
Mas faz o prato gostoso.

.....

Cravo branco, cravo branco
Cravo de toda nação
Quando o cravo muda de cor
Quanto mais quem tem paixão.

.....

Alecrim verde, cheiroso
Na janela do meu bem
Ainda bem não me casei
Já me dão os parabéns.

.....

O cravo quando nasce
Toma conta do jardim
Eu também vivo querendo
Quem tome conta de mim.

.....

Nunca vi o limoeiro
Dar limão bem na raiz
Nunca vi rapaz solteiro
ter palavra no que diz.

.....

Cravo branco na janela
É sinal de casamento
Menina guarda teu cravo
Que ainda não chegou teu tempo.

.....

Ninguém viu o que vi
Debaixo de um limoeiro
Vi uma moça bonita
Pondo rosa no cabelo.

Já te dei meu coração
E a chave para abrir
Não tenho mais o que dar
Nem tu mais o que pedir.

Lá no céu tem mil estrelas
Reluzindo de riqueza
Quem quiser casar comigo
Não repare a pobreza.

Sou amada e sou querida
Por todas as flores do campo
Agora sou desprezada
Por quem me queria tanto.

Eu tenho um vestidinho
Todo cheio de babado
Toda vez que visto ele
Arranjo logo um namorado.

Dei ao branco uma rosa
Ao moreno um jasmim
Quem quiser o branco eu dou
O moreno é só pra mim.

Fui comer na sua casa
Até fiquei admirada
Não havia coisa boa
Nem ao menos feijoadada.

Moreninha não se case
Aproveite o tempo bom
Namorar é pra solteira
Casada não pode, não.

Eu comparo o meu viver
Com o viver do tico-tico.
Bateu asas foi-se embora
Sozinho é que não fico.

O galo canta no mato
Comendo seu capinzinho
Quem tem amor anda magro
Quem não tem anda gordinho.

Em cima daquela serra
Tem um banco de areia
Onde assenta mulher velha
Pra falar da vida alheia.

Eu não bebo café doce
Café doce me aborrece
Não namoro com menino
que menino é moleque.

Mandei buscar na farmácia
Remédio pra tua ausência
Me mandaram água de flor
E biscoito paciência.

Aqui no meio da roda
Só tenho uma afeição
Abriu meu peito com chave
Entrou no meu coração.

Meu pai me disse um dia
Quem não trabalha não faz nada
Tem vida de parasita
Uma velhice amargurada.





Se eu soubesse quem tu eras
Quem tu haveria de ser
Eu não tinha te amado
Só pra hoje não padecer.

Da tua casa pra minha
há de ser salto de cobra
Tenho fé em Deus do céu
De tua mãe ser minha sogra.

Fui na fonte beber água
Não foi por água beber
Foi pra ver as piabinhas
Na veia d'água correr.

Namorei um menino
Da escola militar
O danado do menino
Só queria me beijar.

Atirei um limão na água
De pesado foi ao fundo
Os peixinhos responderam
Viva dom Pedro Segundo!

Índio do mato é xavante
Milho socado é xerém
E a gente chama xará
Quem o mesmo nome tem.

Mamãe mandou me dizer
Pra eu levar um abacaxi
Eu então levei meu primo
Que estava hospedado aqui.

João corta pau
Maria mexe angu
Teresa põe a mesa
Para a festa do tatu.

Na palma da minha mão
trago uma consoante
Com ela escrevo mamãe
a quem amo bastante.

Enquanto peixe-martelo
bate: toque, toque, toque,
peixe-serra vai serrando:
roque, roque, roque, roque.

Menina dos olhos de fada
me dá água pra beber.
Não é sede, não é nada,
é vontade de te ver.

O pato casou com a pata
Depois perdeu a esperança
Pois tinha os dedos grudados:
Não podia usar aliança.

Plantei um abacateiro
para comer abacate
Mas não sei o que plantar
para comer chocolate.

A noite foi embora
lá do fundo do quintal.
Esqueceu a lua cheia
pendurada no varal.





2ª Parte – Histórias para rir, chorar, se divertir e se assombrar

Nesta parte você vai encontrar contos, fábulas, mitos e lendas. Os **contos tradicionais** são histórias que foram sendo transmitidas oralmente ao longo das gerações, sem que se saiba ao certo quem as criou. Muitos deles ficaram conhecidos no mundo todo graças às versões escritas pelos irmãos Grimm e por Hans Christian Andersen, entre outros. Assim como as parlendas, as cantigas, as quadrinhas e os trava-línguas, essas histórias foram sendo contadas e recontadas, espalhando-se por muitos países. Por isso, é provável que você conheça algumas delas, com pequenas diferenças nos nomes dos personagens, no desfecho ou em outros detalhes.

As **fábulas** são pequenas histórias escritas com a intenção de transmitir algum ensinamento sobre a vida, ou o que se chama “lição de moral”. No final de muitas delas o autor coloca uma frase que resume a lição. Você pode ter ouvido algumas dessas frases, que são bem conhecidas, como: “Quem com ferro fere com ferro será ferido”. A maior parte das fábulas mostra situações típicas do dia-a-dia dos seres humanos, mas vividas por animais. Os mais famosos fabulistas (autores de fábulas) foram: Esopo (Grécia, 600 a.C.) e La Fontaine (França, século XVIII). No Brasil, Monteiro Lobato (século XX) reescreveu muitas delas; nos dias de hoje, o mesmo foi feito por Millôr Fernandes.

As **lendas** e os **mitos** também são histórias sem autoria conhecida. Foram criados por povos de diferentes lugares e épocas para explicar fatos como o surgimento da Terra e dos seres humanos, do dia e da noite e de outros fenômenos da natureza. Também falam de heróis, heroínas, deuses, deusas, monstros e outros seres fantásticos. Com certeza, no lugar em que você mora existem pessoas que conhecem histórias desse tipo.

Leia, releia, assuste-se, emocione-se, ria, chore e divirta-se com as histórias deste livro. Conte também para seus familiares e amigos e procure saber as histórias que eles conhecem.

Boa leitura!



CONTOS

O PRÍNCIPE-RÃ OU HENRIQUE DE FERRO

Irmãos Grimm

Num tempo que já se foi, quando ainda aconteciam encantamentos, viveu um rei que tinha uma porção de filhas, todas lindas. A mais nova, então, era linda demais. O próprio sol, embora a visse todos os dias, sempre se deslumbrava, cada vez que iluminava o rosto dela.

O castelo real ficava ao lado de uma floresta sombria na qual, embaixo de uma frondosa tilia, havia uma fonte. Em dias de muito calor, a filha mais nova do rei vinha sentar-se ali e, quando se aborrecia, brincava com sua bola de ouro, atirando-a para cima e apanhando-a com as mãos.

Uma vez, brincando assim, a bola de ouro, jogada para o ar, não voltou para as mãos dela. Caiu na relva, rolou para a fonte e desapareceu nas suas águas profundas.

“Adeus, minha bola de ouro!”, pensou a princesa. “Nunca mais vou ver você!” E começou a chorar alto. Então, uma voz perguntou:

— Por que chora, a filha mais nova do rei? Suas lágrimas são capazes de derreter até uma pedra!

A princesa olhou e viu a cabecinha de um rã fora da água.

— Foi você que falou, bichinho dos charcos? Estou chorando porque minha bola de ouro caiu na água e sumiu.

— Fique tranquila e não chore mais. Eu vou buscá-la. Mas o que você me dará em troca?

— Tudo o que você quiser, rãzinha querida. Meus vestidos, minhas jóias, e até mesmo a coroa de ouro que estou usando.

— Vestidos, jóias e coroa de ouro de nada me servem. Mas se você quiser gostar de mim, se me deixar ser sua amiga e companheira de brinquedos, se me deixar sentar ao seu lado à mesa, comer no seu prato de ouro, beber no seu copo, dormir na sua cama e me prometer tudo isso, mergulho agorinha mesmo e lhe trago a bola.

— Claro! Se me trouxer a bola, prometo tudo isso! — respondeu prontamente a princesa, pensando: “Mas que rãzinha boba! Ela que fique na água com suas iguais! Imagine se vou ter uma rã por amiga!”.

Satisfeita com a promessa, a rã mergulhou e, depois de alguns minutos, voltou à tona trazendo a bola. Jogou-a na relva, e a princesa, feliz por ter recuperado seu brinquedo predileto, fugiu sem esperar a rã.

— Pare! Pare! — gritou a rã, tentando alcançá-la aos pulos. — Me leve consigo! Não vê que não posso correr tanto?

A princesa, porém, sem querer saber dela, correu para o palácio, fechou a porta e logo esqueceu a pobre rã. Assim, ela foi obrigada a voltar para a fonte.

No dia seguinte, quando o rei, a rainha e as filhas estavam jantando, ouviram um barulho estranho: *Plaft!... Plaft!...* alguém estava subindo a escadaria de mármore do palácio... O barulho cessou bem em frente à porta, e alguém chamou:

— Abra a porta, filha mais nova do rei!

A princesa foi atender e, quando deu com a rã, tornou a fechar a porta bem depressa e voltou para a mesa. O rei reparou que ela estava vermelhinha e apavorada.

— O que foi, filha? Aí fora está algum gigante, querendo pegar você?

— Não, paizinho... é uma rã horrorosa.

— E o que uma rã pode querer com você?

— Ai, paizinho! Ontem, quando eu brincava com a minha bola de ouro perto da fonte, ela caiu na água e afundou. Então, chorei muito. A rã foi buscar a bola para mim. Mas me fez prometer que, em troca, seríamos amigas e ela viria morar comigo. Eu prometi, porque nunca pensei que uma rã pudesse viver fora da água.

Nesse momento, a rã tornou a bater e cantou:

— *Que coisa mais feia é essa, esquecer assim tão depressa a promessa que me fez! Se não quiser me ver morta, abra ligeiro essa porta, a filha mais nova do rei!*

O rei olhou a filha severamente.

— O que você prometeu, tem de cumprir — disse — Vá lá e abra a porta!

Ela teve de obedecer. Mal abriu a porta, a rã entrou num pulo, foi direto até a cadeira da princesa e, quando a viu sentada, pediu:

— Ponha-me no seu colo!

Vendo que a filha hesitava, o rei zangou-se.

— Faça tudo o que a rã pedir — ordenou.

Mal se viu no colo da princesa, a rã pulou para a mesa, dizendo:

— Puxe o seu prato mais para perto para podermos comer juntas.

Assim fez a princesa, mas todos viram que ela estava morrendo de nojo. A rã comia com grande apetite, mas a princesa a cada bocado parecia se sufocar. Terminado o jantar, a rã bocejou dizendo:

— Estou cansada e com sono. Prepare uma cama bem quentinha para nós duas!

Ao ouvir isso, a princesa disparou a chorar. Tinha horror do corpinho





gelado e úmido da rã, e não queria dormir com ela de jeito nenhum. Suas lágrimas, porém, só conseguiram aumentar a zanga do rei:

— Quando você precisou, ela te ajudou. Não pode desprezá-la agora!

Não tendo outro remédio, a princesa foi para o quarto carregando a rã, que dizia estar cansada demais para subir a escada. Chegando lá, largou-a no chão e foi se deitar sozinha.

— Que é isso? — reclamou a rã. — Você dorme no macio e eu aqui no chão duro? Ponha-me na cama, senão vou me queixar ao rei seu pai!

Ao ouvir isso, a princesa ficou furiosa. Agarrou a rã e atirou-a contra a parede com toda a força, gritando:

— Agora você vai ficar quieta para sempre, rã horrorosa!

E qual não foi o seu espanto, ao ver a rã cair e se transformar num príncipe de belos olhos amorosos!

Ele contou-lhe que se havia transformado em rã por artes de uma bruxa, e que ninguém, a não ser a princesa, poderia desencantá-lo. Disse também que no dia seguinte a levaria para o reino dele. Depois, com o consentimento do rei, ficaram noivos.

No outro dia, quando o sol acordou a princesa, a carruagem do príncipe já havia chegado. Era linda! Estava atrelada a oito cavalos brancos, todos eles com plumas brancas na cabeça, presas por correntes de ouro.

Com ela veio Henrique, o fiel criado do príncipe, que quando seu amo foi transformado em rã ficou tão triste que mandou prender seu coração com três aros de ferro, para que não se despedaçasse de tanta dor. Mas agora, ali estava ele com a carruagem, pronta para levar seu amo de volta ao seu reino.

Cheio de alegria, ajudou os noivos a se acomodar na carruagem, depois tomou seu lugar na parte de trás, e deu sinal de partida.

Já haviam percorrido um trecho do caminho, quando o príncipe ouviu um estalo muito próximo, como se alguma coisa se tivesse quebrado na carruagem. Espiou pela janelinha e perguntou:

— O que foi, Henrique? Quebrou alguma coisa na carruagem?

— Não, meu senhor — e ele explicou:

— *Tamanha a dor que eu senti quando o senhor virou rã que, com três aros de ferro, o meu coração eu prendi. Um aro rompeu-se agora, os outros dois, com certeza, vão estalar e romper-se assim que chegar a hora!*

Duas vezes mais durante a viagem o príncipe ouviu o mesmo estalo. Foram os outros dois aros do coração do fiel Henrique que se romperam, deixando livre sua imensa alegria.

Irmãos Grimm

— Se pudéssemos ter um filho! —
suspirava o rei.

— E, por que não gêmeos? — acrescentava o rei.

Mas, numa tarde de verão, a rainha foi banhar-se no riacho que passava no fundo do parque real. E, de repente, pulou para fora da água uma rãzinha.

— Majestade, não fique triste, o seu desejo se realizará logo: daqui a um ano a senhora dará à luz uma menina.

E a profecia da rã se concretizou. Alguns meses depois nasceu uma linda menina. O rei, louco de felicidade, chamou-a Flor Graciosa e preparou a festa de batizado. Convidou uma multidão de súditos: parentes, amigos, nobres do reino e, como convidadas de honra, as fadas que viviam nos confins do reino: treze. Mas, quando os mensageiros iam saindo com os convites, o camareiro-mor correu até o rei, preocupadíssimo.

— Majestade, as fadas são treze, e nós só temos doze pratos de ouro. O que faremos? A fada que tiver de comer no prato de prata, como os outros convidados, poderá se ofender. E uma fada ofendida...

O rei refletiu longamente e decidiu:

— Não convidaremos a décima terceira fada — disse, resolutivo. — Talvez nem saiba que nasceu a nossa filha e que daremos uma festa. Assim, não teremos complicações.

Partiram somente doze mensageiros, com convites para doze fadas, conforme o rei resolvera.

No dia da festa, cada uma delas chegou perto do berço em que dormia Flor Graciosa e ofereceu à recém-nascida um presente maravilhoso.

— Será a mais bela moça do reino — disse a primeira fada, debruçando-se sobre o berço.

— E a de caráter mais justo — acrescentou a segunda.

— Terá riquezas a perder de vista — proclamou a terceira.

— Ninguém terá o coração mais caridoso que o seu — afirmou a quarta.





— A sua inteligência brilhará como um sol — comentou a quinta.

Onze fadas já tinham desfilado em frente ao berço; faltava somente uma (entretida em tirar uma mancha do vestido, no qual um garçom desajeitado tinha virado uma taça de sorvete) quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada por falta de pratos de ouro.

Estava com a expressão muito sombria e ameaçadora, terrivelmente ofendida por ter sido excluída. Lançou um olhar maldoso para Flor Graciosa, que dormia tranquila, e disse em voz baixíssima:

— Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá.

E foi embora, deixando um silêncio desanimador. Então aproximou-se a décima segunda fada, que devia ainda oferecer seu presente.

— Não posso cancelar a maldição que agora atingiu a princesa. Tenho poderes só para modificá-la um pouco. Por isso, a Flor Graciosa não morrerá; dormirá por cem anos, até a chegada de um príncipe que a acordará com um beijo. Passados os primeiros momentos de espanto e temor, o rei, considerada a necessidade de tomar providências, instituiu uma lei severa: todos os instrumentos de fição existentes no reino deveriam ser destruídos. E, daquele dia em diante, ninguém mais fiava, nem linho, nem algodão, nem lã. Ninguém além da torre do castelo.

Flor Graciosa crescia, e os presentes das fadas, apesar da maldição, estavam dando resultados. Era bonita, boa, gentil e caridosa. Os súditos a adoravam.

No dia em que completou quinze anos, o rei e a rainha estavam ausentes, ocupados numa partida de caça. Talvez, quem sabe, em todo esse tempo tivessem até esquecido a profecia da fada malvada.

Flor Graciosa, porém, estava se aborrecendo por estar sozinha e começou a andar pelas salas do castelo. Chegando perto de um portãozinho de ferro que dava acesso à parte de cima de uma velha torre, abriu-o, subiu a longa escada e chegou, enfim, ao quatinho.

Ao lado da janela estava uma velhinha de cabelos brancos, fiando com o fuso uma meada de linho. A garota olhou maravilhada. Nunca tinha visto um fuso.

— Bom dia, vovozinha!

— Bom dia a você, linda garota!

— O que está fazendo? Que instrumento é esse?

Sem levantar os olhos do seu trabalho, a velhinha respondeu com ar bonachão:

— Não está vendo? Estou fiando!

A princesa, fascinada, olhava o fuso que girava rapidamente entre os dedos da velhinha.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]



JOÃO E MARIA

Irmãos Grimm

Às margens de uma extensa mata existia, há muito tempo, uma cabana pobre, feita de troncos de árvore, na qual morava um lenhador com sua segunda esposa e seus dois filhinhos, nascidos do primeiro casamento. O garoto chamava-se João e a menina, Maria.



A vida sempre fora difícil na casa do lenhador, mas naquela época as coisas haviam piorado ainda mais: não havia pão para todos.

— Minha mulher, o que será de nós? Acabaremos todos por morrer de necessidade. E as crianças serão as primeiras...

— Há uma solução... — disse a madrasta, que era muito malvada. — Amanhã daremos a João e Maria um pedaço de pão, depois os levaremos à mata e lá os abandonaremos.

O lenhador não queria nem ouvir falar de um plano tão cruel, mas a mulher, esperta e insistente, conseguiu convencê-lo.

No aposento ao lado, as duas crianças tinham escutado tudo, e Maria desatou a chorar.

— João, e agora? Sozinhos na mata, estaremos perdidos e morreremos.

— Não chore — tranquilizou-a o irmão. — Tenho uma ideia. Esperou que o pai e a madrasta dormissem, saiu da cabana, catou um punhado de pedrinhas brancas que brilhavam ao clarão da lua e as escondeu no bolso. Depois voltou para a cama. No dia seguinte, ao amanhecer, a madrasta acordou as crianças.

— Vamos cortar lenha na mata. Este pão é para vocês.

Partiram os quatro. O lenhador e a mulher na frente e as crianças atrás. A cada dez passos, João deixava cair no chão uma pedrinha branca, sem que ninguém percebesse. Quando chegaram bem no meio da mata, a madrasta disse:

— João e Maria, descansem enquanto nós vamos rachar lenha para a lareira. Mais tarde passaremos para pegar vocês.

Após longa espera, os dois irmãos comeram o pão e, cansados e fracos como estavam, adormeceram. Quando acordaram, era noite alta e, do pai e da madrastra, nem sinal.

— Estamos perdidos! Nunca mais encontraremos o caminho de casa! — soluçou Maria.

— Esperemos que apareça a lua no céu e acharemos o caminho de casa — consolou-a o irmão.

Quando a lua apareceu, as pedrinhas que João tinha deixado cair pelo





atalho começaram a brilhar; seguindo-as, os irmãos conseguiram voltar até a cabana.

Ao vê-los, o pai e a madrastra ficaram espantados. Em seu íntimo, o lenhador estava até contente; mas a mulher, assim que foram deitar, disse que precisavam tentar novamente, com o mesmo plano. João, que tudo escutara, quis sair à procura de outras pedrinhas, mas não pôde, pois a madrastra trancara a porta.

Mariazinha estava desesperada:

— Como poderemos nos salvar desta vez?

— Daremos um jeito, você vai ver — respondeu o irmão.

Na madrugada do dia seguinte, a madrastra acordou as crianças e foram novamente para a mata. Enquanto caminhavam, Joãozinho esfarelou todo o seu pão e o da irmã, fazendo uma trilha. Dessa vez se afastaram ainda mais de casa e, chegando a uma clareira, o pai e a madrastra deixaram as crianças com a desculpa de cortar lenha, abandonando-as.

João e Maria adormeceram por fome e cansaço e, quando acordaram, estava muito escuro. Maria desatou a chorar.

Mas, desta vez, não conseguiram encontrar o caminho: os pássaros da mata tinham comido todas as migalhas. Andaram por muito tempo durante a noite e, após um breve descanso, caminharam o dia seguinte inteirinho, sem conseguir sair daquela mata imensa.

Estavam com tanta fome que comeram frutinhas azedas e retomaram o caminho. Quando o sol se pôs, deitaram-se sob uma árvore e adormeceram. O piar de um passarinho branco que voava sobre suas cabeças, como querendo convidá-los, acordou-os.

Seguiram o passarinho e, de repente, viram-se diante de uma casinha muito mimosa. Aproximaram-se, curiosos, e admiraram-se ao ver que o telhado era feito de chocolate, as paredes de bolo e as janelas de jujuba.

— Viva! — gritou João.

E correu para morder uma parte do telhado, enquanto Mariazinha enchia a boca de bolo, rindo. Ouviu-se então uma vozinha aguda, gritando no interior da casinha:

— Quem está o teto mordiscando e as paredes roendo?

Nada assustadas, as crianças responderam:

— É o saci-pererê que está zombando de você!

E continuaram deliciando-se à vontade.

Mas, subitamente, abriu-se a porta da casinha e saiu uma velha muito feia, mancando, apoiada em uma muleta. João e Maria assustaram-se, mas a velha lhes deu um largo sorriso, com a boca desdentada.

— Não tenham medo, crianças. Vejo que têm fome, a ponto de quase destruírem a casa. Entrem! Vou preparar uma jantinha.

O jantar foi delicioso, e gostosas também as caminhas macias aprontadas pela velha para João e Maria, que adormeceram felizes.

Não sabiam, os coitadinhos, que a velha era uma bruxa que comia crianças e, para atraí-las, tinha construído a casinha de doces. Agora ela esfregava as mãos, satisfeita.

— Estão em meu poder, não podem me escapar. Porém, estão um pouco magros. É preciso fazer alguma coisa.

Na manhã seguinte, enquanto ainda estavam dormindo, a bruxa agarrou João e o prendeu em um porão escuro; depois, com uma sacudida, acordou Maria.

— De pé, preguiçosa! Vá tirar água do poço, acenda o fogo e apronte uma boa refeição para seu irmão. Ele está fechado no porão e tem de engordar bastante. Quando chegar no ponto, vou comê-lo.

Mariazinha chorou e desesperou-se, mas foi obrigada a obedecer. Cada dia cozinhava para o irmão os melhores quitutes. E também, a cada manhã, a bruxa ia ao porão e, por ter vista fraca e não enxergar a um palmo do nariz, mandava:

— João, dê-me seu dedo, quero sentir se já engordou!

Mas o esperto João, em vez de mostrar seu dedo, estendia-lhe um osinho de frango. A bruxa ficava zangada porque, apesar do que comia, o moleque estava cada vez mais magro! Um dia perdeu a paciência.

— Maria, amanhã acenda o fogo logo cedo e coloque água para ferver. Magro ou gordo, pretendo comer seu irmão. Venho esperando há muito tempo!

A menina chorou, suplicou, implorou, em vão.

Na manhã seguinte, Mariazinha tratou logo de colocar no fogo o caldeirão cheio de água, enquanto a bruxa estava ocupada em acender o forno, dizendo que ia preparar o pão — mas, na verdade, queria assar a pobre Mariazinha. E do João, faria um cozido.

Quando o forno estava bem quente, a bruxa disse a Maria:

— Entre ali e veja se está na temperatura certa para assar o pão.

Mas Maria, que já compreendera, não caiu na armadilha.

— Como se entra no forno? — perguntou ingenuamente.

— Você é mesmo uma boba! Olhe para mim! E enfiou a cabeça dentro do forno.

Mariazinha, então, mais que depressa deu-lhe um empurrão, enfiando-a no forno, e fechou a portinhola com a corrente. E a bruxa malvada queimou até o último osso.

Maria correu ao porão e libertou o irmão. Abraçaram-se, chorando lágrimas de alegria; depois, nada mais tendo a temer, exploraram a casa da bruxa. E quantas coisas acharam! Cofres e mais cofres, cheios de pedras preciosas e de pérolas.

— Reluzem mais que as minhas pedrinhas — disse João. — Vou levar algumas para casa.





BRANCA DE NEVE

Irmãos Grimm

Um dia, a rainha de um reino bem distante bordava perto da janela do castelo, uma grande janela com batentes de ébano — uma madeira escuríssima. Era inverno e nevava muito forte. A certa altura, a rainha desviou o olhar para admirar os flocos de neve que dançavam no ar; mas com isso se distraiu e furou o dedo com a agulha.

Na neve que tinha caído no beiral da janela pingaram três gotinhas de sangue. O contraste foi tão lindo que a rainha murmurou:

— Pudesse eu ter uma menina branquinha como a neve, com lábios vermelhos como o sangue e com os cabelos negros como o ébano...

Alguns meses depois, o desejo da rainha foi atendido. Ela deu à luz uma menina de cabelos bem pretos, pele branca e lábios vermelhos. O nome dado à princesinha foi Branca de Neve.

Mas quando nasceu a menina, a rainha morreu. Passado um ano, o rei se casou novamente. Sua esposa era lindíssima, mas muito vaidosa, invejosa e cruel.

Um certo feiticeiro lhe dera um espelho mágico, ao qual todos os dias ela perguntava, com vaidade:

— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.

E o espelho respondia:

— Em todo o mundo, minha querida rainha, não existe beleza maior.

O tempo passou. Branca de Neve cresceu, a cada ano mais linda... E um dia o espelho deu outra resposta à rainha.

— A sua enteada, Branca de Neve, é agora a mais bela.

Invejosa e ciumenta, a rainha chamou um de seus guardas e lhe ordenou que levasse a enteada para a mata e lá a matasse. E que trouxesse o coração de Branca de Neve, como prova de que a missão fora cumprida.

O guarda obedeceu. Mas, quando chegou à mata, não teve coragem de enfiar a faca naquela lindíssima jovem inocente que, afinal, nunca fizera mal a ninguém. Deixou-a fugir. Para enganar a rainha, matou um veadozinho, tirou o coração e entregou-o a ela, que quase explodiu de alegria e satisfação.

Enquanto isso, Branca de Neve fugia, penetrando cada vez mais na mata, ansiosa por se distanciar da madrasta e da morte.

Os animais chegavam bem perto, sem a atacar; os galhos das árvores se abriam para que ela passasse.

Ao anoitecer, quando já não se aguentava mais em pé de tanto cansaço, Branca de Neve viu numa clareira uma casa bem pequena e entrou para descansar um pouquinho.





— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.





Irmãos Grimm

— Esta é uma habilidade que me encanta — disse o rei. — Se é verdade o que diz, traga sua filha amanhã cedo ao castelo. Eu quero pô-la à prova.

— Agora, ponha-se a trabalhar. Se até amanhã cedo não tiver fiado toda esta palha em ouro, você morrerá! — Depois saiu, trancou a porta e deixou a filha do moleiro sozinha.

— Boa tarde, minha linda menina! — disse ele. — Por que chora tanto?

— E se eu fiar para você? O que me dará em troca?

— Dou-lhe o meu colar.

No dia seguinte, mal o sol apareceu, o rei chegou e arregalou os olhos, assombrado e feliz ao ver todo aquele ouro. Contudo, seu ambicioso coração não se satisfez.

A pobre moça ficou sentada olhando a palha, sem saber o que fazer. “Ah... se o anãozinho voltasse...”, pensou, querendo chorar. Nesse instante a porta se abriu e ele entrou.

— O que você me dá, se eu fiar a palha? — perguntou.

— Dou-lhe meu anel.

Ele pegou o anel e se pôs a trabalhar. A cada três voltas da roca, uma bobina se enchia de ouro.





Depois, tentando tirar o pé do buraco, agarrou com ambas as mãos o pé esquerdo e puxou-o para cima com tal violência que seu corpo se rasgou em dois. Então, desapareceu.



Nos meses seguintes, o gato continuou indo à corte para levar caças ao rei, sempre agradando muito ao paladar do soberano. A cada novo presente, afirmava que as carnes vinham das terras de seu patrão, o marquês de Sacobotas.

Um dia, quando estava saindo do palácio, escutou a conversa de dois criados:

— Amanhã o rei passará de carruagem pelas margens do rio, junto com sua filha, a mais bela moça de todo o reino.

O gato correu logo ao patrão, dizendo:

— Patrãozinho, se seguir meus conselhos poderá se tornar rico, nobre e feliz.

— E o que deverei fazer? — perguntou o jovem patrão, confiante no gato que herdara.

— Amanhã você deverá ir ao rio e tomar banho no lugar exato em que eu indicar. O resto, deixe comigo.

No dia seguinte, enquanto se banhava nas águas do rio, o rapaz viu se aproximar o rei, acompanhado pela princesa e por alguns nobres. O gato, que lá estava à espera, saiu de trás de uma moita e começou a gritar, com todo o fôlego:

— Socorro! Socorro! Ajudem o marquês de Sacobotas, ele está se afogando no rio! Ajudem!

O rei escutou os gritos e reconheceu o gato que tantas vezes lhe levara carnes deliciosas. Imediatamente deu ordem aos guardas para que corressem e acudissem o marquês de Sacobotas.

Enquanto o jovem estava sendo retirado do rio, nosso gato se aproximou da carruagem real dizendo, com o ar mais entristecido do mundo:







RAPUNZEL

Irmãos Grimm

Era uma vez um casal que havia muito tempo desejava ter um filho. Contudo, os anos se passavam e seu sonho não se realizava. Afinal, um belo dia, a mulher percebeu que Deus ouviu suas preces. Ela ia ter uma criança!

Por uma janelinha que havia na parte dos fundos da casa deles, era possível ver, no quintal vizinho, um magnífico jardim cheio das mais lindas flores e das mais viçosas hortaliças. Mas em torno de tudo se erguia um muro altíssimo, que ninguém se atrevia a escalar. Afinal, era a propriedade de uma feiticeira muito temida e poderosa.

Um dia, espiando pela janelinha, a mulher se admirou ao ver um canteiro cheio dos mais belos pés de rabanete que jamais imaginara. As folhas eram tão verdes e fresquinhas que abriram seu apetite. E ela sentiu um enorme desejo de provar os rabanetes.

A cada dia seu desejo aumentava mais. Mas ela sabia que não havia jeito de conseguir o que queria e por isso foi ficando triste, abatida e com um aspecto doentio, até que um dia o marido se assustou e perguntou:

— O que está acontecendo contigo, querida?

— Ah! — respondeu ela. — Se não comer um rabanete do jardim da feiticeira, vou morrer logo, logo!

O marido, que a amava muito, pensou: “Não posso deixar minha mulher morrer... Tenho que conseguir esses rabanetes, custe o que custar!”.

Ao anoitecer, ele encostou uma escada no muro, pulou para o quintal vizinho, arrancou apressadamente um punhado de rabanetes e levou para a mulher. Mais que depressa, ela preparou uma salada que comeu imediatamente, deliciada.

Ela achou o sabor da salada tão bom, mas tão bom que no dia seguinte seu desejo de comer rabanetes ficou ainda mais forte. Para sossegá-la, o marido prometeu-lhe que iria buscar mais um pouco. Quando a noite chegou, pulou novamente o muro mas, mal pisou no chão do outro lado, levou um tremendo susto: de pé, diante dele, estava a feiticeira.

— Como se atreve a entrar no meu quintal como um ladrão, para roubar meus rabanetes? — perguntou ela com os olhos chispando de raiva. — Vai ver só o que te espera!



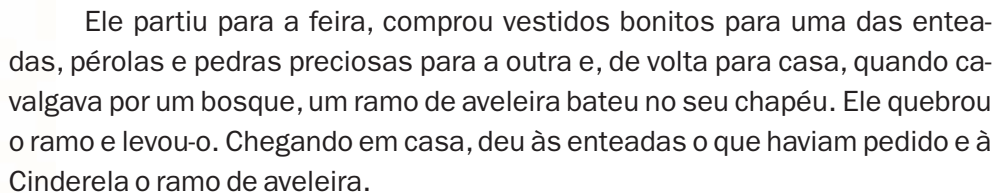
Rapunzel foi se acalmando e, quando o príncipe lhe perguntou se o aceitava como marido, reparou que ele era jovem e belo, e pensou: “Ele é mil vezes preferível à velha senhora...”. E, pondo a mão dela sobre a dele, respondeu:



Irmãos Grimm

A vertical strip of colorful, stylized illustrations featuring various animals and objects. The illustrations are arranged in a column and include: a penguin in a yellow hat, a kangaroo in a red hat, a koala on a tree branch, a tiger, a toucan, a rooster, a cat, a dog, a cow, a lion, a sheep, a fox, and a person in a green dress. The background is a solid pink color.

PARTE 2 - CONTOS



Ela agradeceu, levou o ramo para o túmulo da mãe, plantou-o ali, e chorou tanto que suas lágrimas regaram o ramo. Ele cresceu e se tornou uma aveleira linda. Três vezes, todos os dias, a menina ia chorar e rezar embaixo dela.

Sempre que a via chegar, um passarinho branco voava para a árvore e, se a ouvia pedir baixinho alguma coisa, jogava-lhe o que ela havia pedido.

Um dia, o rei mandou anunciar uma festa, que duraria três dias. Todas as jovens bonitas do reino seriam convidadas, pois o filho dele queria escolher entre elas aquela que seria sua esposa.

Quando souberam que também deveriam comparecer, as duas filhas da madrasta ficaram contentíssimas.

— Cinderela! — gritaram. — Venha pentear nosso cabelo, escovar nossos sapatos e nos ajudar a vestir, pois vamos a uma festa no castelo do rei!

Cinderela obedeceu chorando, porque ela também queria ir ao baile. Perguntou à madrasta se poderia ir, e esta respondeu:

— Você, Cinderela! Suja e cheia de pó, está querendo ir à festa? Como vai dançar, se não tem roupa nem sapatos?

Mas Cinderela insistiu tanto que, afinal, ela disse:

— Está bem. Eu despejei nas cinzas do fogão um tacho cheio de lentilhas. Se você conseguir catá-las todas em duas horas, poderá ir.

A jovem saiu pela porta dos fundos, correu para o quintal e chamou:

— *Mansas pombinhas e rolinhas!*

Passarinhos do céu inteiro!

Venham me ajudar a catar lentilhas!

As boas vão para o tacho!

As ruins para o seu papo!

Logo entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas; a seguir, vieram as rolinhas e, por último, todos os passarinhos do céu chegaram numa revoada e pousaram nas cinzas.

As pombas abaixavam a cabecinha e — pic, pic, pic — apanhavam os grãos bons e deixavam cair no tacho. As outras avezinhas faziam o mesmo. Não levou nem uma hora, o tacho ficou cheio e as aves todas voaram para fora.

Cheia de alegria, a menina pegou o tacho e levou para a madrastra, certa de que agora poderia ir à festa. Porém a madrastra disse:

— Não, Cinderela. Você não tem roupa e não sabe dançar. Só serviria de caçoada para os outros.

Como a menina começasse a chorar, ela propôs:

hora, poderá ir conosco.

Enquanto isso, pensou consigo mesma: “Isso ela não vai conseguir...”.

Assim que a madrasta acabou de espalhar os grãos nas cinzas, Cindere-

— *Mansas pombinhas e rolinhas!*

Passarinhos do céu inteiro!

Venham me ajudar a catar lentilhas!

As boas vão para o tacho!

As ruínas para o seu papo!

E entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas; a seguir, vie-

As pombas abaixavam a cabecinha e — pic, pic, pic — apanhavam os

Então, a menina levou os dois tachos para a madrastra, certa de que, des-

Porém, a madrasta disse:

— Não adianta, Cinderela! Você não vai ao baile! Não tem vestido, não

E, dando-lhe as costas, partiu com suas orgulhosas filhas.

Quando ficou sozinha, Cinderela foi ao túmulo da mãe e embaixo da ave-

— *Balance e se agite,*

árvore adorada,

cybra-me toda

de ouro e prata!

Então o pássaro branco jogou para ela um vestido de ouro e prata e sapa-

Estava tão linda, no seu vestido dourado, que nem as irmãs, nem a ma-

Logo que a viu, o príncipe veio a seu encontro e, pegando-lhe a mão, le-

Quando alguém a convidava para dançar, ele dizia:

— Ela é minha dama.

Dançaram até altas horas da noite e, afinal, Cinderela quis voltar para







Assim fez a moça. O pé entrou no sapato e, disfarçando a dor, ela foi ao encontro do príncipe. Ele aceitou-a como sua noiva e levou-a na garupa do seu cavalo.

Quando passavam pela aveleira, duas pombinhas pousaram num dos ramos e cantaram:

— *Olhe para trás! Olhe para trás!*

*Há sangue no sapato,
que é pequeno demais!
Não é a noiva certa
que vai sentada atrás!*

O príncipe olhou o pé da moça, viu o sangue escorrendo e a meia branca vermelha de sangue. Então virou seu cavalo, levou a falsa noiva de volta para casa e disse ao pai:

— Esta também não é a verdadeira noiva. Vocês não têm outra filha?

— Não — respondeu o pai —, a não ser a pequena Cinderela, filha de minha falecida esposa. Mas é impossível que seja ela a noiva que procura.

O príncipe ordenou que fossem buscá-la.

— Oh, não! Ela está sempre muito suja! Seria uma afronta trazê-la a vossa presença! — protestou a madrasta.

Porém o príncipe insistiu, exigindo que ela fosse chamada. Depois de lavar o rosto e as mãos, ela veio, curvou-se diante do príncipe e pegou o sapato de ouro que ele lhe estendeu.

Sentou-se num banquinho, tirou do pé o pesado tamanco e calçou o sapato, que lhe serviu como uma luva. Quando ela se levantou, o príncipe viu seu rosto e reconheceu logo a linda jovem com quem havia dançado.

— É esta a noiva verdadeira! — exclamou, feliz.

A madrasta e as filhas levaram um susto e ficaram brancas de raiva. O príncipe ergueu Cinderela, colocou-a na garupa do seu cavalo e partiram. Quando passaram pela aveleira, as duas pombinhas brancas cantaram:

— *Olhe para trás! Olhe para trás!*

*Não há sangue no sapato,
que serviu bem demais!
Essa é a noiva certa.
Pode ir em paz!*

E, quando acabaram de cantar, elas voaram e foram pousar, uma no ombro direito de Cinderela, outra no esquerdo; ali ficaram.

Quando o casamento de Cinderela com o príncipe se realizou, as falsas irmãs foram à festa. A mais velha ficou à direita do altar, e a mais nova, à esquerda.

Subitamente, sem que ninguém pudesse impedir, a pomba pousada no ombro direito da noiva voou para cima da irmã mais velha e furou-lhe os olhos. A pomba do ombro esquerdo fez o mesmo com a mais nova, e ambas ficaram cegas para o resto da vida.

Irmãos Grimm

No tempo certo, quando ela deu à luz, veio uma menina. Foi imensa a alegria deles. Mas, ao mesmo tempo, ficaram muito preocupados, pois a recém-nascida era pequena e fraquinha, e precisava ser batizada com urgência.

Os meninos ficaram sem saber o que fazer. Em casa, como eles estavam demorando muito, o pai disse, impaciente:

E, cada vez mais angustiado, exclamou com raiva:

Nem bem falou isso, ouviu um ruflar de asas por cima de sua cabeça e, quando olhou, viu sete corvos pretos como carvão passando a voar por cima da casa.

Passaram-se anos. A menina nunca soube que tinha irmãos, pois os pais jamais falaram deles. Um dia, porém, escutou acidentalmente algumas pessoas falando dela:

Com grande aflição, ela procurou os pais e perguntou-lhes se tinha irmãos e onde eles estavam. Os pais não puderam mais guardar segredo. Disseram que havia sido uma predestinação do céu, mas que o batismo dela fora a inocente causa.

A partir desse momento, não se passou um dia sem que a menina se culpasse pela perda dos irmãos, pensando no que fazer para salvá-los. Não tinha mais paz nem sossego.

Um dia, ela fugiu de casa, decidida a encontrar os irmãos onde quer que eles estivessem nesse vasto mundo, custasse o que custasse.

Levou consigo apenas um anel de seus pais como lembrança, um pão grande para quando tivesse fome, um cantil de água para matar a sede e um banquinho para quando quisesse descansar.





E quando o sétimo corvo acabou de beber a última gota de seu copo, o anel rolou até seu bico. Ele reconheceu o anel de seus pais e exclamou:

— Queira Deus que nossa irmãzinha esteja aqui! Então, estaremos salvos!

Ao ouvir esse pedido, a menina, que estava atrás da porta, saiu e foi ao encontro deles. Imediatamente, os corvos recuperaram a forma humana.

Abraçaram-se e beijaram-se na maior alegria e, muito felizes, voltaram todos para casa.





CHAPÉUZINHO VERMELHO

Irmãos Grimm

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho só tinha uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito, mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó. Ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores.

A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pelo escuro e olhos brilhantes.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina! — disse com voz doce.

— Bom dia! — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:





— Puxe o trinco e a porta se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta. O lobo estava escondido embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

— Coloque as broinhas, a geleia e a manteiga no guarda-comida, minha querida netinha, e venha aqui, até minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

— São para enxergar também no escuro, minha menina!

— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

— São para ouvir tudo, queridinha!

— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

— É para engolir você melhor!!!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

— Agora estou realmente satisfeito — resmungou o lobo. Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho.

Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bem quentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cordeirinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa salvá-la!”

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho; na segunda, uma cabecinha loura; na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro e tão escuro... Faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador, que arrumou tudo bem direitinho dentro da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito.

Em seguida, os três saíram da casa, esconderam-se entre as árvores e aguardaram.

Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego.

O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as broinhas. E Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém e vá em frente pelo seu caminho”.





CHAPÉUZINHO VERMELHO

Charles Perrault

Era uma vez uma menina que vivia numa aldeia; era a coisa mais linda que se podia imaginar. Sua mãe era louca por ela, e a avó mais louca ainda. A boa velhinha mandou fazer para ela um chapeuzinho vermelho, e esse chapéu assentou-lhe tão bem que a menina passou a ser chamada por todo mundo de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, tendo feito alguns bolos, sua mãe disse-lhe:

— Vá ver como está passando a sua avó, pois fiquei sabendo que ela está um pouco adoentada. Leve-lhe um bolo e este potezinho de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho partiu logo para a casa da avó, que morava numa aldeia vizinha. Ao atravessar a floresta, ela encontrou o senhor Lobo, que ficou louco de vontade de comê-la; não ousou fazer isso, porém, por causa da presença de alguns lenhadores na floresta. Perguntou a ela aonde ia, e a pobre menina, que ignorava ser perigoso parar para conversar com um lobo, respondeu:

— Vou à casa da minha avó, para levar-lhe um bolo e um potezinho de manteiga que mamãe mandou.

— Ela mora muito longe? — quis saber o Lobo.

— Mora, sim! — falou Chapeuzinho Vermelho. — Mora depois daquele moinho que se avista lá longe, muito longe, na primeira casa da aldeia.

— Muito bem — disse o Lobo. — Eu também vou visitá-la. Eu sigo por este caminho aqui, e você por aquele lá. Vamos ver quem chega primeiro.

O Lobo saiu correndo a toda velocidade pelo caminho mais curto, enquanto a menina seguia pelo caminho mais longo, distraíndo-se a colher ave-lãs, a correr atrás das borboletas e a fazer um buquê com as florzinhas que ia encontrando.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Ele bate: toc, toc.

— Quem é? — pergunta a avó.

— É a sua neta, Chapeuzinho Vermelho — falou o Lobo, disfarçando a voz. — Trouxe para a senhora um bolo e um potezinho de manteiga, que minha mãe mandou.

A boa avozinha, que estava acamada porque não se sentia muito bem, gritou-lhe:

— Levante a aldraba, que o ferrolho sobe.

O Lobo fez isso e a porta se abriu. Ele lançou-se sobre a boa mulher e a devorou num segundo, pois fazia mais de três dias que não comia. Em seguida, fechou a porta e se deitou na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho. Passado algum tempo ela bateu à porta: toc, toc.

— Quem é?

Chapeuzinho Vermelho, ao ouvir a voz grossa do Lobo, a princípio ficou

E assim dizendo, o malvado Lobo se atirou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.



[illegible]

Era uma vez um casal de lenhadores muito, muito pobres, com sete filhos pequenos. Um deles, o caçula, era magro e fraco, mas esperto e inteligente; era conhecido como Polegar, por ser muito pequeno ao nascer.

Os dois lenhadores, desesperados com tanta miséria e tantas bocas para alimentar, encontraram uma triste solução: iriam se livrar dos sete filhos esfomeados.

— Vamos levar as crianças para a floresta — disse o lenhador. — Lá, enquanto juntam lenha, nós as abandonaremos e fugiremos sem que percebam.

— Coitadinhos dos meus filhos — disse a mãe, soluçando. — Ficarão sozinhos, sentindo frio, fome e medo das feras do mato...

— Prefere, então, que morram de fome aqui mesmo conosco, sob nossas vistas? — perguntou o pai, também chorando.

Não havia solução. As crianças morreriam, em casa ou na floresta. Então, era melhor que fosse longe, para os pais sofrerem menos. Combinaram o que fariam no dia seguinte e foram dormir.

Pela manhã, o casal chamou os filhos e foram todos para a floresta. Enquanto as crianças estavam ocupadas em apanhar bastante lenha, os pais foram se afastando, afastando, até ficarem bem longe.

Quando os sete irmãos perceberam que estavam sozinhos, os seis maiores começaram a chorar. Mas Polegar não desanimou. Encorajou os irmãos propondo que, juntos, procurassem o caminho de casa.

Começaram a caminhar pela floresta mas, infelizmente, quanto mais caminhavam, parecia que estavam mais perdidos e não sabiam que rumo seguir.

Chegou a noite, começou a chover e a fazer muito frio; ao longe, os lobos uivavam. Os seis maiores estavam desesperados, amedrontados e desanimados.

Mas Polegar, sempre muito ativo, subiu em uma grande árvore e, lá do alto, viu uma luz brilhar ao longe. Imaginou que seria a luz de uma casa.

Sem hesitar, o garoto desceu da árvore e, guiando os irmãos, começou a andar na direção daquela luzinha distante.

Andaram e andaram, até chegar a uma casa imensa e assustadora.

Polegarzinho bateu à porta e uma mulher veio abrir.

— Quem são vocês, crianças, e o que querem?



Partiu, calçado com as botas que, a cada passo, percorriam sete léguas. Andou muito, muito mesmo, mais que o próprio Gigante. Após algumas horas, chegou a um reino distante, que estava em guerra.

Logo soube que o rei dali recompensaria com uma fortuna a pessoa que lhe trouxesse qualquer informação sobre as tropas e as batalhas. Esperto como era, Polegar foi para a região do combate, auxiliado pelas botas velozes.

Quando retornou, levou excelentes informações para o rei que, muito satisfeito, pagou-lhe o combinado. E ainda lhe deu mais algumas centenas de moedas.

No dia seguinte, Polegarzinho calçou de novo as botas mágicas e, em um piscar de olhos, alcançou a cabana dos pais, onde foi acolhido com enorme alegria por todos, inclusive pelos seus irmãos, que tinham conseguido voltar.

Assim, graças ao pequeno e inteligente Polegar, todos viveram felizes desde aquele dia, com muita fartura.





O SOLDADINHO DE CHUMBO

Hans Christian Andersen

Numa loja de brinquedos havia uma caixa de papelão com vinte e cinco soldadinhos de chumbo, todos iguaizinhos, pois haviam sido feitos com o mesmo molde. Apenas um deles era pernetá: como fora o último a ser fundido, faltou chumbo para completar a outra perna. Mas o soldadinho pernetá logo aprendeu a ficar em pé sobre a única perna e não fazia feio, ao lado dos irmãos.

Esses soldadinhos de chumbo eram muito bonitos e elegantes, cada qual com seu fuzil ao ombro, a túnica escarlate, calça azul e uma bela pluma no chapéu. Além disso, tinham feições de soldados corajosos e cumpridores do dever.

Os valorosos soldadinhos de chumbo aguardavam o momento em que passariam a pertencer a algum menino.

Chegou o dia em que a caixa foi dada de presente de aniversário a um garoto. Foi o presente de que ele mais gostou:

— Que lindos soldadinhos! — exclamou maravilhado. E os colocou enfileirados sobre a mesa, ao lado dos outros brinquedos. O soldadinho de uma perna só era o último da fileira.

Ao lado do pelotão de chumbo se erguia um lindo castelo de papelão, um bosque de árvores verdinhas e, em frente, havia um pequeno lago feito de um pedaço de espelho.

A maior beleza, porém, era uma jovem que estava em pé na porta do castelo. Ela também era de papel, mas vestia uma saia de tule bem franzida e uma blusa bem justa. Seu lindo rostinho era emoldurado por longos cabelos negros, presos por uma tiara enfeitada com uma pequenina pedra azul.

A atraente jovem era uma bailarina, por isso mantinha os braços erguidos em arco sobre a cabeça, com uma das pernas dobrada para trás, tão dobrada, mas tão dobrada que acabava escondida pela saia de tule.

O soldadinho a olhou longamente e logo se apaixonou, pensando que, tal como ele, aquela jovem tão linda tivesse uma perna só.

“Mas é claro que ela não vai me querer para marido”, pensou entristecido o soldadinho, suspirando. “Tão elegante, tão bonita... Deve ser uma princesa. E eu? Nem cabo sou, vivo numa caixa de papelão, junto com meus vinte e quatro irmãos.”

À noite, antes de deitar, o menino guardou os soldadinhos na caixa, mas não percebeu que aquele de uma perna só caíra atrás de uma grande cigarreira.

Quando os ponteiros do relógio marcaram meia-noite, todos os brinquedos se animaram e começaram a aprontar mil e uma. Uma enorme bagunça!

As bonecas organizaram um baile, enquanto o giz da lousa desenhava bonequinhos nas paredes. Os soldadinhos de chumbo, fechados na caixa, golpeavam a tampa para sair e participar da festa, mas continuavam prisioneiros.

Mas o soldadinho de uma perna só e a bailarina não saíram do lugar em que haviam sido colocados. Ele não conseguia parar de olhar aquela maravilhosa criatura. Queria ao menos tentar conhecê-la, para ficarem amigos.

De repente, ergueu-se da cigarreira um homenzinho muito mal-encarado. Era um gênio ruim, que só vivia pensando em maldades. Assim que ele apareceu, todos os brinquedos pararam amedrontados, pois já sabiam de quem se tratava.

O geniozinho olhou a sua volta e viu o soldadinho, deitado atrás da cigarreira.

— Ei, você aí, por que não está na caixa, com seus irmãos? — gritou o monstrinho.

Fingindo não escutar, o soldadinho continuou imóvel, sem desviar os olhos da bailarina.

— Amanhã vou dar um jeito em você, você vai ver! — gritou o geniozinho enfezado. — Pode esperar.

Depois disso, pulou de cabeça na cigarreira, levantando uma nuvem que fez todos espirrarem.

Na manhã seguinte, o menino tirou os soldadinhos de chumbo da caixa, recolheu aquele de uma perna só, que estava caído atrás da cigarreira, e os arrumou perto da janela. O soldadinho de uma perna só, como de costume, era o último da fila.

De repente, a janela se abriu, batendo fortemente as venezianas. Teria sido o vento, ou o geniozinho maldoso? E o pobre soldadinho caiu de cabeça na rua.

O menino viu quando o brinquedo caiu pela janela e foi correndo procurá-lo na rua. Mas não o encontrou. Logo se consolou: afinal, tinha ainda os outros soldadinhos, e todos com duas pernas.

Para piorar a situação, caiu um verdadeiro temporal. Quando a tempestade foi cessando, e o céu limpou um pouco, chegaram dois moleques. Eles se divertiam, pisando com os pés descalços nas poças de água. Um deles viu o soldadinho de chumbo e exclamou:

— Olhe! Um soldadinho! Será que alguém jogou fora porque ele está quebrado?

— É, está um pouco amassado. Deve ter vindo com a enxurrada.

— Não, ele está só um pouco sujo.

— O que nós vamos fazer com um soldadinho só? Precisaríamos pelo menos de meia dúzia para organizar uma batalha.

— Sabe de uma coisa? — Disse o primeiro garoto. — Vamos colocá-lo num barco e mandá-lo dar a volta ao mundo.

E assim foi. Construíram um barquinho com uma folha de jornal, colocaram o soldadinho dentro dele e soltaram o barco para navegar na água que corria pela sarjeta.





PARTE 2 - CONTO

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

Naquele ano, o inverno chegou cedo e foi muito rigoroso. O patinho feio precisava nadar ininterruptamente, para que a água não congelasse em volta de seu corpo, criando uma armadilha mortal. Mas era uma luta contínua e





Talvez um outro, em seu lugar, tivesse ficado envaidecido. Mas não ele. Seu coração era muito bom, e ele sofrera muito antes de alcançar a sonhada felicidade.





O ROUXINOL DO IMPERADOR

Hans Christian Andersen

O palácio do imperador da China era uma das coisas mais bonitas que existiam no mundo. Construído em mármore branco, possuía torres de marfim, paredes revestidas com tecidos de cores variadas e quartos decorados com ouro e prata. Era realmente uma maravilha!

O jardim também era de enorme beleza; nele cresciam flores raras e belas. Havia inúmeros rios e lagos, onde nadavam peixes de todas as espécies e tamanhos.

Para além do jardim, estendia-se uma mata, que chegava até o mar. No interior dessa mata, vivia um rouxinol de canto único. De sua pequenina garganta saíam melodias tão emocionantes que faziam chorar quem as escutasse.

Turistas do mundo todo iam admirar o palácio do imperador chinês e ficavam maravilhados diante de tanta beleza. Mas quando ouviam o canto do rouxinol, todos admitiam que aquilo, sim, era a coisa mais bonita e rara do grande império.

Entre os visitantes havia escritores que, ao retornarem a suas pátrias, escreviam livros a respeito do prodigioso pássaro que vivia no centro da mata, próximo ao palácio imperial. E dedicavam a ele os maiores elogios, muito mais do que à maravilhosa casa do imperador chinês.

Um dia, um daqueles livros chegou às mãos do imperador. Depois de lê-lo, o soberano ficou, ao mesmo tempo, surpreso e enfurecido. Mandou logo chamar o primeiro-ministro.

— Incrível! No bosque que faz divisa com os jardins imperiais vive um rouxinol cujo canto é incomparável, e eu o desconheço! Tive de ler um livro estrangeiro para aprender que a maior maravilha de meu país é um pássaro de voz de ouro, e não este meu soberbo palácio! Diga-me, por que não fui informado?

— Eu também ignorava o fato, meu senhor — respondeu o primeiro-ministro, assustado com a ira do imperador. — Mas vou descobri-lo.

— E que seja muito breve. Nesta noite mesmo o rouxinol deverá cantar somente para mim.

O primeiro-ministro iniciou as buscas. Interrogou príncipes e nobres, guardas e cavaleiros. Ninguém sabia da existência de tal ave. Sem nada descobrir, o primeiro-ministro voltou ao imperador:

— Meu senhor, não se consegue encontrar o rouxinol. Talvez não exista, talvez seja apenas invenção do autor do livro.

Mas o imperador não quis explicações. Exigia o prodigioso rouxinol! Ou naquela noite o rouxinol cantava para a corte, ou o primeiro-ministro seria punido.

O pobre homem começou a percorrer ruas e praças, perguntando a todos sobre o tal pássaro.

Cantava frequentemente para seu amo e uma vez por dia dava um passeio no jardim — mas preso pela patinha a um fio de seda conduzido pelo primeiro-ministro.





Um dia, o imperador da China recebeu um presente de seu amigo, o imperador do Japão: um maravilhoso rouxinol mecânico, todo de ouro. Suas asas eram enfeitadas com diamantes, a cauda exibia safiras e os olhos, rubis.

Bastava girar uma pequena chave e o rouxinol mecânico cantava uma linda melodia. Porém, o rouxinol verdadeiro cantava com o coração e o outro, com molas e cilindros de aço.

As duas vozes não combinavam, e o imperador se aborreceu:

— Que o rouxinol mecânico cante sozinho! — ordenou.

Trinta vezes em seguida o belo brinquedo repetiu a mesma melodia sem mudar uma nota sequer, entre aplausos e elogios da corte que o ouvia.

Na trigésima primeira apresentação, o imperador disse que já era o bastante.

— E agora, que cante o rouxinol verdadeiro! — ordenou.

Mas o passarinho não foi encontrado. Aproveitando-se do descuido geral, tinha voado pela janela aberta em direção à mata, onde sempre vivera em total liberdade. Mas o imperador não ficou triste, pois afinal estava satisfeito com o rouxinol mecânico.

Para que todos os súditos admirassem seu rouxinol, permitiu um espetáculo público. Muitos se deslumbraram. Mas quem já ouvira a voz do rouxinol verdadeiro, na mata, não se convenceu:

— Há enorme diferença entre os dois...

Não importava a opinião dos outros. O imperador, a cada dia que passava, ficava mais animado com aquele extraordinário brinquedo. O aparelhinho repousava em uma almofada de seda, ao lado da cama do soberano, que a cada momento lhe dava corda, contente com aquele canto sempre igual.

Certa noite, o delicado mecanismo se rompeu, produzindo um ruído estranho. O imperador mandou chamar um experiente relojoeiro, que encontrou uma mola quebrada e trocou-a.

Mas avisou ao imperador que o mecanismo já estava bem gasto, e que o rouxinol mecânico só poderia cantar uma vez por ano, para evitar que quebrasse definitivamente.

O imperador ficou muito triste com isso, mas foi obrigado a seguir o conselho do relojoeiro.

Passaram-se os anos, e um dia o imperador adoeceu gravemente. Repousava entre seus lençóis de cetim e as cobertas de seda bordadas, mas, apesar de tanto luxo, estava só.

Nobres e ministros discutiam a sucessão ao trono, médicos pesquisavam novos remédios para receitar ao ilustre doente, a criadagem dormia. Ninguém fazia companhia ao enfermo.

Em certo momento, o imperador abriu os olhos e viu a Morte sentada a seu lado, em seu assustador manto negro, encarando-o silenciosamente.

Entendeu que chegara sua hora, e então se virou para o rouxinol mecânico e sussurrou:

— Cante, suplico-lhe. Cante, quero escutar sua voz mais uma vez, antes de morrer.

Mas o rouxinol permaneceu calado. Não havia ninguém que lhe desse corda, e ele, sozinho, não podia cantar.

De repente, uma melodia muito doce, enternecedora ressoou nos aposentos. No parapeito da janela, estava o rouxinol verdadeiro. O passarinho soubera da morte inevitável do imperador e viera trazer-lhe seu consolo musical, ainda que sem ouro, brilhantes, safiras e rubis.

A Morte também se pôs a escutar aquele doce canto e, quando o rouxinol se calou, pediu para que continuasse. A música se espalhou pelo amplo aposento e, a cada nota, o imperador se sentia melhor. Enquanto isso, dona Morte foi se afastando devagar.

— Repouse, agora, Majestade — disse com carinho o rouxinol. — Amanhã acordará curado.

E ficou ali, com seus gorjeios, entoando uma suave canção de ninar.

No dia seguinte, ao despertar, o imperador se sentia bem e se levantou. O rouxinol ainda estava no parapeito da janela.

— Meu salvador! — disse-lhe o imperador. — Fui ingrato com você, ao preferir o rouxinol mecânico. Mas agora pretendo me desculpar. Vou destruir aquele tolo brinquedo, se quiser, mas peço-lhe que nunca mais me abandone.

— Não me peça isso — respondeu o rouxinol. — Vou ficar com muito gosto junto de Vossa Majestade, mas com a condição de não me prender mais na gaiola. Deixe-me livre, permita que eu viva nos bosques. Virei cantar sempre que quiser, e também lhe contarei tudo o que vejo no seu império. Assim, saberá das injustiças que devem ser punidas e das boas ações que merecem recompensa. Seu povo poderá ser bem mais feliz.

O imperador concordou, e o rouxinol foi embora. Mais tarde, na hora em que os cortesãos, médicos e empregados entraram no aposento do doente, temendo encontrá-lo morto, viram-no em pé, alegre, feliz e bem-disposto. E nunca souberam, nem sequer imaginaram, o motivo de tal prodígio.





AS ROUPAS NOVAS DO IMPERADOR

Hans Christian Andersen

Há muito, muito tempo, vivia em um reino distante um imperador vaidossíssimo.

Seu único interesse eram as roupas. Pensava apenas em trocar de roupas, várias vezes ao dia; desfilava vestes belíssimas, luxuosas e muito caras para a corte.

Um belo dia, chegaram à capital do reino dois pilantras, muito habilidosos em viver à custa do próximo.

Assim que os dois souberam da fraqueza do imperador por belas roupas, espalharam a notícia de que eles eram especialistas em tecer um pano único no mundo, de cores e padrões deslumbrantes. E o mais impressionante, segundo eles: as roupas confeccionadas com aquele tecido tinham o poder de ser invisíveis para as pessoas tolas ou que ocupassem um cargo sem merecê-lo.

O imperador logo se entusiasmou com a ideia de ter roupas não só bonitas, mas também úteis para desmascarar os bobos e os que não mereciam cargos na corte. E tratou de mandar chamar tão habilidosos tecelões.

— Ponham-se logo a meu serviço. Quero uma roupa sob medida, a mais linda que já tenham feito.

— Majestade, necessitamos de uma sala, de um tear, de fios de seda e de ouro e, principalmente, de que ninguém nos incomode.

Foram logo atendidos. Uma hora depois estavam diante do tear, fingindo tecer sem parar. E assim continuaram por muitos dias, pedindo cada vez mais seda, mais ouro... e mais dinheiro, é claro!

O imperador estava curioso e um dia resolveu enviar seu velho primeiro-ministro para inspecionar a obra dos tecelões.

“É ele um ministro sábio e fiel”, pensou o rei. “Com certeza, conseguirá ver esse tecido tão extraordinário e nada me esconderá.”

Mas, quando o velho ministro chegou em frente ao tear, nada viu. Preocupou-se. Ficou em dúvida.

— Mas isso não significa que eu não seja digno do cargo que ocupo — disse a si mesmo, aflito.

Aos tecelões, porém, que lhe perguntavam com insistência se o padrão do tecido era de seu agrado, se as cores se harmonizavam, ele respondeu entusiasmado:

— Mas claro! É magnífico. Nunca vi coisa igual.

O ministro levou ao conhecimento do imperador os progressos da confecção e, por precaução, elogiou o extraordinário bom gosto dos dois profissionais. Por nada neste mundo admitiria ter olhado para um tear vazio.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

This vertical strip contains numerous small, colorful drawings. From top to bottom, it includes: a yellow figure in a raincoat holding a plant; a person in a red shirt jumping over waves; a monkey hanging from a vine; a yellow cat-like creature; a toucan bird; a green rooster; two people walking; a yellow duck; a white cat; a sun and moon; a dog running; a brown cow; a green frog; a fish; a lion; a mouse; sheep; a fox; a girl in a green dress; and a person lying down. The background is a light pinkish-white with wavy blue lines representing water or clouds.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]



— Sim, sim, claro — resmungou o imperador. — Estou mesmo querendo uma roupa nova para o torneio.

Foi dada nova incumbência aos tecelões, que pegaram a fita métrica e tiraram as medidas do rei, fingindo entender do ofício.

— A cauda, Majestade, deverá ser muito longa?

— Claro que sim, muito comprida. Arrastando-se por metros atrás de mim.

— E o laço? Prefere de veludo ou de cetim?

— Podem sugerir, confio no gosto de vocês.

O imperador voltou ao palácio transtornado, e os dois impostores continuaram a trabalhar na frente do tear vazio. Nem sequer pararam durante a noite. Empenhados na farsa, trabalhavam à luz de vela.

Alguém que, por curiosidade, foi espiar por uma fresta da porta, viu-os atarefados, cortando o ar com uma grande tesoura e costurando com uma agulha sem linha.

Dois dias depois, na manhã do domingo, os tecelões se apresentaram na corte, levando a roupa para o torneio. Mantinham os braços levantados, como se estivessem segurando algo muito delicado e volumoso. Ninguém via nada — pois nada havia para ser visto —, mas ninguém, também, ousou confessar. Quem assumiria ser tolo ou incompetente?

Os dois charlatões correram ao encontro do imperador, assim que este apareceu na porta do salão.

— Vossa Majestade gostaria de vestir suas roupas novas agora? — perguntou, irônico, o primeiro.

O imperador disse que queria vesti-las logo. Foi para a frente de um grande espelho e tirou as roupas que vestia. Os tecelões fingiram entregar ao imperador primeiro a túnica, depois a calça e, enfim, a capa com sua longa cauda.

O imperador, meio despido, sentia muito frio. Até espirrou, mas não podia nem pensar em perguntar se continuava em trajes íntimos.

— Não é um pouco leve demais este tecido? — arriscou.

— Majestade, a leveza é uma de suas qualidades mais apreciadas. Nem uma aranha poderia tecer uma tela tão impalpável, apesar de termos empregado muitos fios de ouro.

E o imperador se convenceu de que estava vestindo uma roupa fabulosa, embora o espelho refletisse apenas a imagem de um homem de cueca e camiseta.

Em volta dele, os cortesãos se desmanchavam em elogios à nova roupa. Finalmente, a toalete terminou: tomara banho, perfumara-se, penteara-se e vestira a tão falada roupa.

No pátio do palácio já estavam a postos quatro soldados em trajes de gala, segurando um dossel sob o qual o imperador se protegeria até a praça dos torneios.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

[illegible]

— Pegue o candeeiro e venha.





ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES

As mil e uma noites

Numa distante cidade do Oriente, vivia um homem bom e justo, chamado Ali Babá.

Ali Babá era muito pobre. Morava numa tenda, entre um vasto deserto e um grande oásis.

Para sustentar a mulher, Samira, e os quatro filhos, Ali Babá oferecia seus serviços às caravanas de mercadores que passavam por ali. Estava sempre pronto para cuidar dos camelos, lavá-los, escová-los e dar-lhes água e alimento.

Os ricos comerciantes já conheciam Ali Babá e gostavam muito de seu serviço. Ele sempre cobrava o preço justo pelo trabalho, porém, muitas vezes, os mercadores davam-lhe mais, pois sabiam que ele vivia em dificuldades.

— Aqui estão dez moedas de prata para você, Ali Babá. E obrigado por ter cuidado tão bem dos meus camelos.

— Mas, senhor, são só cinco moedas que costumo cobrar — respondia honestamente Ali Babá.

— Sim, eu sei, meu bom homem. Mas quero gratificá-lo.

— Obrigado, patrão, agradeço em nome dos meus filhos.

Samira, em casa, também trabalhava muito. Além de cuidar dos filhos e das tarefas do lar, remendava a tenda, que já era velha, e cuidava de uma horta, plantando tudo que podia, preocupada em economizar.

— Veja, Samira! Veja, minha mulher! Hoje os homens da caravana foram generosos. Deram-me dez moedas!

— Graças a Alá! Agora poderemos comprar uma túnica nova para Ben e outra para Omar. Eles têm passado frio.

— Sim, Samira, amanhã mesmo vou fazer isso. A caravana vai embora ainda hoje, e até o mês que vem não terei mais trabalho...

Era difícil a vida de Ali Babá! As caravanas não eram constantes e havia épocas em que, devido às tempestades de areia no deserto, os mercadores levavam dois ou três meses para passar por ali.

Para que sua mulher e seus filhos não passassem necessidades, Ali Babá procurava fazer outros trabalhos. Com eles garantia pelo menos a compra de leite, pão, azeite e alguma carne.

Assim, quando não havia caravanas, Ali Babá entrava numa floresta que fazia parte do oásis, entre o deserto e a cidade. Lá ele colhia tâmaras e damascos, colocava-os em cestos e depois ia vendê-los no grande bazar da cidade.

“Que bom! Hoje consegui apanhar meio cesto de frutas. Mas já é tarde. Não consigo mais enxergar. Amanhã mando meu filho Anuar ir vendê-las na cidade e volto aqui para pegar mais. Vou ver se encho dois cestos”, pensou Ali Babá.

De repente, ouviu ao longe o mesmo barulho da véspera. Apurou o ouvido e teve certeza: eram cavalos que se aproximavam. Seriam os mesmos homens do dia anterior? Se fossem, estavam passando um pouco mais tarde.





— Fecha-te, Sésamo!

Ali Babá esperou assentar a poeira levantada pelos animais e saiu de trás da árvore.

— Abre-te, Sésamo!

“Que beleza! Quanto ouro! Quantas pedras preciosas! Quantas moedas! E pensar que há tanta gente pobre, passando necessidades, sem casa, sem roupa, sem comida. De quem será que eles roubam tanta riqueza? Deve ser das caravanas.” Ali Babá deu uma volta por dentro da gruta, que era iluminada por tochas.

“E se eu levasse algumas dessas moedas de ouro em meu saquinho? Acho que os ladrões nem perceberiam. Eles têm tanto... Mas isto seria um roubo. Eu seria um ladrão, roubando ladrões.”

— Fecha-te, Sésamo!

Onde poderia guardá-las? Quando nada possuía, não tinha medo de ser roubado. Agora, de posse das moedas, já começava a temer os assaltantes.

“Acho que vou conversar com meu irmão Ali Mansur. Ele é rico... Saberá me dizer o que posso fazer com as moedas...”

Ali Babá chegou em casa, jantou e disse a Samira que ia visitar o irmão.





No dia seguinte, Ali Babá nem levou seus cestos para colher tâmaras e damascos. Foi diretamente procurar o irmão em Sésamo, pois Mansur nunca jogaria fora uma oportunidade para ficar mais rico.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]



(Versão de Suely M. Brazão)





O BICHO MANJALÉU

Contos brasileiros

Uma vez existia um velho casado, que tinha três filhas muito bonitas; o velho era muito pobre e vivia de fazer gamelas para vender. Quando foi um dia, chegou à sua porta um moço muito formoso, montado num belo cavalo e lhe falou para comprar uma de suas filhas.

O velho ficou muito magoado, e disse que, por ser pobre, não havia de vender sua filha. O moço disse-lhe que, se não lha vendesse, o mataria; o velho intimidado vendeu-lhe a moça e recebeu muito dinheiro.

Retirando-se o cavaleiro, o pai da família não quis mais trabalhar nas gamelas, por julgar que não o precisava mais, de então em diante; mas a mulher instou com ele para que não largasse o seu trabalho de costume, e ele obedeceu.

Quando foi na tarde seguinte, apresentou-se um outro moço, ainda mais bonito, montado num cavalo ainda mais bem aparelhado, e disse ao velho que queria comprar uma de suas filhas. O pai ficou incomodado; contou-lhe o que tinha sucedido no dia antecedente, e recusou-se ao negócio. O moço o ameaçou também de morte, e o velho cedeu.

Se o primeiro deu muito dinheiro, este ainda deu mais e foi-se embora.

O velho de novo não quis continuar a fazer as gamelas e a mulher o aconselhou, até ele continuar. Pela tarde seguinte, apareceu outro cavaleiro ainda mais bonito, e melhor montado, e, pela mesma forma, carregou-lhe a filha mais moça, deixando ainda mais dinheiro.

A família cá ficou muito rica; depois apareceu a velha pejada e deu à luz a um filho, que foi criado com muito luxo e mimo.

Quando chegou o tempo de o menino ir para a escola, um dia brigou com um companheiro, e este lhe disse:

— Ah! Tu cuidas que teu pai foi sempre rico!... Ele hoje está assim, porque vendeu tuas irmãs!...

O rapazinho ficou muito pensativo e não disse nada em casa; mas quando foi moço, lá num dia se armou de um alfanje e foi ao pai e à mãe e lhes disse que lhe contassem a história de suas três irmãs, senão os matava. O pai lhe teve mão, e contou o que se tinha passado antes de ele nascer. O moço então pediu que queria sair pelo mundo para encontrar suas irmãs, e partiu. Chegando em um caminho, viu numa casa três irmãos brigando por causa de uma bota, uma carapuça e uma chave. Ele chegou e perguntou o que era aquilo, e para que prestavam aquelas coisas.

Os três irmãos responderam que àquela bota se dizia "Bota, me bota em tal parte!" e a bota botava; à carapuça se dizia: "Esconde-me, carapuça!" e ela escondia a pessoa que ninguém a via; e a chave *abria* qualquer porta.

O moço ofereceu bastante dinheiro pelos objetos, os irmãos aceitaram,

e ele partiu. Quando se encobriu da casa, disse: “Bota, me bota na casa de minha irmã primeira”.

Quando abriu os olhos, estava lá. A casa era um palácio ornado e rico. e o moço mandou pedir licença para entrar e falar com a irmã que estava feita rainha. Ela não queria aparecer, porque dizia que nunca tinha tido irmão. Afinal, depois de muita instância, deixou o estrangeiro entrar; ele contou toda a sua história. e a irmã acreditou e o tratou muito bem.

Perguntou-lhe como poderia ter chegado ali àquelas brenhas, e o irmão disse-lhe ter o poder da bota. Pela tarde, a rainha se pôs a chorar e o irmão lhe indagou da razão, ao que ela respondeu que seu marido era o *rei dos peixes* e, quando vinha jantar, era muito zangado, em termos de acabar com tudo, e não queria que ninguém fosse ter ao seu palácio...

O moço disse-lhe que por isso não se incomodasse, que tinha com que se esconder e não ser visto, e era a carapuça. Pela tarde veio o *rei dos peixes*, acompanhado de uma porção de outros, que o deixaram na porta do palácio e se retiraram. Chegou o rei muito aborrecido, dando pulos e pancadas, dizendo: “Aqui me fede a sangue real!” do que a rainha o dissuadia; até que ele tomou banho e se desencantou num belo moço.

Seguiu-se o jantar, no qual a rainha perguntou-lhe:

— Se aqui viesse um irmão meu, cunhado seu, você o que fazia?

— Tratava e venerava como a você mesma; e se está aí, apareça.

Foi a resposta do rei. O moço apareceu e foi muito considerado. Depois de muita conversação, em que contou sua viagem, foi instado para ficar ali, morando com a irmã, ao que disse que não, porque ainda lhe restavam duas irmãs a visitar.

O rei lhe indagou que préstimo tinha aquela bota, e quando soube do que valia, disse:

— Se eu a apanhasse, ia ver a rainha de Castela.

O moço, não querendo ficar, despediu-se e, no ato da saída, o cunhado lhe deu uma escama, e disse-lhe:

— Quando você estiver em algum perigo, pegue nesta escama, e diga: “Valha-me o *rei dos peixes*”.

O moço saiu e quando se encobriu do palácio, disse: “Bota, me bota em casa de minha irmã segunda”; e, quando abriu os olhos, lá estava. Era um palácio ainda mais bonito e rico do que o outro. Com alguma dificuldade da parte da irmã, entrou e foi recebido muito bem. Depois de muita conversa, a sua irmã do meio pôs-se a chorar, dizendo que era “por ele estar aí, e, sendo seu marido o *rei dos carneiros*, quando vinha jantar, era dando muitas marradas, em termos de matar tudo”.

O irmão apaziguou-a, dizendo que tinha onde se esconder. Com poucas, chegou uma porção de carneiros com um carneirão muito alvo e belo na frente; este entrou e os outros voltaram.



Chegou o rei muito aborrecido, dando pulos e pancadas, dizendo: “Aqui me fede a sangue real!” do que a rainha o dissuadia; até que ele tomou banho e se desencantou num belo moço.

Seguiu-se o jantar, no qual a rainha perguntou-lhe:

— Se aqui viesse um irmão meu, cunhado seu, você o que fazia?

— Tratava e venerava como a você mesma; e se está aí, apareça.

Foi a resposta do rei. O moço apareceu e foi muito considerado. Depois de muita conversação, em que contou sua viagem, foi instado para ficar ali, morando com a irmã, ao que disse que não, porque ainda lhe restava uma irmã a visitar.

Na despedida, o rei dos carneiros deu ao cunhado uma lâzinha, dizendo:

— Quando estiver em perigo, diga: “Valha-me o rei dos carneiros”.

Também disse, depois de saber a virtude da bota:

— Se eu pegasse esta bota, ia ver a rainha de Castela.

O moço foi reparando nisto e formou-se logo consigo o plano de ir vê-la. Saiu, e pela mesma forma foi à casa de sua irmã mais moça. Era um palácio ainda mais bonito e rico do que os outros dois. O que lá sucedeu foi o mesmo do que nos palácios das suas irmãs mais velhas. Era o palácio do *rei dos pom-bos*, e este, na despedida, deu ao cunhado uma pena, com as palavras:

— Quando se vir nalgum perigo, diga: “Valha-me o *rei dos pombos*”.

Na despedida, sabendo o rei do préstimo da bota, mostrou também desejos de ir visitar a rainha de Castela.

Logo que o moço se viu longe do palácio, disse: “Bota, bota-me agora na terra da rainha de Castela”. Assim foi. Chegado lá, ele indagou e soube que “era uma princesa que o pai queria casar, e que era tão bonita que ninguém passava pela frente do palácio que não olhasse logo para cima para vê-la na janela; mas a princesa tinha dito ao rei que só casava com o homem que passasse sem levantar a vista”.

O estrangeiro foi passar, e atravessou toda a distância sem olhar, e a princesa casou com ele.

Depois de casados, ela indagou pela significação daqueles objetos que seu marido sempre trazia consigo; ele tudo lhe contou, e a princesa prestou muita atenção ao prestígio da chave.

O rei, seu pai, tinha em palácio um quarto que nunca se abria, e neste quarto, onde era proibido a todos entrar, estava, desde muito tempo, trancado um bicho Manjaléu, muito feroz, que sempre o rei mandava matar e sempre revivia.

A moça tinha muita curiosidade de o ver e, aproveitando a saída do pai e do marido para uma caçada, pegou na chave encantada e abriu o quarto. O bicho pulou de dentro, dizendo: “*A ti mesmo é que eu queria!...*” e fugiu com ela para as brechas.

Quando voltaram, os caçadores deram por falta da princesa, e ficaram muito aflitos. O rei foi ao quarto do Manjaléu, e achou-o aberto e vazio, e o novo prínci-

pe conheceu a sua chave... Ao depois valeu-se de sua bota e foi ter aonde estava sua mulher. Esta, quando o viu, estando ausente o Manjaléu, ficou muito alegre, e quis ir-se embora com ele. Mas o marido o não consentiu, dizendo que ela ficasse para indagar do monstro onde estava a sua vida, para assim dar cabo dele.

O príncipe foi-se embora. Quando o Manjaléu voltou, conheceu que ali tinha estado *bicho homem*; a moça o dissuadiu, e quando ele se acalmou, ela lhe perguntou onde estava a sua vida. O monstro zangou-se muito, e disse:

— Ah! Tu queres saber de minha vida mais o teu marido, para darem cabo de mim!... Não te digo, não...

Passaram-se dias, sempre a moça instando. Afinal, ele foi amolar um alfanje, dizendo:

— Eu te digo onde está minha vida; mas se eu sentir qualquer incômodo, conheço que ela vai em perigo e, antes que me matem, mato a ti primeiro, queres?!

A princesa respondeu que sim. O Manjaléu amolou o alfanje, e disse-lhe:

— Minha vida está no mar; dentro dele há um caixão, dentro do caixão uma pedra, dentro da pedra uma pomba, dentro da pomba um ovo, dentro do ovo uma vela; assim que a vela se apagar, eu morro.

O bicho saiu e foi procurar frutas; chegou o príncipe, soube de tudo e foi-se embora. O Manjaléu veio e deitou-se no colo da moça com o alfanje ali perto. O príncipe chegou com sua bota à praia do mar num instante; lá pegou na escama que tinha, e disse: “Valha-me o *rei dos peixes*!”. De repente uma multidão de peixes apareceu, indagando o que ele queria.

O príncipe perguntou por um caixão que havia no fundo do mar; os peixes disseram que nunca o tinham visto, e só se o peixe do rabo cotó soubesse. Foram chamar o peixe do rabo cotó, e este respondeu:

— Neste instante dei uma encontroada nele.

Todos os peixes foram e botaram o caixão para fora. O príncipe o abriu e deu com a pedra; aí pegou na lâzinha e disse: “Valha-me o *rei dos carneiros*!”. De repente apareceram muitos carneiros e entraram a dar marradas na pedra.

O Manjaléu lá começou a sentir-se doente, e dizia:

— Minha vida, princesa, corre perigo!

E pegou no alfanje; a moça o foi dissuadindo e engambelando. Os carneiros quebraram a pedra e voou uma pomba. O príncipe pegou na pena e disse: “Valha-me o *rei dos pombos*!”. Chegaram muitos pombos e correram atrás da pomba, até que a pegaram. O príncipe abriu-a e achou o ovo.

Quando estava nisto, lá o Manjaléu estava muito desfalecido, pegou no alfanje e ia dando um golpe na princesa. Foi quando cá o príncipe quebrou o ovo, e apagou a vela; aí o bicho caiu sem ferir a moça. O príncipe foi ter com ela, e levou-a para o palácio, onde houve muitas festas.

(Versão de Sergipe, coletada por Sílvio Romero)



[illegible]

Um macaco uma vez pensou em fazer fortuna. Para isso foi-se colocar por onde tinha de passar um carreiro com seu carro. O macaco estendeu o rabo pela estrada por onde deviam passar as rodeiras do carro. O carreiro, vendo isso, disse:

— Não tiro! — respondeu o macaco.

— Eu quero meu rabo, ou então dê-me uma navalha...

— Perdi meu rabo! Ganhei uma navalha!... Tinglin, tinglin, que vou para Angola!...

0 macaco:

O negro aceitou, e quando foi partir um cipó, quebrou-se a navalha. O co abriu a boca no mundo e pôs-se a gritar:

— Eu quero minha navalha, ou então me dê um cesto!

O negro velho lhe deu um cesto e ele saiu muito contente gritando:

— Perdi meu rabo, ganhei uma navalha, perdi minha navalha, ganhei um cesto... Tinglin, tinglin, que vou para Angola!

Seguiu. Chegando adiante, encontrou uma mulher fazendo pão e botando na saia.

— Ora, minha sinhá, fazendo pão e botando na saia! Aqui está um cesto.

A mulher aceitou, e, quando foi botando os pães dentro, caiu o fundo do cesto. O macaco abriu a boca no mundo e pôs-se a gritar:

— Eu quero o meu cesto, quero o meu cesto, senão me dê um pão!

A mulher deu-lhe o pão, e ele saiu muito contente a dizer:

— Perdi meu rabo, ganhei uma navalha, perdi minha navalha, ganhei um cesto, perdi meu cesto, ganhei um pão... Tinglin, tinglin, que vou para Angola!

Seguiu. Chegando adiante, encontrou um violeiro. O violeiro estava com fome e o macaco lhe deu o pão. O violeiro comeu todo o pão e o macaco pôs-se a gritar: “Eu quero o meu pão, quero o meu pão, senão me dá a sua viola!. O violeiro deu a viola para o macaco e dessa vez ele saiu cantando satisfeito: “ Perdi meu rabo, ganhei uma navalha, perdi minha navalha, ganhei um cesto, perdi um cesto, ganhei um pão, perdi um pão ganhei uma viola... Tinglin, tinglin, que vou para Angola!... Seguiu e, pelo tempo que passou, já deve ter chegado lá!

128

Contos brasileiros

— Tira o teu rabo da estrada, senão o carro passa e corta.

— Só te dou, se me deres leite.

— Onde tiro leite? — disse o macaco.

Respondeu o gato:

— Pede à vaca.

O macaco foi à vaca e disse:

— Vaca, dá-me leite para dar ao gato, para o gato dar-me o meu rabo.

— Não dou; só se me deres capim! — disse a vaca.

— Donde tiro capim?

— Pede à velha.

— Velha, dá-me capim, para eu dar à vaca, para a vaca dar-me leite, o leite para o gato me dar o meu rabo.

— Não dou; só se me deres uns sapatos.

— Donde tiro zapatos?

— Pede ao sapateiro.





— Sapateiro, dá-me sapatos, para eu dar à velha, para a velha me dar capim, para eu dar à vaca, para a vaca me dar leite, para eu dar ao gato, para o gato me dar o meu rabo.

— Não dou; só se me deres cerda.

— Onde tiro cerda?

— Pede ao porco.

— Porco, dá-me cerda, para eu dar ao sapateiro, para me dar sapatos, para eu dar à velha, para me dar capim, para eu dar à vaca, para me dar leite, para eu dar ao gato, para me dar o meu rabo.

— Não dou; só se me deres chuva.

— Onde tiro chuva?

— Pede às nuvens.

— Nuvens, dai-me chuva, para o porco, para dar-me cerda para o sapateiro, para dar-me sapatos para dar à velha, para me dar capim para dar à vaca, para dar-me leite para dar ao gato, para dar meu rabo...

— Não dou; só se me deres fogo.

— Onde tiro fogo?

— Pede às pedras.

— Pedras, dai-me fogo, para as nuvens, para a chuva para o porco, para cerda para o sapateiro, para sapatos para a velha, para capim para a vaca, para leite para o gato, para me dar meu rabo.

— Não dou; só se me deres rios.

— Onde tiro rios?

— Pede às fontes.

— Fontes, dai-me rios, os rios ser para as pedras, as pedras me dar fogo, o fogo ser para as nuvens, as nuvens me dar chuvas, as chuvas ser para o porco, o porco me dar cerda, a cerda ser para o sapateiro, o sapateiro fazer os sapatos, os sapatos ser para a velha, a velha me dar capim, o capim ser para a vaca, a vaca me dar o leite, o leite ser para o gato, o gato me dar meu rabo.

Alcançou o macaco todos os seus pedidos. O gato bebeu o leite, entregou o rabo. O macaco não quis mais, porque o rabo estava podre.

(Versão de Pernambuco, coletada por Sílvia Romero)

A ONÇA, O MACACO E O BONECO DE CERA

Contos brasileiros

A onça tinha sido ludibriada pelo macaco tantas e tantas vezes que já estava cansada. Certo dia, tomou uma decisão:

— A partir de agora, chega! Esse macaco vive me passando a perna. Todos os outros bichos me admiram e me respeitam. Todos têm medo de mim. Só esse danado desse macaco é que vive debochando da minha cara, me enganando. E sempre arruma um jeito de escapar, subindo pelo alto das árvores com aquele rabo comprido, rindo de mim igual a uma hiena. Mas a alegria dele vai acabar, desta vez ele não me escapa.

Aí foi para o mato e encontrou um poço grande, com a água limpinha, uma beleza. A onça falou:

— Pois é aqui mesmo que esse macaco espertinho vai me pagar. Vou cercar esse poço e tomar conta dele. Quem quiser beber vai ter que passar pertinho de mim.

E assim o fez. Construiu uma cerca enorme em volta de todo o poço e deixou só uma entrada estreitinha. Daí se plantou lá, sentada. Mandou dizer a toda a bicharada que agora ela era a dona de um poço muito bom, de água fresca e limpa. Quem quisesse experimentar, era só aparecer, porque ela queria muito bem a todos os bichos. E que ia ficar sentadinha lá na entrada para cumprimentar os amigos e bater um papinho amistoso. Só tinha um bicho que ela não queria por lá: o macaco.

— Estou de relações cortadas com ele. Por mim, pode morrer seco com a família toda, que da minha água ele não bebe.

A notícia se espalhou depressa e o macaco foi se arranjando do jeito que podia. Mas o verão foi chegando, o calor apertando. Os rios estavam secos. O macaco pulava de galho em galho, daqui para lá. Arranjava um taquarucu, furava e chupava a água, mas aquilo não matava a sede. Um dia, ele falou:

— Chega! Eu vou lá tomar água naquele poço. Quem essa onça pensa que é? Por que todo mundo pode e só eu não posso? Eu vou conferir direito como é esse negócio...

Foi por dentro do mato, pulando de galho em galho, lá pela copa das árvores. Quando estava a uns dez metros do poço, ficou olhando o movimento. A pintada estava lá, sentada. Enorme! Cada pata medonha e uma boca de meter medo a leão. O macaco pensou:

— Ai! tadinho de mim. Uma patada daquelas e era uma vez um pobre macaquinho sedento! O que é que eu vou fazer?!

Continuou a olhar. Daqui a um bocadinho, ouviu:

— Bom dia, comadre onça!

— Bom dia, comadre raposa! Como vai?





O macaco já não se aguentava de tanta sede e sem coragem de se arriscar. Nisso, ia passando um homem com um carrinho cheio de mel. Um dos garrafões estava meio aberto e o mel ia entornando pelo caminho. O macaco teve uma ideia. Correu até lá e rolou naquele mel até se lambuzar bem. Depois se encheu de folha de tudo que é tipo e tamanho. Ficou todo coberto. Falou:

— Não é que eu fiquei parecido com um lagarto?

E foi ter no poço. Afinou a voz:

— Dá licença, comadre querida!

— Quem é você?

— Sou comadre lagarta. Ah, querida comadre, estou tão cansada, com tanta sede que quase nem posso andar direito. Estou me arrastando!

— É, comadre. A senhora não me parece muito bem mesmo. Pode entrar e ficar à vontade, que hoje está fazendo muito calor. Eu estou aqui na modorra.

O macaco se fartou. Bebeu até a barriga estufar. Quando se satisfez, passou pela onça sonolenta e disse, sem disfarçar a voz:

— Tchau, queridinha!

A onça pulou, reconhecendo o logro. Tentou alcançar o macaco, mas este foi mais esperto e saiu rindo da cara da onça:

— Quiá, quiá, quiá, quiá! Desta vez matei a minha sede. Acho que agora vai ser difícil voltar a beber desse poço, mas eu insisto, persisto e não desisto e vou tentar novamente, ora se vou...

Enquanto isso, a onça resmungava entre dentes:

— Miserável! Sem-vergonha! Biltre! Cocosinho! Bem que eu achei que aquele bicho tinha alguma coisa estranha. Lagarta é comprida, mas não é tão gorda. Eu me vingo. Vou lá na casa daquele homem que vende mel de abelha. Ele tem um bocado de cera. Eu vou lá. Macaco desgraçado...

Foi. Inventou uma história que queria fazer um jarro de cera para guardar água em casa. O homem pegou um bolão de uns cinco quilos de cera. Deu à onça.

A onça pegou a cera, pôs no sol para amolecer e começou a amassar em cima de uma pedra. Amassou, amassou. A sujeira da pedra foi grudando na cera e ela foi escurecendo. Quando estava bem macia, a onça começou a moldar. Fez uma cabeça, colocou os olhos e a boca. Fez o corpo, as pernas e os braços. Ficou um boneco grande. Pegou um galho de árvore e fincou o boneco lá na entrada do poço. Arranjou umas pálpebras postiças e pôs na cara dele. Conforme o vento dava, parecia que ele piscava os olhos. Aquilo dava a impressão de ser uma pessoa de verdade, ou melhor, um menino negro, pois a cera ficou pretinha de tanta sujeira que pegou.

Enquanto isso, o macaco pensava:

— Estou com muita sede de novo. Preciso arrumar um jeito de beber a “minha aguinha” lá naquele poço. Como é que eu vou fazer? Ah, já sei. Vou lá naquele barreiro vermelho.





Chegou lá e espalhou o barro pelo corpo todo. Espalhou pelo rabo até ele ficar grudadinho, como se não existisse. Passou bastante no pelo, até não restar nem um pouquinho de fora. Saiu com as quatro patas no chão, meio manquitolando. Quando estava perto, viu aquele negócio parado na entrada do poço.

— Eta!, que a pintada arrumou um ajudante e o pôs de vigia. Mas não passa de um moleque. Já sei que jeito eu vou dar nele.

Foi andando. O sol estava quente. A cera começava a amolecer com o calor. O macaco foi se aproximando. O vento batia e o moleque piscava os olhos, lá parado. O macaco falou:

— Ô, seu moleque, sai da frente que eu quero passar!

O boneco parado, sacudindo as pálpebras.

— Moleque, sai da frente senão eu te meto a mão. Tô avisando...

O moleque continuava piscando.

— Vou te encher de bolacha. Para de ficar piscando para mim e sai logo desse caminho.

E *slapt!* O macaco meteu um tabefe na cara do boneco de cera. A cera estava grudenta e a mão dele agarrou. Ele falou:

— Moleque atrevido, solta a minha mão ou eu te meto a outra mão na cara que você vai se arrepender de tanto atrevimento.

O moleque piscava. O macaco estava nervoso, com medo de a onça estar ali por perto. Não conversou: *slapt!* Meteu com a outra mão na cara do boneco. Ficou preso.

— Solta as minhas mãos, moleque! Larga! Eu tô mandando. Vou te meter o pé, heim?!

Meteu um pé. Agora o macaco tinha as duas mãos e um pé presos ao boneco. Insistiu:

— Mas você é muito abusado mesmo. Fica só piscando sem parar. Me larga senão eu vou te chutar com o outro pé que você vai parar lá na China. Me solta, moleque!

Meteu. Grudou. Apavorado, com medo de a comadre onça chegar, fez mais uma tentativa:

— Eu te meto a barriga, moleque de uma figa! Te meto a barriga que a cara eu não vou meter que preciso vigiar comadre onça.

Desta vez, o macaco ficou completamente agarrado ao boneco. A onça, que estava escondida assistindo a tudo, saiu de seu esconderijo e falou:

— Peguei! Finalmente te peguei, seu cretino! Vive me enganando, se disfarçando de bicho. Olha só que ridículo todo coberto de lama. Desta vez você vinha disfarçado de quê?

— Ah, eu ia te enganar novamente se não fosse este moleque aqui. Eu não estou parecido com uma capivara?





cansar e largou a onça lá, desmaiada. Então, foi dormir no galho mais alto da árvore.

No dia seguinte, a onça tinha sumido. Daí, o macaco pegou a família, se mudou dali e nunca mais voltou àquela parte da floresta.

Entrou por uma perna de pinto.

Saiu por uma perna de pato.

Quem quiser que conte quatro.

[Versão de Lisaldina Paixão, publicada em *Contos populares fluminenses*, de Ana Rita Paixão (org.). Rio de Janeiro: Secretaria de Estado da Cultura/Inepac, s/d. v. 1]

FÁBULAS

O RATINHO, O GATO E O GALO

Monteiro Lobato

Certa manhã, um ratinho saiu do buraco pela primeira vez. Queria conhecer o mundo e travar relações com tanta coisa bonita de que falavam seus amigos. Admirou a luz do sol, o verdor das árvores, a correnteza dos ribeirões, a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa da roça.

— Sim senhor! É interessante isto!

Examinou tudo minuciosamente, farejou a tulha de milho e a estrebaria. Em seguida, notou no terreiro um certo animal de belo pelo, que dormia sossegado ao sol. Aproximou-se dele e farejou-o, sem receio nenhum. Nisto, aparece um galo, que bate as asas e canta. O ratinho, por um triz, não morreu de susto.

Arrepiou-se todo e disparou como um raio para a toca. Lá contou à mamãe as aventuras do passeio.

— Observei muita coisa interessante — disse ele. — Mas nada me impressionou tanto como dois animais que vi no terreiro. Um de pelo macio e ar bondoso seduziu-me logo. Devia ser um desses bons amigos da nossa gente, e lamentei que estivesse a dormir, impedindo-me de cumprimentá-lo. O outro... Ai, que ainda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, de penas amarelas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador. Bateu as asas barulhentemente, abriu o bico e soltou um có-ri-có-có tamanho que quase caí de costas. Fugí. Fugí com quantas pernas tinha, percebendo que devia ser o famoso gato, que tamanha destruição faz no nosso povo.

A mamãe rata assustou-se e disse:

— Como te enganas, meu filho! O bicho de pelo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espaventado, de olhar feroz e crista rubra, filhinho, é o galo, uma ave que nunca nos fez mal. As aparências enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que:

Quem vê cara não vê coração.



O VENTO E O SOL

Esopo

O vento e o sol estavam disputando qual dos dois era o mais forte. De repente, viram um viajante que vinha caminhando.

— Sei como decidir nosso caso. Aquele que conseguir fazer o viajante tirar o casaco será o mais forte. Você começa — propôs o sol, retirando-se para trás de uma nuvem.

O vento começou a soprar com toda força. Quanto mais soprava, mais o homem ajustava o casaco ao corpo. Desconsolado, o vento se retirou.

O sol saiu de seu esconderijo e brilhou com todo seu esplendor sobre o homem, que logo sentiu calor e despiu o paletó.

O amor constrói, a violência arruína.

O LEÃO E O RATINHO

Esopo

Um leão, cansado de tanto caçar, dormia espichado à sombra de uma boa árvore. Vieram uns ratinhos passear em cima dele e ele acordou.

Todos conseguiram fugir, menos um, que o leão prendeu embaixo da pata. Tanto o ratinho pediu e implorou que o leão desistiu de esmagá-lo e deixou que fosse embora.

Algum tempo depois, o leão ficou preso na rede de uns caçadores. Não conseguia se soltar, e fazia a floresta inteira tremer com seus urros de raiva.

Nisso, apareceu o ratinho. Com seus dentes afiados, roeu as cordas e soltou o leão.

Uma boa ação ganha outra.







Lenda africana

— Que me condenem à morte, se eu não o matar!





— Oχόssi! Oχόssi!! Oχόssi!!!

Lenda latino-americana

— Quem você pensa que é, para ir dançar comigo? Ponha-se no seu lugar! Ou quer levar uma espetada?





E o rapaz sarou na hora. E casou-se com ela. E foram muito felizes.

Lenda tupi

Eles foram e continuaram a ouvir aquele barulho dentro do coco de tucumã, e não sabiam que barulho era.





PANDORA

Mitologia grega

Num tempo distante, os homens dominaram a dádiva do fogo, graças a Prometeu, tornando melhor a vida na Terra.

Mas diante daquela afronta, a ira de Zeus não teve limites, e ele resolveu então punir os homens.

Ordenou a Hefesto que moldasse uma mulher de barro, tão linda quanto uma verdadeira deusa, que lhe desse voz e movimento e que seus olhos inspirassem um encanto divino.

A deusa Atena teceu-lhe uma belíssima roupa, as três Graças a cobriram com jóias e as Horas a coroaram com uma tiara de perfumadas flores brancas. Por isso a jovem recebeu o nome de Pandora, que em grego significa “todas as dádivas”.

No dia seguinte, Zeus deu instruções secretas a seu filho Hermes que, obedecendo às ordens do pai, ensinou Pandora a contar suaves mentiras. Com isso, a mulher de barro passou a ter uma personalidade dissimulada e perigosa.

Feito isso, Zeus ordenou a Hermes que entregasse a mulher de presente a Epimeteu, irmão de Prometeu, um homem ingênuo e lento de raciocínio.

Ao ver Pandora, Epimeteu esqueceu-se de que Prometeu lhe havia recomendado muitas vezes para não aceitar presentes de Zeus; e aceitou-a de braços abertos.

Certo dia, Pandora viu uma ânfora muito bem lacrada, e assim que se aproximou dela Epimeteu alertou-a para se afastar, pois Prometeu lhe recomendara que jamais a abrisse, caso contrário, os espíritos do mal recairiam sobre eles.

Mas, apesar daquelas palavras, a curiosidade da mulher de barro aumentava; não mais resistindo, esperou que o marido saísse de casa e correu para abrir o jarro proibido.

Mal ergueu a tampa, Pandora deu um grito de pavor e do interior da ânfora saíram monstros horríveis: o Mal, a Fome, o Ódio, a Doença, a Vingança, a Loucura e muitos outros espíritos maléficos...

Quando voltou a lacrar a jarra, conseguiu prender ali um único espírito, a Esperança.

Assim, então, tudo aconteceu exatamente conforme Zeus havia planejado. Usou a curiosidade e a mentira de Pandora para espalhar o mal sobre o mundo, tornando os homens duros de coração e cruéis, castigando Prometeu e toda a humanidade.



[illegible]

Há muito tempo, na floresta passeava Narciso, o filho do sagrado rio Kiphis-sos. Era lindo, porém tinha um modo frio e egoísta de ser, era muito convencido de sua beleza e sabia que não havia no mundo ninguém mais bonito que ele.

As coisas foram assim até o dia em que a ninfa Eco o viu e imediatamente se apaixonou por ele.

Narciso, fingindo-se de desentendido, perguntou:

— ... de mim — repetiu a ninfa assustada.

— ... ver você! — repetiu a mesma voz em tom alegre.

— Dê o fora! — gritou, de repente. — Por acaso pensa que eu nasci para m da sua espécie? Sua tola!

— Tola! — repetiu Eco, fugindo de vergonha.

A deusa do amor não poderia deixar Narciso impune depois de fazer uma coisa daquelas. Resolveu, pois, que ele deveria ser castigado pelo mal que havia feito.

Um dia, quando estava passeando pela floresta, Narciso sentiu sede e quis tomar água.

Ao debruçar-se num lago, viu seu próprio rosto refletido na água. Foi naquele momento que Eros atirou uma flecha direto em seu coração.

Sem saber que o reflexo era de seu próprio rosto, Narciso imediatamente se apaixonou pela imagem.

Quando se abaixou para beijá-la, seus lábios se encostaram na água e a imagem se desfez. A cada nova tentativa, Narciso ia ficando cada vez mais desapontado e recusando-se a sair de perto da lagoa. Passou dias e dias sem comer nem beber, ficando cada vez mais fraco.

Assim, acabou morrendo ali mesmo, com o rosto pálido voltado para as águas serenas do lago.

Esse foi o castigo do belo Narciso, cujo destino foi amar a si próprio.

Eco ficou chorando ao lado do corpo dele, até que a noite a envolveu. Ao despertar, Eco viu que Narciso não estava mais ali, mas em seu lugar havia uma bela flor perfumada. Hoje, ela é conhecida pelo nome de “narciso”, a flor da noite.





3ª Parte – Textos para estudar, conhecer a vida de pessoas interessantes, saber como jogar ou cozinhar

Nesta terceira parte você encontrará textos de **divulgação científica**, textos **instrucionais** e **biografias**. São textos que trazem muitas informações e explicações sobre os mais variados assuntos.

Os textos de **divulgação científica** são aqueles que encontramos em enciclopédias, jornais, revistas de ciências e outras revistas. Tratam de um determinado assunto e são escritos de modo objetivo e direto, em uma linguagem clara e precisa. Seus autores são, geralmente, especialistas, ou jornalistas, que pesquisam e têm bastante conhecimento sobre aquilo que escrevem. Não costumam emitir opinião, e sim fazer descrições e dar explicações. São textos ótimos para você estudar e aprender muitos dos assuntos que são dados nas aulas.

Os textos **instrucionais** são, principalmente, as receitas, os manuais de uso e as instruções de jogos. São textos que nos explicam como fazer alguma coisa. Geralmente, estão divididos em duas partes: a primeira, com os materiais necessários (no caso da receita, são os ingredientes) e, na segunda, o modo de fazer (ou de jogar, no caso de um jogo). São muito úteis no dia-a-dia das pessoas.

As **biografias** são histórias da vida das pessoas. Contam desde o nascimento (às vezes começam pela vida dos pais da pessoa biografada) até a morte, ou até os dias atuais, se a pessoa estiver viva. Podem ser romaneadas, ou seja, contadas como se a pessoa biografada fosse um personagem; ou mais objetivas — com as datas e os principais acontecimentos, sem muitos detalhes. É costume escrever a biografia de pessoas conhecidas, que ficaram famosas principalmente por alguma razão política, econômica ou social.

Este livro será muito útil para você aprofundar seus conhecimentos, testar seus dotes culinários e aprender novas brincadeiras.

Bom trabalho e divirta-se!



TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

BORBOLETA-DE-PRAIA

Sem a planta em que deposita os ovos, não há postura. Por isso, a invasão imobiliária e os portos de areia, que destruíram a vegetação, a tornaram o único inseto na lista de animais ameaçados de extinção no Brasil.

Superstições assombram as borboletas desde a Antiguidade. Para os egípcios, quando uma pessoa morria, seu espírito deixava o corpo sob a forma de borboleta. A crença viajou até Roma, passando pela Grécia, onde a palavra *psiké*, a psique, servia ao mesmo tempo para a alma, o espírito e a borboleta.

Sob a ótica popular, no Brasil, esses insetos da ordem *Lepidoptera*, superfamília *Papilionoidea*, são mensageiros de boas ou de más notícias, dependendo da cor – possivelmente porque os supersticiosos consideram agourentas as noturnas, escuras, que pertencem a outra superfamília.

Não foram bruxarias, porém, que tornaram as borboletas-de-praia, ou *Parides ascanius*, quase extintas. Foram os portos de areia, as drenagens e a construção de prédios nas restingas pantanosas entre o litoral de Campos e a baía de Sepetiba, no Rio, seu habitat preferencial. Assim, destruiu-se boa parte da *Aristolochia macroura*, trepadeira da qual as larvas da espécie dependem para se alimentar; também em outros pontos do litoral brasileiro, onde viviam, as borboletas foram sendo extintas.

É possível, no entanto, observá-las ainda na Reserva Biológica Nacional Poço das Antas, no Parque Zoobotânico de Marapendi, e em equilíbrio precário na baixada de Jacarepaguá, todos no Rio. Nesta última área, a Fundação Parques e Jardins desenvolve atualmente o projeto de criação de um borboleário. Será no bosque da Barra, local protegido, onde havia ocorrência natural da espécie, até que a *Aristolochia macroura* foi extinta na região.

A exigência de uma planta única não é característica apenas da borboleta-de-praia; a maioria das *Papilionoidea* se alimenta de uma só espécie vegetal. Trata-se de um processo evolutivo, que minimiza a competição pelo alimento: cada espécie de inseto se utiliza de uma planta diferente. É também uma estratégia chamada coevolução, pois cada planta possui substâncias tóxicas para a maioria dos insetos; porém alguns a digerem sem problemas e usam as toxinas para afastar predadores. No caso, a trepadeira *Aristolochia* torna a lagarta da *Parides ascanius* um bicho muito amargo para os predadores, em geral pássaros. Por aprendizado – experimentam e acham abominável – as aves reconhecem a lagarta pelas cores e passam a evitar outras iguais.

(MEC, fevereiro de 2003)

GALO-DE-CAMPINA

O galo-de-campina, conhecido na Amazônia por tangará, pertence à família do cardeal. Suas penas são escuras, mas a cabeça e o pescoço são vermelhos. Alimenta-se de sementes, frutinhas e insetos.

Vive em bandos nas caatingas do Nordeste e no Brasil Central, do mesmo jeito que outro pássaro, o corrupeiro. Os dois são considerados as mais belas aves da região.

O galo-de-campina não canta quando está engaiolado. Só canta em liberdade, numa certa época do ano, e de manhã bem cedinho.

Em Alagoas, onde ele tem fama de cantor, é treinado e vendido a preços muito elevados.

(*Superinteressante*, novembro de 1996)

PELO DA GATA PODE TER MAIS COR QUE O DO MACHO

Por que a variedade de cor é tão maior nas gatas do que nos gatos?

A cor da pelagem dos gatos é definida pelos genes que estão no cromossomo X, o mesmo que determina o sexo. Na reprodução, a fêmea sempre contribui com um cromossomo do tipo X, e o macho pode enviar um X ou um Y. Se o feto se formar por uma combinação de cromossomos XX, será fêmea; se for XY, macho.

“Como a fêmea tem dois X, a variação das cores pode ser maior”, explica o veterinário Ladislau Deutsch, da Imparque, empresa que planeja zoológicos em São Paulo.

(*Superinteressante*, novembro de 1996)

DESMATAMENTO

É alarmante a situação no Brasil, sobretudo nos estados litorâneos, primitivamente recobertos pela Mata Atlântica, e na região Amazônica. Restam hoje apenas 3% da extensão de Floresta Atlântica que existia no Brasil colonial. A existência de matas ainda extensas na região Norte não significa que espécies ameaçadas pela destruição da Mata Atlântica possam se abrigar na Amazônia, pois o clima e o relevo são diferentes, assim como a flora e a fauna.

As florestas tropicais, que só cobrem 7% da superfície terrestre, abrigam mais da metade das espécies vegetais e animais conhecidas. Das 100.000 espécies de plantas da América Latina, cerca de 30.000 se concentram na Amazônia, onde o desmatamento atinge taxas alarmantes.





A harmonia, popularmente conhecida como “equilíbrio ecológico”, está sendo perturbada e as consequências são desastrosas.

Uma primeira e bem evidente consequência é a extinção de espécies animais e vegetais. Só para dar uma ideia da proporção alarmante com que a taxa de extinção vem crescendo, vamos tomar as aves como exemplo. Até o ano de 1700, dez espécies de aves foram consideradas extintas no planeta; de 1700 a 1900, num período de apenas duzentos anos, noventa espécies desapareceram; e de 1900 em diante, calcula-se que desapareça uma espécie ou subespécie por ano.

A derrubada da mata também provoca enchentes. Como?

A folhagem da Floresta Amazônica intercepta uma parte das águas da chuva que, por isso, não chega ao solo. Com a remoção da floresta, essa água toda escorrerá para os rios.

(PEREIRA, Adolfo Dalla Pria et al. *Terra — O coração ainda bate*; guia de conservação ambiental. Porto Alegre: Tchê, 1990. p. 36 [texto adaptado])

LIXO ORGÂNICO E INORGÂNICO

Todo lixo pode ser dividido basicamente em material orgânico e inorgânico. Orgânico é todo dejetos biodegradável, como restos de comida — cascas de fruta, por exemplo —, que será decomposto pela ação de microorganismos, o que se chama apodrecimento. Largado na rua, esse lixo apodrecido servirá de alimento a ratos, baratas e moscas, transmissores de doenças.

A parte inorgânica do lixo é composta de dejetos que não apodrecem, como papel, plástico, borracha, metais e vidro. Tais restos também contribuem para a proliferação de formas daninhas de vida, para as quais servem de ninho. Além disso, podem causar estragos quando não são varridos das ruas. Com a chuva, plásticos e papéis navegam na enxurrada até as bocas-de-lobo e galerias pluviais que, se não forem limpas periodicamente, entopem, provocando as inundações tão conhecidas dos habitantes das grandes cidades brasileiras.

(*Superinteressante*, maio de 1989)

QUANDO OS ANIMAIS MENTEM

A mentira, na natureza, é uma arma de sobrevivência. Muitas vezes, na luta contra o predador, a presa só tem chance de escapar se souber mentir bem. É o caso dos camaleões que, graças à pigmentação especial de sua pele, se confundem com o ambiente. Ou de certos caranguejos, que vivem

com a carapaça coberta por algas ou esponjas. Os insetos são especialistas em se fingir de cortiça ou de gravetos no tronco de árvores. Estas e muitas outras formas de mentira atendem por um único e verdadeiro nome científico — mimetismo.

O fenômeno foi estudado pela primeira vez pelo naturalista inglês Henry Walter Bates (1825-1892), que observou o comportamento das borboletas no vale do rio Amazonas. Ele descobriu uma família de borboletas que conseguia escapar dos pássaros tornando-se parecida na forma e na cor com outra família, cujo sabor não agradava às aves. As borboletas apetitosas tratavam de voar, misturadas às outras.

Hoje se sabe que os animais memorizam certos padrões de aparência quando associam determinada presa a um gosto nauseante, ou à dor. Portanto, mentiroso competente é aquele que consegue assumir uma aparência pouco atrativa para o predador.

Existem, porém, casos de automimetismo: animais que imitam outros da própria espécie. Os zangões, por exemplo, quando estão prestes a ser atacados, voam e zumbem como abelhas que, como bem sabem os atacantes, têm ferrões para se defender — se a mentira pega, os zangões se salvam. Nem sempre, contudo, a presa é o mentiroso. Isso acontece no caso clássico do lobo em pele de cordeiro, ou seja, o animal que finge ser manso, se aproxima calmamente de outro com ar de quem não quer nada e sai ganhando uma refeição.

(*Superinteressante*, n. 4, p. 27)

O CRUZEIRO DO SUL

O Cruzeiro do Sul é uma das mais conhecidas constelações do hemisfério sul. Depois do descobrimento da América e do Brasil, os navegantes começaram a se orientar por ela, em alto mar.

Embora pareça ser formada por apenas cinco estrelas, essa constelação é constituída por 54 estrelas. Dezoito delas são visíveis a olho nu, isto é, sem instrumentos. A estrela situada no pé da cruz chama-se Magalhães, mas é de fato um conjunto de três estrelas.

Além de ser usado na orientação, o Cruzeiro do Sul serve também para a determinação de posições e como relógio celestial. Prolongando-se imaginariamente sua haste maior cerca de 4,5 vezes, temos a determinação do polo sul celeste, em torno do qual a constelação gira durante o ano, num movimento aparente. Por isso, através da posição que o Cruzeiro do Sul ocupa no céu, é possível determinar com bastante aproximação as horas noturnas.

(Adaptado de *Ciência Ilustrada*, v. 3, p. 1.301, e *Dicionário Enciclopédico Brasileiro*, p. 509)





BORBOLETAS URBANAS

As cidades são lugares cinzentos, barulhentos e poluídos. Mas elas também têm seus encantos. Um dos mais coloridos animais, as borboletas, alegam os ares das cidades, voando e fazendo malabarismos.

Apesar de viverem melhor em ambientes naturais, como florestas e campos, as borboletas também são encontradas nas cidades.

Costuma-se dizer que “onde há plantas, há borboletas”, porque, na maioria das vezes, as herbívoras aparecem em todos os lugares onde existe alimento.

Por isso, é importante que as praças, as ruas e os jardins das cidades tenham flores e árvores que, além de alegrar o homem, dão casa e comida para os animais, permitindo que convivam com a sociedade urbana.

Apesar disso, as borboletas brasileiras enfrentam um problema nas cidades: a maior parte das plantas presentes nas ruas, usadas para arborização, é “estrangeira”, ou seja, foi trazida de outras regiões. E, em geral, essas plantas “estrangeiras” não fazem parte do cardápio natural das nossas borboletas.

Desse modo, os melhores lugares para encontrarmos borboletas nas cidades são terrenos baldios, encostas de morros, quintais e parques com vegetação nativa brasileira.

Nesses ambientes, há flores que servem de alimento para as borboletas adultas e folhas, para as lagartas. Deve-se lembrar que, quando saem dos ovos, as borboletas são lagartas, não têm asas, sendo totalmente diferentes dos adultos. Portanto, a alimentação também é diferente.

As cidades não são os ambientes mais adequados para esses insetos viverem. Além da falta de alimento, enfrentam outros problemas, como a poluição e a baixa umidade do ar.

Algumas borboletas são resistentes e conseguem sobreviver em ar poluído, como a borboleta-do-manacá, encontrada nas cidades. Mas outras não aguentam os efeitos da poluição. Em consequência, existem espécies que já estão extintas ou ameaçadas de extinção, por causa das atividades humanas, que modificam ou destroem o ambiente natural.

Na área urbana de São Paulo, por exemplo, existem apenas cerca de 20 a 30 espécies de borboletas, enquanto nos parques da cidade podem ser encontradas até 300. Isso ocorre porque a maioria das borboletas se alimenta de frutos que caem no solo e, nas cidades, existem poucas plantas frutíferas.

Os grupos de borboleta que vivem melhor em cidades são os que se alimentam de flores e vivem naturalmente em áreas abertas, como campos. Essas borboletas encontram ambientes ensolarados semelhantes aos campos nos quintais e nos jardins das cidades.

Entre as borboletas urbanas mais comuns encontradas na cidade de São Paulo estão a amarela, a monarca, a amarelo-negra e a borboleta-coruja, a maior do Brasil.

Existem outros exemplos. As lagartas de *Historis odius* alimentam-se em embaúbas, que podem existir em fundos de quintais. As lagartas de *Papilio scamander* usam magnólias e abacateiros como alimento. A borboleta *Pseudolycaena marsyas* é frequente em jardins e se alimenta de várias plantas com flores pequenas.

Quando o homem derruba árvores, está destruindo os abrigos e os alimentos desses insetos. A única maneira de preservar as borboletas urbanas é preservar a vegetação de que se alimentam. Para atrair mais borboletas para as cidades, é importante aumentar a diversidade de flores nativas, como o cambará e o assa-peixe, e arborizar as ruas e parques com espécies nativas, como o manacá-da-serra, o abacateiro, a bananeira e a palmeira, alimentos naturais das borboletas.

(Ciência Hoje das Crianças, n. 42)

NEM COBRA NEM MINHOCA

Você se lembra daquele bicho esquisito que havia na *Ciência Hoje das Crianças* número 16? Tinha gente que achava que era cobra, tinha gente que achava que era minhoca, e o bicho não era nada disso: era um anfíbesnídeo cujo apelido é “cobra-de-duas-cabeças”.

Pois é. Para piorar a situação, tem gente que confunde cobra-cega com cobra-de-duas-cabeças. Mas elas não são a mesma coisa. Aliás, nem parentes são, porque uma é réptil (a de duas cabeças) e a outra é anfíbio (a cega).

É claro que as duas se parecem. Mas se você quiser saber como se vê a diferença, é só observar que, enquanto o anfíbesnídeo tem dois tipos de sulco no corpo (uns que vão da cabeça à cauda e outros transversais a eles), a cobra-cega tem anéis, como se fosse feita de pedaços livres e reluzentes.

© ÁLBUM DE FAMÍLIA

Essa tal de cobra-cega pertence a uma ordem de anfíbios que tem seis famílias. As seis famílias têm 162 espécies. Dessa familiarada toda, há uma que recebe o gentil nome de cecília. As cecílias são elegantes: têm o corpo fino e sem membros, ou seja, não têm braço nem perna, feito qualquer cobra; quando têm cauda, ela é curta e pontiaguda; os dentes dela são curvos.





☉ COBRA-CEGA

Os olhos da cobra-cega são pequeninos e cobertos por uma escama, ou por um osso. Aliás, vivendo onde vive, embaixo da terra, numa escuridão medonha, ela nem precisa de olho.

Mas, para compensar a falta de visão, existe entre os olhos e o nariz da cobra-cega um tentáculo sensorial, mole e pontudo, que ora se espicha e ora se encolhe. É esse tentáculo que serve de bengala para a cecília: vai tateando as galerias, que não são muito profundas. Ficam a uns 20 centímetros da superfície.

Raramente se vê uma cobra-cega andando por cima da terra. Em geral elas ficam lá por baixo mesmo, preferindo as terras úmidas e fofas, as folhagens das florestas ou plantações e as beiras de riachos, sempre nas regiões tropicais do planeta.

☉ COMO VIVE O BICHO

Segundo alguns estudiosos desse tipo de anfíbio, as cobras-cegas têm uma dieta muito sofisticada: comem insetos, larvas de insetos e vermes da terra.

Há muito tempo a cobra-cega vive no planeta. Assim, existem as primitivas (verdadeiras relíquias históricas) e as modernas. As primitivas põem ovos e as larvas são aquáticas. Algumas das modernas também põem ovos, mas fazem isso dentro dos buracos cavados no solo, onde os filhotes se desenvolvem até a juventude.

Mas há outras, mais avançadinhas, cujos filhos se desenvolvem dentro do corpo da mãe, de onde saem já parecidos com o que vão ser quando crescer: uma cobra-cega adulta.

☉ PROBLEMAS DE IDENTIDADE

Além de ser confundida com a cobra-de-duas-cabeças, a cobra-cega também passa por ser minhocaçu, ou minhoca oligoqueta, que, apesar de ser parecida, é bem maior. Uma cecília pequena mede em geral entre 7 e 11 centímetros; a grande tem no máximo 30 a 70 centímetros de comprimento. Além disso, a cecília tem pequeninos dentes na boca, coisa bem imprópria para uma minhoca.

No Brasil, ninguém se interessa muito pela cobra-cega. Ela recebe vários nomes nos diversos lugares onde vive: minhocão, cobra-preta, cobra-pi-

lão, mãe-da-saúva (porque ela gosta um bocado de viver perto dos formigueiros) e indoa-imbóia, na Amazônia.

(UERJ — Oscar Rocha Barbosa — Departamento de Biologia Animal e Vegetal)

O PANTANAL

Uma das maiores planícies de sedimentação do planeta, o Pantanal estende-se pela Bolívia e Paraguai, países em que recebe outras denominações, sendo Chaco a mais conhecida.

Sua constituição, única no planeta, é resultado da separação do oceano há milhões de anos, formando o que se pode chamar de mar interior. A planície é levemente ondulada, pontilhada por raras elevações isoladas, geralmente chamadas de serras e morros, e rica em depressões rasas. Seus limites são marcados por variados sistemas de elevações, como chapadas, serras e maciços, e é cortada por grande quantidade de rios dos mais variados portes, todos pertencentes à Bacia do Rio Paraguai – os principais são os rios Cuiabá, Piquiri, São Lourenço, Taquari, Aquidauana, Miranda e Apa.

É circundado, do lado brasileiro (norte, leste e sudeste) por terrenos de altitude entre 600 e 700 metros; estende-se a oeste até os contrafortes da cordilheira dos Andes e se prolonga ao sul pelas planícies pampeanas centrais.

Vive sob o desígnio das águas: ali, a chuva divide a vida em dois períodos bem distintos. Durante os meses da seca – de maio a outubro, aproximadamente –, a paisagem sofre mudanças radicais: no baixar das águas, são descobertos campos, bancos de areia, ilhas e os rios retomam seus leitos naturais, mas nem sempre seguindo o curso do período anterior. As águas escorrem pelas depressões do terreno, formando os corixos (canais que ligam as águas de baías, lagoas, alagados, etc. com os rios próximos).

Nos campos extensos cobertos predominantemente por gramíneas e vegetação de cerrado, a água de superfície chega a escassear, restringindo-se aos rios perenes, com leito definido, a grandes lagoas próximas a esses rios, chamadas de baías, e a algumas lagoas menores e banhados em áreas mais baixas da planície. Em muitos locais, torna-se necessário recorrer a águas subterrâneas, do lençol freático ou aquíferos, utilizando-se bombas manuais ou tocadas por moinhos de vento para garantir o fornecimento às moradias e bebedouros de animais domésticos.

As primeiras chuvas da estação caem sobre um solo seco e poroso e são facilmente absorvidas. De novembro a abril as chuvas caem torrencialmente nas cabeceiras dos rios da Bacia do Paraguai, ao norte. Com o constante umedecimento da terra, a planície rapidamente se torna verde devido à





rebrotção de inúmeras espécies resistentes à falta d'água dos meses precedentes. Esse grande aumento periódico da rede hídrica no Pantanal, a baixa declividade da planície e a dificuldade de escoamento das águas pelo alagamento do solo são responsáveis por inundações nas áreas mais baixas, formando baías de centenas de quilômetros quadrados, o que confere à região um aspecto de imenso mar interior.

O aguaceiro eleva o nível das baías permanentes, cria outras, transborda os rios e alaga os campos no entorno, e morros isolados sobressaem como verdadeiras ilhas cobertas de vegetação – agrupamentos dessas ilhas são chamados de cordilheiras pelos pantaneiros. Nas ilhas e cordilheiras os animais se refugiam à procura de abrigo contra a subida das águas.

Nessa época torna-se difícil viajar pelo Pantanal pois muitas estradas ficam alagadas e intransitáveis. O transporte de gente, animais e de mercadorias só pode ser feito no lombo de animais de carga e embarcações – muitas propriedades rurais e povoações (também conhecidas como corrutelas) localizadas em áreas baixas ficam isoladas dos centros de abastecimento e o acesso a elas, muitas vezes, só pode ser feito por barco ou avião.

Com a subida das águas, grande quantidade de matéria orgânica é carregada pela correnteza e transportada a distâncias consideráveis. Representados, principalmente, por massas de vegetação flutuante e marginal e por animais mortos na enchente, esses restos, durante a vazante, são depositados nas margens e praias dos rios, lagoas e banhados e, após rápida decomposição, passam a constituir o elemento fertilizador do solo, capaz de garantir a enorme diversidade de tipos vegetais lá existente.

Por entre a vegetação variada encontram-se inúmeras espécies de animais, adaptados a essa região de aspectos tão contraditórios. Essa imensa variedade de vida, traduzida em constante movimento de formas, cores e sons, é um dos mais belos espetáculos da Terra. Por causa dessa alternância entre períodos secos e úmidos, a paisagem pantaneira nunca é a mesma, mudando todos os anos: leitos dos rios mudam seus traçados; as grandes baías alteram seus desenhos.

COSTUMES PANTANEIROS

☉ ALIMENTAÇÃO

O pantaneiro tem o hábito de acordar muito cedo, para as lidas dos seus afazeres. No seu alimento matutino, logo na manhã antes de ir à lida, tem o hábito de se alimentar muito bem. Esse hábito tem o nome de quebra-torto, um café reforçado, com pão, arroz com carne seca, café e outras delícias proporcionadas pela vasta planície.

☉ TERERÉ

Herdado da tradição guarani, o tereré é uma bebida servida em cuia, com erva-mate e água gelada. É bastante consumido pelos pantaneiros, principalmente antes do meio-dia, depois da realização do trabalho matutino. Também se toma o tereré à tarde e antes da noite, quase sempre em rodas de conversas entre famílias, peões ou amigos. Esse costume também chegou às cidades pantaneiras, locais onde as pessoas se reúnem nas calçadas para “jogar uma conversa fora” e se refrescar com a bebida. Em outras regiões, como no Oeste do Paraná, ele é tomado com refrigerante, mas o tereré original é composto apenas por erva-mate e água natural.

☉ SARRABULHO

O sarrabulho é um prato de alto teor calórico que poucos sabem preparar. De origem portuguesa, tornou-se popular no Nordeste e também em Corumbá. No norte de Portugal é preparado com miúdos de porco ou cabrito. Aqui, talvez pela atividade pecuária e abundância do produto, se fez a opção pela carne de bovinos. Deve ser servido com arroz branco e mandioca cozida. Ingredientes para o preparo: fígado, rins, coração e carne moída.

☉ URUCUM

Urucum é uma semente de coloração avermelhada, que vem do tupi *uru-ku*, significa vermelho, conhecida popularmente por urucum, urucu, açafroa, colorau. Da família botânica Bixáceas, serve como tempero e corante de alimentos. É muito utilizado na culinária pantaneira em preparos de peixes, jacarés e caldo de piranha. Os índios sempre o usaram para pintar o corpo em suas comemorações festivas e, com isso, se defender contra picadas dos mosquitos.

☉ CARNE DE JACARÉ

Embora não pareça, o jacaré é comestível. A parte mais nobre do corpo do animal, aproveitada na culinária, é o rabo. É uma carne branca e consistente. Lembra muito a carne de frango, mas tem um leve sabor de carne de peixe de água doce. Pode ser servida frita ou ensopada como os peixes.

☉ CALDO DE PIRANHA PANTANEIRO

As piranhas são um grupo de peixes carnívoros de água doce que habitam alguns rios do Pantanal e demais regiões brasileiras. Existem três es-





pécies de piranha no Pantanal e elas podem ser perigosas. Por isso, em local onde se costuma limpar peixes não é aconselhável mergulhar, pois ela poderá mordê-lo por engano. A piranha também pode morder depois de morta. Seus dentes afiados podem cortar carne e até osso num movimento brusco. Na região do Pantanal sua carne é utilizada para se fazer o famoso caldo de piranha.

☉ ARROZ CARRETEIRO

O arroz carreteiro é uma comida muito conhecida no Estado do Mato Grosso do Sul e na região do Pantanal. Foi herdado de peões vindos do Sul do País, onde é tão típico como o churrasco. É uma refeição feita geralmente nas estradas e acampamentos por peões que levam o gado de uma região para outra, permanecendo muitas vezes vários dias fora de casa, e que carregam em suas bagagens a carne de sol ou resto de churrasco. Depois de picar essa carne preparam-na com arroz e tempero a gosto. Alguns carreteiros (motoristas de caminhões) também têm o costume de fazer o arroz carreteiro por ser uma refeição de fácil preparo nas estradas.

DIVERSIDADE

☉ FLORA

A vegetação pantaneira é um mosaico de cinco regiões distintas: Floresta Amazônica, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica e Chaco (paraguaio, argentino e boliviano). Durante a seca, os campos se tornam amarelados, não sendo raro a temperatura descer a níveis abaixo de 0°C e registrar geadas, influenciada pelos ventos que chegam do sul do continente.

A vegetação do Pantanal não é homogênea e há um padrão diferente de flora de acordo com o solo e a altitude. Nas partes mais baixas, predominam as gramíneas, que são áreas de pastagens naturais para o gado – a pecuária é a principal atividade econômica do Pantanal. A vegetação de cerrado, com árvores de porte médio entremeadas de arbustos e plantas rasteiras, aparece nas alturas médias. Poucos metros acima das áreas inundáveis ficam os capões de mato, com árvores maiores como angico, ipê e aroeira.

Em altitudes maiores, o clima árido e seco torna a paisagem parecida com a da caatinga, apresentando espécies típicas como o mandacaru, plantas aquáticas, piúvas (da família dos ipês com flores róseas e amarelas), palmeiras, orquídeas, figueiras e aroeiras.

O Pantanal possui uma vegetação rica e variada, que inclui a fauna típica de outros biomas brasileiros, como o Cerrado, a Caatinga e a região amazônica. A camada de lodo nutritivo que fica no solo após as inundações permite o desenvolvimento de uma rica flora. Em áreas em que as inundações dominam,





GIGANTE ENTRE AS ARARAS

Conheça mais uma ave que integra nossa galeria de bichos ameaçados de extinção

Você sabia que a maior arara do mundo é brasileira? Brasileira e bonita como só ela! A arara-azul-grande tem penas de um azul muito escuro, tanto que, de longe, elas parecem pretas. Além disso, sua cabeça é cheia de detalhes em amarelo: há um anel em torno dos olhos e, perto deles, na parte inferior do bico, uma faixa em forma de meia-lua.

Os machos e fêmeas da arara-azul-grande são muito parecidos. Por conta disso, é difícil dizer quem é quem. Mas não se engane: a semelhança só é problema para nós. Para as aves, ela não causa confusão. Na hora de se reproduzir, quem disse que a arara-azul-grande se confunde? Machos e fêmeas se encontram e... iniciam o namoro!

No Pantanal do Mato Grosso, o período de reprodução da arara-azul-grande vai de julho a março. Os ninhos são construídos em cavidades encontradas nos buritis ou em outras árvores que têm o tronco oco, podendo ser reutilizados em outros anos. Ali, a arara-azul-grande põe de um a três ovos, que são chocados, aproximadamente, por um mês. E que ninguém tente se aproximar do ninho desta ave! Seja homem, seja bicho, o resultado é o mesmo: um ataque muito agressivo!

A arara-azul-grande alimenta-se de sementes de frutas, principalmente de cocos de palmeiras. Mas isso não impede que ela seja atraída também por árvores frutíferas como mangueiras, jabuticabeiras, goiabeiras, laranjeiras e mamoeiros. No Pantanal do Mato Grosso, essa ave desce ao chão para colher coquinhos de um tipo de palmeira conhecida como acuri. A arara-azul-grande também tem o costume de abrir os cocos da macaúba, uma palmeira muito frequente no Brasil Central, usando um pedaço de madeira, que fixa ao seu bico.

O desmatamento e o comércio ilegal da arara-azul-grande são os motivos que a colocam na lista dos animais ameaçados de extinção. Embora sua compra e venda sejam proibidas sem licença especial, essa ave, por ser tão bonita e colorida, costuma ser procurada por pessoas que querem criá-la em cativeiro. A destruição de árvores que abrigam os ninhos da espécie e que servem como fonte de alimento para a arara-azul-grande também contribui para agravar a situação da espécie. A boa notícia, no entanto, é que você e seus amigos podem, sim, ajudar a impedir a extinção desse belo animal. Como? Protegendo a natureza para que essa arara tenha sempre o que comer e onde fazer os seus ninhos.

Extraído de *Ciência Hoje das Crianças*, 143, janeiro/fevereiro de 2004.
Alline Storni e Maria Alice S. Alves, Instituto de Biologia, Setor de Ecologia,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

TEXTOS INSTRUCCIONAIS

RECEITAS

DOCES

1. PAMONHA DO NORTE

INGREDIENTES

½ quilo de fubá

Leite grosso de um coco

Açúcar a gosto

Uma pitada de sal

1 colherinha (chá) de manteiga

Erva-doce

Leite, o quanto baste

MODO DE FAZER

Ponha numa vasilha funda o fubá, o leite de coco, o sal, a manteiga e leite suficiente para formar um mingau grosso.

Adoce então a gosto e junte a erva-doce, depois de esfregá-la um pouco entre os dedos.

Costure à máquina uns saquinhos de algodãozinho grosso, com uns 15 cm de comprimento por 10 cm de diâmetro. Encha esses saquinhos com a massa de fubá e amarre a boca de cada um, deixando um espaço entre a massa e o amarrilho. À medida que os for enchendo e amarrando, deite-os num caldeirão de água fervente, levemente adocicada.

Quando endurecerem, a pamonha está cozida. Vá retirando-os então e levando-os para uma peneira, a fim de escorrerem bem.

Tire as pamonhas dos saquinhos enquanto quentes, mas depois de bem escorridas. Sirva-as frias, com café ou café com leite.





2. BOLINHOS DE TAPIOCA

INGREDIENTES

1 pacotinho de tapioca
1 copo e um pouco mais de leite
3 ovos
1 colher (sopa) de manteiga
Sal
Erva-doce

MODO DE FAZER

Misture o leite e a tapioca e deixe inchar durante 4 a 5 horas. Junte então a manteiga, o sal, a erva-doce e os ovos. Faça os bolinhos e asse-os em fogo brando.



3. BROAS DE FUBÁ

INGREDIENTES

2 colheres (sopa) de manteiga
2 colheres de gordura
2 ovos
2 xícaras (chá) de açúcar
3 xícaras de leite
3 xícaras de fubá
1 xícara de farinha de trigo
1 colher (sopa) bem cheia de fermento

MODO DE FAZER

Bata bem a manteiga, a gordura, o açúcar e as gemas. Junte o leite, o fubá, a farinha de trigo peneirada, as claras batidas em neve e, por último, o fermento.

Bata a massa bem batida e leve ao forno bem quente em assadeiras untadas.



4. COCADAS DE OVOS

INGREDIENTES

1 quilo de açúcar

1 coco ralado

12 gemas

Essência de baunilha, ou canela em pau e cravos

MODO DE FAZER

Faça com o açúcar uma calda em ponto de fio. Retire do fogo, junte o coco ralado e as gemas, misture tudo muito bem e torne a levar ao fogo, com um pedaço de canela e alguns cravos, se não for perfumar com a essência de baunilha. Neste último caso, só junte a baunilha quando retirar a cocada do fogo, o que deverá ser feito quando, sempre mexendo, a calda estiver bem grossa.

Sirva, depois de fria, em compoteira ou em cálices.



5. ARROZ-DOCE

INGREDIENTES

2 xícaras (chá) de arroz

1 litro de leite

Açúcar a gosto

1 colher (sopa) rasa de manteiga

Gemas de ovo à vontade

Uma pitada de sal

Canela em pó

MODO DE FAZER

Cozinhe o arroz em água, com uma pitada de sal, até que fique bem cozido e seco.

Feito isso, mude-o para outra caçarola, junte o leite e torne a levar ao fogo, para que cozinhe mais um pouco.

Estando bem mole, junte o açúcar e a manteiga e deixe cozinhar em fogo brando, mexendo de vez em quando para que não grude no fundo da caçarola.

Quando estiver bem grosso, retire do fogo, junte as gemas desmanchadas à parte e passadas na peneira, e torne a levar ao fogo para que cozinhe mais um pouco.

Estando bem grosso, retire do fogo e deixe esfriar um pouco. Quando estiver quase morno, despeje em tacinhas, em cálices grandes, ou mesmo em pratos de doce, polvilhando com canela em pó.

Fica mais saboroso cozinhando o arroz no leite.





SALGADOS

1. BATATA FRITA

INGREDIENTES

Batatas
Óleo para fritar
Sal

MODO DE FAZER

Descasque as batatas, lave-as, enxugue-as e corte-as conforme o gosto: em rodela finas ou mais grossas, ou em palitos.

Pouco antes de servir, polvilhe as batatas com sal fino e frite-as em bastante óleo bem quente numa caçarola funda.

Quando começarem a alourar, mexa com a escumadeira, para que todas fritem por igual; depois de todas nesse ponto, retire-as do óleo com a escumadeira, levando para uma peneira, para escorrerem bem.



2. BOLINHOS DE ARROZ

INGREDIENTES

2 xícaras (chá) de arroz já feito
2 ovos
1 colher (chá) de manteiga
2 colheres (sopa) de queijo ralado
Salsa picada
Um pouco de leite
Óleo para fritar

MODO DE FAZER

Passe o arroz na máquina de moer carne, junte os demais ingredientes, misture muito bem e fria às colheradas, em óleo bem quente.



3. MACARRÃO AO ALHO E ÓLEO

INGREDIENTES

½ quilo de macarrão

2 colheres (sopa) de azeite ou de óleo

5 dentes de alho partidos em rodela

Rodelas de cebola

Salsa picada

Sal

MODO DE FAZER

Cozinhe o macarrão em água fervente com sal e um fio de óleo, tomando cuidado para que não amoleça demais; escorra-o bem.

Leve ao fogo uma panela com o azeite, o alho e a cebola; refogue, tendo o cuidado de não deixar o alho e a cebola escuros; quando tiverem uma bonita cor amarela, deite-lhe o macarrão escurrido, junte sal fino a gosto, e depois misture bem o macarrão ao azeite. Junte-lhe a salsa e sirva bem quente, numa travessa.

(Receitas extraídas e adaptadas do livro *Dona Benta — Comer Bem*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987)





JOGOS E BRINCADEIRAS

1. QUEIMADA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⑥ 1 bola
- ⑥ Rede de tênis ou corda (para a variação)
- ⑥ Outras bolas (para a variação)

NÚMERO DE PARTICIPANTES

Não há limite máximo

MODO DE JOGAR

O jogo acontece entre dois times com o mesmo número de jogadores e a utilização de uma bola. O campo é dividido ao meio e são estabelecidas duas ou mais zonas de “cemitério”, para onde migram os jogadores que são “queimados”.

O objetivo do jogo é “queimar”, ou seja, acertar o adversário com a bola através de um arremesso, e com isso fazê-lo migrar para o “cemitério”. Vence a partida o time que “queimar” todos os adversários, ou o maior número deles.

Apesar de terem sido “queimados”, os jogadores que ficam no “cemitério” permanecem podendo “queimar” os oponentes.

Deve-se combinar que partes do corpo são “quentes” ou “frias”, ou seja, quais as partes do corpo que configuram ou não a “queimada”.

Pode-se ainda combinar que, caso a criança seja atingida pela bola mas consiga agarrá-la sem deixar cair no chão, o arremessador seja considerado “queimado”.

VARIAÇÕES

- ⑥ Conforme esquema acima, organizar 2 ou 6 “cemitérios”.
- ⑥ Estabelecer a permanência de um número fixo de jogadores nos “cemitérios”, estabelecendo um rodízio, ou seja, a cada jogador “queimado” é contado um ponto e ele substitui o jogador que estava no “cemitério”. Essa variação contribui para manter a motivação dos jogadores que vão sendo “queimados”.
- ⑥ Estabelecer alvos com objetos para serem atingidos, em vez de jogadores. Esses alvos são colocados dentro de espaços circulares desenhados no chão, dentro de cada campo de jogo. Os jogadores devem defender os alvos com todas as partes do corpo, sem invadir a área circular em que os alvos

estão colocados. Atingir um alvo corresponde a “queimar” um jogador adversário e o autor do arremesso escolhe, no time oposto, qual jogador deve migrar para o “cemitério”.

- ⦿ Utilizar duas bolas, simultaneamente.
- ⦿ É colocada sobre a linha central do campo uma rede de tênis, solicitando dos jogadores um salto combinado com o arremesso.
- ⦿ Atrás de cada “cemitério” é colocado um gol, que deve ser defendido pelos jogadores que já foram queimados. Os atacantes podem escolher entre “queimar” os adversários, ou tentar arremessar a bola dentro do gol.

2. PIQUE-BANDEIRA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⦿ 2 bolas
- ⦿ Bolas pequenas (para a variação)

MODO DE JOGAR

O jogo acontece entre dois times com o mesmo número de jogadores e com a utilização de duas bolas. O campo é dividido ao meio, e são estabelecidas nas extremidades de cada um duas zonas de “piques” onde são colocadas as bolas para o início de cada jogada.

O objetivo do jogo é atravessar o campo do adversário, sem ser tocado por nenhum oponente, até alcançar a zona de “piques” em que está a bola, dentro da qual não pode ser “pego”. Na posse da bola, realizar a travessia de volta ao seu campo, também sem ser tocado por nenhum oponente. Caso isso ocorra com sucesso, é marcado um ponto para o seu time, e os jogadores das duas equipes se dividem nos dois campos para que seja iniciada uma nova jogada.

Caso o jogador seja tocado por um defensor adversário, deve permanecer “duro”, ou seja, fixo no local em que foi “pego”, até ser tocado por um jogador do seu próprio time. Se o atacante é “pego” de posse da bola, durante a travessia de volta, deve devolvê-la à zona de “piques” e permanecer aguardando ser “salvo”.

O jogo, portanto, envolve basicamente os papéis de atacante, defensor e “salvador”, e o educador pode estabelecer como regra que, a cada jogada ou ponto, ocorra um rodízio de jogadores em cada uma dessas funções.

VARIAÇÕES

- ⦿ Incluir a possibilidade de que seja feito um arremesso da zona de “piques” para um outro jogador da mesma equipe, desde que esse se encontre no





campo do adversário. É possível, inclusive, ser considerado “salvo” o jogador que estiver paralisado numa posição e receber o arremesso.

- ⑥ Tornar obrigatório que a travessia do campo do adversário seja feita quicando a bola no solo.
- ⑥ Utilizando bolas pequenas (tipo tênis), é possível criar uma variação interessante. Cada time começa a jogada de posse da bola no seu próprio campo, e tem por objetivo atravessar o campo do adversário e colocar a bola na zona de “piques”. Fica também permitido esconder a bolinha na roupa, ou seja, dificultando para o adversário saber quem realmente é o atacante que oferece perigo, e exerça a função de defesa sem saber quem está de posse da bola. Nessa variação, é necessário fazer uma pausa entre um ponto e outro para que as equipes possam esconder a bolinha e definir sua estratégia de jogo.

3. VASSOUROBOL

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⑥ 1 bola
- ⑥ 2 vassouras
- ⑥ 2 cadeiras

MODO DE JOGAR

O grupo é dividido em duas equipes, e os jogadores são numerados individualmente.

Cada equipe se posiciona na linha de fundo da extremidade do campo de jogo, um ao lado do outro, na ordem da numeração feita.

Sobre cada linha de fundo é colocada uma cadeira, que servirá como gol ou meta, e sobre cada cadeira é colocada uma vassoura comum. Uma bola é colocada no centro do campo de jogo.

Ao sinal do educador, que enuncia um determinado número, os dois jogadores de cada equipe correspondentes a esse número pegam as vassouras e, utilizando-as como tacos de hóquei, tentam empurrar a bola para dentro da meta adversária.

A rodada termina após todos os jogadores terem sido chamados e os pontos são contados. Recomenda-se que a numeração seja feita considerando uma correspondência com o grau de habilidade de cada criança.

VARIAÇÕES

- ⑥ Em vez de vassouras, podem ser utilizados os pés e os movimentos do futebol, ou as mãos e os movimentos do handebol.

4. BOLA AO CENTRO

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 1 ou 2 bolas

MODO DE JOGAR

A organização do campo e dos jogadores é semelhante à do jogo anterior, e utiliza-se apenas a bola no centro do campo.

Ao sinal do educador, cada dupla correspondente ao número enunciado corre ao centro do campo e tenta pegar a bola antes do adversário.

O jogador que pega a bola primeiro tenta retornar à sua equipe; caso consiga chegar de volta à linha de fundo, marcará um ponto.

O jogador sem a bola persegue o adversário, tentando tocá-lo antes que retorne ao seu campo.

O ponto resulta do sucesso de uma dessas duas tarefas.

VARIAÇÕES

- ⊗ São colocadas duas bolas no centro, e o campo é dividido ao meio por uma linha desenhada no chão.
- ⊗ Um dos jogadores pega uma das bolas e tenta retornar ao seu time. O outro jogador, sem ultrapassar a linha central, tenta “queimá-lo” através de um arremesso com a segunda bola.
- ⊗ O sucesso da primeira tarefa resulta em dois pontos e o da segunda tarefa, em um ponto.

5. GUERRA DAS BOLAS

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 1 bola de plástico grande e leve
- ⊗ Bolas de borracha em número equivalente à metade dos participantes
- ⊗ Giz
- ⊗ Rede de voleibol (para a variação)
- ⊗ 1 bola de plástico (para a variação)

MODO DE JOGAR

No campo de jogo é desenhado um grande círculo (o diâmetro depende do alcance de arremesso das crianças e do espaço disponível). Esse grande círculo é dividido ao meio por uma linha central.

Cada equipe recebe um número de bolas correspondente à metade do





número de jogadores e ocupa uma das metades do círculo, posicionando-se fora dele.

No centro do círculo é colocada a bola de plástico, diferente das distribuídas aos jogadores.

O objetivo do jogo é atingir a bola central com as demais, de forma a empurrá-la em direção ao campo do adversário, tentando fazer com que ela ultrapasse a linha, ou seja, saia do círculo.

Para a defesa, é válido utilizar as próprias bolas de arremesso e as mãos, sendo proibido chutar qualquer das bolas do jogo.

Para ambas as equipes, é proibido entrar no círculo.

Cada vez que é feito um ponto, as bolas dispersas no interior do círculo são recolhidas e divididas, a bola central é colocada na sua posição original, e inicia-se uma nova rodada.

VARIAÇÕES

- ⦿ São utilizadas duas bolas centrais, em vez de uma.
- ⦿ Para dificultar as ações, é colocada uma rede de vôleibol sobre a linha central, numa altura que permita a passagem da bola central.

6. CARIMBO

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⦿ 1 bola

MODO DE JOGAR

Esse jogo é similar à queimada, mas transcorre num campo no qual se delimita apenas onde é dentro e onde é fora — não existem linhas divisórias de qualquer tipo. Também não existem equipes, pois a participação é individual: cada um por si, todos contra todos.

O objetivo principal do jogo é atingir o maior número possível de adversários, arremessando a bola na sua direção. Quando o adversário é atingido, ele deve agachar, e fica temporariamente nessa posição, até que recupere a bola de alguma maneira.

A única restrição que existe é que não é válido correr de posse da bola, ou seja, o jogador que tem a bola tem de tentar “queimar” os adversários a partir da posição em que se encontra.

Só é válido correr para tentar pegar a bola, e para fugir de ser “queimado”. Caso aconteça de sobrar apenas um jogador em pé, ele será considerado vencedor e é reiniciada outra rodada.

VARIAÇÕES

- ⦿ São utilizadas duas bolas, em vez de uma.
- ⦿ Organizam-se duplas ou trios, em vez da dinâmica individual. Essa variação enriquece o desenvolvimento das habilidades de passar e arremessar e os deslocamentos dos jogadores.
- ⦿ Inclui-se a seguinte regra: quando um jogador consegue agarrar o arremesso feito por outro, com a intenção de “queimá-lo”, sem permitir que a bola caia no chão, o jogador que fez o arremesso é considerado “queimado” e tem de agachar.

7. QUEM TOCA MAIS GANHA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⦿ 1 bola

MODO DE JOGAR

Num campo aberto, somente com duas delimitações laterais e duas linhas de fundo, duas equipes espalhadas aleatoriamente têm como objetivo trocar o maior número possível de passes, sendo que estes não podem ter a interferência de qualquer membro da equipe adversária.

Cada toque representa um número na contagem, que deve ser feita paralelamente aos passes, em voz alta.

Quando um passe sofrer interferência da equipe adversária, a contagem recomeça do zero.

VARIAÇÕES

- ⦿ Determina-se um tempo para cada equipe realizar a desafio.
- ⦿ Cada equipe tem três chances de realizar o maior número possível de passes, e conta-se o maior deles ou a soma dos três.
- ⦿ A cada interceptação, a equipe que a fez ganha a posse da bola.
- ⦿ Realizar essa atividade com as mãos.
- ⦿ Variar o tamanho e o peso das bolas.
- ⦿ Não poder deixar a bola cair no chão — o passe tem de ser aéreo.
- ⦿ O passe só pode ser quicando.





8. ALERTA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⦿ Bola

MODO DE JOGAR

Não é preciso delimitar o espaço para esse jogo. É necessário apenas que não existam obstáculos no terreno que possam representar algum perigo para os alunos.

Com todos os jogadores próximos uns dos outros, um deles na posse de uma bola qualquer, arremessa-a para o alto e grita o nome de alguém do grupo, enquanto todos fogem o mais rapidamente possível. Simultaneamente, o jogador cujo nome foi anunciado, corre atrás da bola e, ao pegá-la, grita: “Alerta!”.

Nesse momento, todos os demais têm de ficar estacionados no lugar em que estavam. O jogador com a bola tenta arremessar na direção de um dos demais, tentando “queimá-lo”. Independentemente do sucesso dessa tentativa, o jogador que foi o alvo será o iniciante da próxima rodada.

9. BEISEBOL DE CHUTE, OU REBATIDA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⦿ 1 bola
- ⦿ 1 taco

MODO DE JOGAR

Os participantes são divididos em duas equipes, e no espaço é delimitado um quadrado com laterais medindo 8 metros de comprimento, mais ou menos.

Num dos vértices do quadrado (chamado de **base 1**) ficará o rebatedor da equipe que ataca em primeiro lugar; os demais vértices são chamados de **bases 2, 3 e 4**. A outra equipe se distribui pelo espaço, do lado de fora do quadrado, para defender.

O educador se coloca no centro do quadrado e, desse ponto, joga uma bola na direção do rebatedor (rolando, quicando ou pelo alto, sem bater no chão).

Um de cada vez, os jogadores da equipe atacante se posicionam na **base 1** e tentam rebater a bola o mais longe possível (chutando, com um tapa ou com um taco). Assim que rebate, o atacante corre em direção à primeira base, enquanto os adversários vão buscar a bola e tentam “queimar” o rebatedor durante a sua corrida para a base. Dessa forma, as bases funcionam como “piques” para os rebatedores.

O rebatedor pode tentar chegar até a primeira base e, se julgar possível, prosseguir até as seguintes. Se se considerar ameaçado pela proximidade da bola, ele estaciona numa base e aguarda o rebatedor seguinte para tentar mais um trecho de corrida. Cada lateral do quadrado que for percorrida conta um ponto para a equipe do rebatedor, que pode portanto fazer um máximo de 4 pontos por rodada.

Caso ele seja “queimado” entre uma base e outra, ele dá a vez para o rebatedor seguinte, sendo no entanto contados os pontos das bases anteriores que foram percorridas. Em resumo, atacar significa rebater e correr, e defender significa interceptar a bola rebatida e, com ela, a corrida do rebatedor.

Quando todos os jogadores de uma equipe tiverem feito a rebatida e a corrida, somam-se os pontos da equipe, e as equipes trocam de papel de ataque e defesa.

10. CÂMBIO

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 1 bola
- ⊗ Rede de vôlei ou corda

MODO DE JOGAR

Esse jogo é uma simplificação do voleibol. O espaço, a altura da rede e o número de participantes são estabelecidos conforme a conveniência do momento, e o sistema de contagem de pontos permanece o mesmo do jogo oficial. Mas em vez da utilização do toque e da manchete, os jogadores podem agarrar a bola que vem do campo adversário, trocar passes entre si e arremessá-la de volta com uma das mãos ou com as duas.

Com o objetivo de favorecer a participação dos jogadores, pode-se combinar um determinado número mínimo de passes entre uma equipe, antes de a bola ser arremessada ao campo do adversário.

11. TACO OU BÉTIS

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 1 bola pequena de borracha
- ⊗ 2 tacos de madeira
- ⊗ 2 “casinhas” (feitas com varetas de madeira, ou outra coisa que sirva de alvo)





MODO DE JOGAR

Quatro jogadores, em duplas, alternam os papéis de ataque e defesa. São utilizados dois tacos de madeira, uma bolinha de borracha e duas “casinhas” construídas com três varetas de madeira apoiadas entre si, num formato de pirâmide.

O campo de jogo é delimitado com a demarcação de dois círculos no chão (“selas”), de aproximadamente 1 metro de diâmetro, onde serão colocadas as “casinhas”, ou outro alvo similar (latas, garrafas plásticas).

A distância entre as “selas” varia conforme o espaço disponível e com a força e precisão de arremesso dos jogadores; em geral não ultrapassa os 10 a 15 metros.

Realiza-se um sorteio inicial para determinar que dupla fica de posse da bolinha e que dupla fica de posse dos tacos.

A dupla que começa com a bola posiciona cada um dos jogadores atrás de uma das “selas”; dessa posição, arremessa a bola na direção da “casinha” oposta, tentando derrubá-la.

A dupla que fica de posse dos tacos se posiciona na frente das “selas”, com a ponta do taco encostada no chão, sem pisar dentro do círculo, com dois objetivos básicos: evitar que sua “casinha” seja derrubada e rebater a bola o mais longe possível. Quando isso ocorre, enquanto a dupla de defesa vai recuperá-la, os jogadores de ataque correm um em direção ao outro, “cruzando” os tacos no alto e retornando às “selas”. Cada “batida” entre os tacos vale um ponto.

A dupla de defesa pode ganhar a posse dos tacos e passar a atacar caso:

- ⊗ consiga derrubar uma “casinha” com um arremesso;
- ⊗ consiga atingir um jogador de ataque com a bolinha, enquanto ele estiver com o taco fora da “sela”, seja durante a corrida, seja durante a própria tentativa de rebater;
- ⊗ ocorra o “três pra trás”, que consiste em três tentativas de rebater em que a bolinha toca no taco mas vai para trás, e não para frente.

12. DOIS TOQUES (FUTEBOL)

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 1 bola

MODO DE JOGAR

Organização e regras do futebol convencional, com restrição apenas ao número de dois toques na bola permitido a cada jogador, podendo ser ampliada gradativamente. Quando alguém dá mais toques que o permitido, é falta a ser cobrada pelo adversário.

13. ATAQUE E DEFESA (FUTEBOL)

O campo de jogo é dividido ao meio, e as equipes também. Os jogadores da defesa não podem ultrapassar a linha de meio-de-campo, e os jogadores de ataque não podem recuar para seu próprio campo de defesa.

No caso de alguém desrespeitar a regra, é falta a ser cobrada pelo adversário no ponto em que o meio-de-campo foi ultrapassado indevidamente. As demais regras permanecem sendo as oficiais.

VARIAÇÕES

- ⊗ Um goleiro, cinco jogadores na defesa e cinco jogadores de ataque.
- ⊗ Um goleiro, sete jogadores na defesa e apenas três de ataque.
- ⊗ Um goleiro, três jogadores na defesa e sete no ataque.

Sugere-se que as três variações sejam utilizadas numa mesma aula, e que se faça um revezamento dentro dos próprios times, para que todos tenham a oportunidade de jogar no gol, na defesa e no ataque.

14. CONTROLE (FUTEBOL)

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 1 bola

MODO DE JOGAR

Jogo realizado em pequenos grupos, de até seis jogadores. Um desses jogadores será o goleiro; a meta que ele irá defender deve estar bem delimitada, pois o acerto ou o erro nesse jogo depende disso.

O goleiro tem a seu favor uma área próxima a sua meta, também previamente combinada, que não pode ser utilizada pelos jogadores atacantes para chutar a bola em direção ao gol, valendo apenas cabeceá-la.

Os demais jogadores devem trocar passes entre si, evitando que a bola toque o solo entre um jogador e outro, ou seja, “controlando” a bola no ar. Os atacantes tentam fazer o gol, chutando ou cabeceando a bola de “primeira”, emendando uma bola recebida pelo alto, ou depois de dominá-la sem deixar cair no chão.

Caso o arremate seja feito para fora da meta, o jogador responsável perde um ponto, e a cada três pontos perdidos ele assume a posição do goleiro, que passa a jogar como atacante.

Caso o gol aconteça, o goleiro perde um ponto e a cada três pontos perdidos os pontos negativos dos atacantes são “zerados”.

O interesse do goleiro, portanto, é defender a sua meta da maneira mais eficiente possível, para forçar o erro dos atacantes e poder assumir o seu lugar.





15. REBATIDA E DRIBLE (FUTEBOL)

MATERIAL NECESSÁRIO

⦿ 1 bola

MODO DE JOGAR

Esse jogo é realizado com quatro jogadores, em duas duplas.

Uma das duplas defende o gol (caso a meta seja de futsal, um dos jogadores fica como goleiro e o outro se coloca ao lado da trave; caso a meta seja de futebol de campo, os dois jogadores assumem a posição de goleiros). A outra dupla realiza a cobrança de “pênaltis”, de uma distância combinada previamente.

Quando ocorre de o(s) goleiro(s) rebater(em) a bola, surge a possibilidade de uma disputa rápida com dribles e passes entre as duplas de ataque e defesa, que pode ou não resultar em gol.

Cada jogador realiza três cobranças, podendo portanto a dupla de ataque conseguir totalizar um máximo de seis gols.

Em seguida, invertem-se os papéis e a dupla que defendeu vai fazer as cobranças, comparando-se os resultados no final.

16. CINCO CORTA (VÔLEI)

MATERIAL NECESSÁRIO

⦿ 1 bola

MODO DE JOGAR

Jogo realizado em pequenos grupos de mais ou menos dez jogadores, utilizando os movimentos fundamentais do vôlei.

Os jogadores formam um círculo no espaço disponível e trocam a bola entre si, utilizando o “toque” e a “manchete”.

No quinto “toque”, o jogador tenta atingir um dos demais utilizando uma “cortada”.

Se o jogador alvo da “cortada” for atingido, ele se agacha no centro do círculo de jogadores. Caso ele consiga desviar-se, ou agarrar a bola sem deixá-la cair no chão, o jogador que efetuou a “cortada” vai para o centro.

À medida que o jogo vai transcorrendo, alguns jogadores vão se juntando no centro do círculo, e esse grupo de jogadores também pode ser alvo das “cortadas” dos demais.

Quando alguém do centro consegue agarrar a bola que foi “cortada” na sua direção, ele troca de lugar com o jogador que efetuou a “cortada”.

Caso só reste um jogador em pé, ele é declarado vencedor e se inicia uma nova rodada.

17. VINTE E UM (VÔLEI)

MATERIAL NECESSÁRIO

⊙ 1 bola

MODO DE JOGAR

A organização desse jogo é semelhante à do **câmbio**. A variação ocorre na forma de pontuação.

O campo de jogo de cada equipe é dividido em quatro partes iguais e cada quadrado desses é numerado de 1 a 4. Quando a bola arremessada toca o solo, o ponto realizado corresponde à numeração de cada quadrado.

À medida que o jogo vai transcorrendo, os pontos vão sendo somados com o objetivo de totalizar 21, não podendo, no entanto, ultrapassar esse total. Caso isso aconteça, a equipe “estoura” a contagem e recomeça de 11 pontos.

Portanto, quando cada uma das equipes vai se aproximando dos 21 pontos, deve direcionar a bola para os quadrados demarcados no campo do adversário que permitam que a soma de pontos seja exatamente 21.

No lado da outra equipe, é justamente nesses quadrados que devem ser concentrados os esforços da defesa.

É possível, ainda, utilizar os movimentos fundamentais do vôlei, em vez de apenas arremessos, utilizando a mesma organização de regras e contagem de pontos.

18. CABRA-CEGA

MATERIAL NECESSÁRIO

⊙ 1 venda para os olhos

MODO DE JOGAR

Esse jogo constitui um ótimo recurso para atividades em dias de chuva, pois pode ser realizado dentro de sala de aula, ou em espaços mais restritos.

Um pegador tem seus olhos vendados por um lenço ou similar; depois de girar o corpo em torno de si mesmo algumas vezes, tenta pegar os demais utilizando os sentidos do tato e da audição.

Aos demais, cabe apenas tentar fugir e confundir o pegador, sendo proibido, no entanto, tocá-lo.





Quando alguém é pego, tem seus olhos vendados e assume o papel de pegador.

O interessante da atividade é a utilização de sentidos que normalmente são menos usados no cotidiano.

19. COELHINHO SAI DA TOCA

MATERIAL NECESSÁRIO

☉ Bambolês ou giz para desenhar no chão

MODO DE JOGAR

Dentro de um espaço determinado previamente, as crianças se distribuem em “tocas” configuradas por bambolês, ou por círculos desenhados com giz no chão.

Normalmente, faz-se uma “toca” a menos do que o total de participantes, ficando um deles sem “toca”.

O educador diz o mote da brincadeira: “Coelhinho, sai da toca, um, dois, três!”. As crianças devem abandonar a sua posição original e procurar outra toca, correndo o risco de ficar sem nenhuma.

Esse jogo favorece os deslocamentos e a percepção do espaço. Podem-se variar as formas de deslocamento, saltando num dos pés, engatinhando, ou quicando uma bola. É possível ainda, quando o desempenho corporal já for mais eficiente, propor que as “tocas” sejam ocupadas por duplas e trios.

20. PEGA-PEGA CORRENTE

MATERIAL NECESSÁRIO

☉ Espaço livre para correr

MODO DE JOGAR

Deve-se delimitar o espaço no qual a brincadeira vai ocorrer, antes de o jogo começar. A organização da brincadeira caminha de uma atuação individual para uma atuação coletiva.

Escolhe-se um pegador, e os demais se espalham pelo espaço de jogo. Quando alguém for pego, dá a mão para o pegador e passa a atuar em dupla com ele. Em seguida em trio, quarteto, e assim sucessivamente, formando uma “corrente”, até que reste apenas um fugitivo, que será declarado vencedor.

21. MÃE DA RUA

MATERIAL NECESSÁRIO

☉ Giz para demarcar o espaço

MODO DE JOGAR

O espaço de jogo é dividido como se fosse uma rua, ou seja, duas calçadas em paralelo, divididas por um espaço central correspondente à rua.

O jogo é disputado individualmente. Escolhe-se um pegador e as demais crianças se posicionam nas calçadas.

O jogo consiste em atravessar a rua de uma calçada para a outra, sem ser tocado pelo pegador; caso isso aconteça, os papéis se invertem: o pegador vira fugitivo e o “atravessador” que foi pego vira pegador.

Uma variação possível é manter como pegadores todas as crianças que forem sendo pegas, até que reste apenas um “atravessador”, que será declarado vencedor daquela rodada.

Pode-se, ainda, variar a forma de fazer a travessia, saltando numa perna só, ou em duplas de mãos dadas. Ou ainda, cada criança quicando uma bola; neste caso, ao ser pega, ela deve dar a sua bola ao pegador, que passa a fugir.

22. NUNCA TRÊS

MODO DE JOGAR

Os jogadores se distribuem aleatoriamente pelo espaço determinado para o jogo, organizados em duplas de braços dados. São designados um pegador e um fugitivo.

Quando o fugitivo se cansa, procura o “pique” em alguma das duplas espalhadas pelo espaço, e entrelaça os braços com um dos componentes da dupla. O componente da dupla do lado oposto se solta o mais rapidamente possível e passa a ser o fugitivo.

A variação possível para essa atividade é inverter o papel desse componente, de fugitivo para pegador.





23. FUGI FUGI

MATERIAL NECESSÁRIO

☉ Espaço livre para correr

MODO DE JOGAR

Num espaço similar a uma quadra, todos os jogadores, menos um que será o pegador, posicionam-se atrás de uma das linhas de fundo, voltados em direção ao campo de jogo.

O pegador se posiciona atrás da linha de fundo oposta, também voltado na direção do centro do campo. O pegador inicia cada rodada dizendo: “Lá vou eu!”. E corre na direção dos demais jogadores, tentando tocá-los.

Depois de responderem: “Fugi, fugi!”, os jogadores correm tentando chegar à linha de fundo oposta sem serem tocados. Caso isso aconteça, transformam-se em pegadores fixos, ou seja, a cada nova corrida podem tentar pegar os demais, sem, no entanto, sair da mesma posição em que foram pegos.

Ao final, o último fugitivo que restar é declarado vencedor, e inicia-se uma nova rodada.

(Extraídos de *Cadernos da TV Escola — Educação Física*, de Marcelo Barros da Silva e Claudia R. Aratangy)

JOGOS DE CARTAS PARA CRIANÇAS

1. BUM!

Jogadores: Duas ou mais pessoas.

Cartas: Um baralho comum.

Objetivo: Ser o primeiro a se livrar de todas as cartas.

Distribuição: Todos tiram uma carta. Quem ficar com a maior fará a distribuição das cartas (o Ás é a carta maior), em sentido horário, uma a uma, fechadas, até que todos tenham sete. O restante do baralho, que chamaremos de “maço de compras”, é colocado no centro da mesa.

Jogo: Cada jogador olha suas cartas, separando-as na mão. Digamos que o jogo esteja sendo disputado por Pedro, Lúcia, Solange e Paulo.

Paulo distribui as cartas e Pedro, à sua esquerda inicia o jogo, escolhendo uma carta de sua mão e colocando-a, aberta, no centro da mesa.

Lúcia, a jogadora seguinte, precisa jogar uma carta que seja do mesmo

naipes, ou do mesmo valor, da carta jogada por Pedro. Suponhamos que Pedro tenha jogado um valete de ouros: Lúcia então precisa jogar uma carta de ouros, ou outro valete. Ela decide jogar um valete de paus. Solange, que está à sua esquerda, precisa jogar uma carta de paus, ou outro valete.

Se um jogador não puder acompanhar o naipe ou o valor, retira uma carta do maço de compras; vai retirando, uma a uma, até poder acompanhar a carta da pilha aberta. Se todas as cartas forem retiradas, e nenhuma servir, o jogador diz: “Passo”, e passa a vez ao jogador seguinte.

Quando todos tiverem jogado ou passado, as cartas são comparadas, para verificar qual é a maior; quem a jogou será o primeiro a recomençar.

Pedro jogou um valete, Lúcia outro valete, Solange passou e Paulo jogou um Ás. Portanto, Paulo irá começar, pois sua carta é a mais alta.

Se dois ou mais jogadores empatarem na carta mais alta, aquele que jogou primeiro recomença o jogo.

Fim: O vencedor será o primeiro que se livrar de todas as cartas e gritar: “Bum!”.

2. ANOTE O BUM!

Esse jogo é uma variante do Bum!, tornado mais interessante pela introdução de um sistema de anotações.

É jogado da mesma maneira, mas são jogadas diversas rodadas e os pontos vão sendo marcados, para a explosão.

Quando um jogador explodir, marcará pontos para todas as cartas não jogadas ainda nas mãos dos adversários.

Os pontos são marcados da seguinte forma:

- ⊗ 10 pontos para cada rei, dama ou valete;
- ⊗ 1 ponto para cada ás;
- ⊗ para qualquer outra carta, seu valor numérico.

O jogo está sendo disputado entre três jogadores: Marcelo, Ana e Lúcia.

Marcelo termina suas cartas e diz “Bum!”. Ana tem na mão um rei, um 8 e um 3: $10 + 8 + 3 = 21$; Lúcia tem um ás, um 10, um valete e um 2: $1 + 10 + 10 + 2 = 23$. Portanto, somando as cartas de Ana e Lúcia, serão anotados 44 pontos em favor de Marcelo.

Nas rodadas seguintes, os pontos também são contados e marcados e o primeiro a marcar um determinado número de pontos, por exemplo 250, será o vencedor.





3. A BATALHA

Jogadores: Duas pessoas.

Cartas: Um baralho comum completo.

Objetivo: Cada jogador deverá procurar ganhar todas as cartas.

Distribuição: Um dos participantes distribui todas as cartas. Cada um põe suas cartas bem empilhadas, fechadas à sua frente. É proibido olhar as cartas.

Jogo: Vamos supor que Helena e Maria estejam jogando. Cada uma abre uma carta de cima da sua pilha e coloca-a sobre a mesa (não faz diferença se uma abrir a carta antes da outra). A que abrir a carta mais alta pega as duas cartas, mesmo que sejam de naipes diferentes, e as coloca, fechadas, embaixo de sua pilha.

As duas repetem a jogada com a carta de cima da pilha, e a que tiver a carta mais alta fica com as duas.

As jogadas se repetem assim, sucessivamente, até terminarem as duas pilhas.

Se as cartas forem iguais, está declarada a guerra.

As cartas são deixadas na mesa, e Helena e Maria jogam mais uma carta, desta vez fechada, sobrepondo-a à carta que ficou na mesa, mas sem cobri-la totalmente; jogam mais uma carta, aberta, sobrepondo-a à segunda.

Quem tirar a carta mais alta entre as duas últimas fica com as seis cartas. Se as duas últimas cartas forem iguais, a Batalha entra na segunda fase, e cada participante joga mais uma carta fechada e outra aberta; quem tirar a carta mais alta ficará com as dez cartas.

Fim: O vencedor do jogo será:

1. o primeiro a ganhar todas as cartas; ou
2. o jogador que tiver maior número de cartas a uma determinada hora fixada para terminar o jogo.

4. TRINTA E UM

Jogadores: Três ou mais (quanto mais, melhor)

Cartas: Um baralho comum.

Objetivo: Reunir três cartas do mesmo naipe que somem 31, ou conseguir juntar três cartas do mesmo valor.

Valor das cartas: Os ases valem 11; reis, damas e valetes, 10 pontos cada; as outras cartas têm o valor indicado nelas. A única forma de juntar três cartas que somem 31 é conseguir um ás e duas cartas que valham dez pontos cada.

Três cartas do mesmo valor equivalem a 30,5 pontos e ganham de qualquer outro jogo, exceto três cartas do mesmo naipe valendo 31. Três ases ga-

nham de três reis e assim até os três 2, que são as três cartas iguais de menor valor.

Distribuição: O distribuidor será aquele que tirar a carta mais alta. Dará três cartas a cada jogador, uma a uma, fechadas, em sentido horário. Porá, também, três cartas abertas no centro da mesa.

Jogo: Cada jogador deve recolher e olhar suas cartas. Suponhamos que o jogo esteja sendo disputado por Marcelo, Márcia e Paulo.

Paulo distribui as cartas e Marcelo, à sua esquerda, inicia o jogo, trocando qualquer uma de suas cartas por uma das abertas na mesa. Márcia, à sua esquerda, faz o mesmo, trocando uma de suas cartas por uma das três agora sobre a mesa; e assim por diante.

O jogo continua assim, até que um dos participantes pense ter em mãos três cartas que possam ganhar de qualquer mão que seja mostrada.

Digamos que Marcelo tenha em mãos um ás, um rei e um 8 de copas — portanto, 29 pontos. Ele acredita que nenhum outro jogador possa ter entre suas cartas um total que se aproxime mais de 31 do que o seu. Quando for sua vez de trocar as cartas, ele não o faz: bate na mesa para mostrar que está “satisfeito”. Todos os outros jogadores terão de trocar as cartas mais uma vez, ou se algum outro jogador também estiver “satisfeito”, deve bater na mesa e a vez passa a ser do seguinte, até que o jogo volte àquele que bateu primeiro.

Cada jogador mostrará então suas cartas e ganha quem tiver o melhor jogo.

Como no exemplo acima, um jogador não precisa esperar até ter 31 pontos, ou três cartas iguais, antes de bater. Às vezes é melhor ficar “satisfeito” com cartas razoáveis (que somem 29 ou 30, por exemplo), para impedir que os outros consigam melhorar muito suas mãos com as trocas de cartas.

Pode-se adotar um marcador que mostre o número de rodadas que cada jogador venceu e pode-se jogar com fichas.

(Jogos extraídos do livro *50 Jogos com Cartas para Crianças*, Copag)

BIOGRAFIAS

DOM PEDRO I

Dom Pedro I (1798-1834), primeiro imperador do Brasil, era filho de Dom João VI e de D. Carlota Joaquina. Proclamou a Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822. Em 12 de outubro de 1822, foi aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.





CECÍLIA MEIRELES

Cecília Meireles nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro, e morreu em 9 de novembro de 1964, nessa mesma cidade. Dedicou sua vida às letras, escrevendo suas obras e lecionando Literatura Brasileira. Seus escritos caracterizam-se pela grande sensibilidade e delicadeza.

Algumas de suas obras são: *Espectros*; *Vaga música*; *Romanceiro da Inconfidência* (poesia); *Giroflê, giroflá*; *Escolha seu sonho* (prosa).

Além de ser uma grande representante da poesia brasileira, uma das mais célebres, destacou-se ainda em outros gêneros como: crônicas, contos, romances etc.

GONÇALVES DIAS

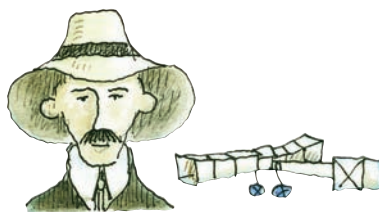
A cidade de Caxias, no Maranhão, foi berço do grande poeta Antônio Gonçalves Dias (1823-1864). O pai era português e a mãe, cafuza, isto é, mestiça de índio com negro: tinha o poeta, no sangue, a herança de três povos. Manifestou em seus versos a influência desse cruzamento, demonstrando atração irresistível pelo indígena brasileiro.

O maior poeta lírico brasileiro. Na literatura nacional, representa Gonçalves Dias o mesmo papel que Alencar no romance: o cantor de *Os Timbiras* e o romancista de *Iracema* têm a face comum do indianismo. Foi ainda um dos chefes do movimento que libertou as nossas letras do velho classicismo português.

Obras: *Marabá*; *Mãe d'água*; *Leito de folhas verdes*; *Gigante de pedra*; *I-Juca Pirama*; *Os Timbiras*; *Sextilhas de frei Antônio*; *Primeiros contos*; *Segundos contos*; *Dicionário da língua tupi*.

SANTOS DUMONT

Inventor, construtor e aviador brasileiro, cognominado “Pai da Aviação”. Nasceu na Fazenda Cabangu, perto da cidade de Palmira, hoje Santos Dumont, em Minas Gerais. Resolveu o problema da dirigibilidade dos balões (1901) e realizou o primeiro voo público de um avião, com o seu 14-Bis, em 23 de outubro de 1906.



Seleção dos textos
Claudia Rosenberg Aratangy

Coordenação e projeto gráfico
Departamento Editorial da FDE
Brigitte Aubert

Revisão
Sandra Miguel

Ilustração
Luiz Maia

Editoração
Azul Publicidade e Propaganda

Adequação ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
Luiz Thomazi Filho – revisão
Daniele Fátima Oliveira (colaboradora) – editoração

CTP, impressão e acabamento
Esdeva Indústria Gráfica S/A

Tiragem
235.000 exemplares

